



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
CAMPUS FLORESTA
CENTRO DE EDUCAÇÃO E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HUMANIDADES E
LINGUAGENS

THAÍS MELO GOMES RAMALHO

**MEMÓRIAS E VOZES SILENCIADAS: LEITURAS SOBRE ESCRAVIZAÇÃO,
RACISMO E MARGINALIZAÇÃO EM BECOS DA MEMÓRIA,
DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

CRUZEIRO DO SUL – ACRE

2022

THAÍS MELO GOMES RAMALHO

**MEMÓRIAS E VOZES SILENCIADAS: LEITURAS SOBRE ESCRAVIZAÇÃO,
RACISMO E MARGINALIZAÇÃO EM BECOS DA MEMÓRIA,
DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Federal do Acre – *Campus* Floresta para a obtenção do título de mestre(a) em Ensino de Humanidades e Linguagens.

Orientador: Prof. Dr. Yvonélio Nery Ferreira

CRUZEIRO DO SUL – ACRE

2022

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Setorial de Cruzeiro do Sul - UFAC

- R166m Ramalho, Thaís Melo Gomes. 1994-
Memória e vozes silenciadas: leituras sobre escravização, racismo e marginalização em becos da memória / Thaís Melo Gomes Ramalho; Orientador: Dr. Yvonélio Nery Ferreira. - 2022.
86 f.; 30 cm.
- Dissertação – Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens, Cruzeiro do Sul - AC, 2022.
Inclui referências bibliográficas.
1. Escravidão. 2. Identidade. 3. Memória. I. Ferreira, Yvonélio Nery. II. Título.

CDD: 863

Bibliotecária: Jéssica Maia Amadio CRB-11º/1009

**MEMÓRIAS E VOZES SILENCIADAS: LEITURAS SOBRE ESCRAVIZAÇÃO,
RACISMO E MARGINALIZAÇÃO EM BECOS DA MEMÓRIA,
DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Thaís Melo Gomes Ramalho

Dissertação defendida em 26/05/2022 e considerada APROVADA para a obtenção do Título de Mestre em Ensino de Humanidades e Linguagens – Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Federal do Acre, *Campus Floresta*.

Prof. Dr. Cleidson de Jesus Rocha
Coordenador do Curso

Banca examinadora:

Prof. Dr. Yvonélio Nery Ferreira
Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística (PPGLL) e Faculdade de Educação
(FE) – Universidade Federal de Goiás (UFG)
Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens (PPEHL/UFAC)
Orientador e Presidente

Profa. Dra. Daiana Nascimento dos Santos
Centro de Estudios Avanzados - Universidad de Playa Ancha – Chile (CEA/UPLA)

Prof. Dr. Amilton José Freire de Queiroz
Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens - Universidade
Federal do Acre (PPEHL/UFAC)

CRUZEIRO DO SUL – ACRE

2022

À minha família: pais, irmã e esposo.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por me sustentar e guiar até esta etapa. Alguns dias foram difíceis, mas em todos os momentos Ele esteve ao meu lado dando forças para continuar.

Aos meus pais, que sempre me incentivaram a continuar estudando e a nunca desistir dos meus sonhos.

Agradeço de modo especial, à minha irmã, a quem sempre recorri para fazer as traduções dos textos e até mesmo quando faltavam ideias do que escrever. A ela, toda a minha admiração.

Ao meu esposo, obrigada por acreditar em mim, ser meu porto seguro, entender minhas ausências e angústias.

Ao meu orientador, professor Dr. Yvonélio Nery Ferreira, pelas orientações, paciência e parceria. Sou grata por todo conhecimento partilhado ao longo da caminhada.

Aos professores do Programa de pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens – PPEHL, por toda dedicação e ensinamentos transmitidos no decorrer das disciplinas do curso.

*A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.*

*A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.*

*A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela*

*A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.*

*A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.*

*A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.
(Conceição Evaristo)*

RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade a análise da memória no romance *Becos da Memória*, da escritora mineira Conceição Evaristo, a fim de reconhecer seu valor expressivo, tendo como foco a memória como elemento constitutivo da narrativa negra apresentada pela escritora supracitada. Escolher Conceição Evaristo para este estudo, justifica-se pela sua importância para a literatura brasileira contemporânea, principalmente no tocante às relações da literatura afro-brasileira. Dessa forma, o estudo ancora-se na metodologia de pesquisa qualitativa e bibliográfica, apropriando-se do método dialético, tendo como pressupostos teóricos os seguintes autores: Kilomba (2019), Gilroy (2017), Halbwachs (2006), Bauman (2003), Hall (2006), Du Bois (1999), Fanon (2008), Le Breton (1997), Ferreira (2018), entre outros, que tratam de temas como: memória, identidade, silenciamento, racismo e escravização. O romance *Becos da Memória* apresenta em seu enredo uma história narrada a partir de lembranças que intercalam o tempo vivido da protagonista. Seu contexto histórico representa os descendentes de povos escravizados, que mesmo após a abolição sofreram para ganhar um espaço na sociedade devido a herança da escravidão no país. Legado esse que faz com que Conceição Evaristo lute pela representatividade negra dentro da literatura brasileira.

Palavras-chave: Escravização; Identidade; Memória.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo analizar la memoria en la novela *Becos da memória*, de la escritora de Minas Gerais, Conceição Evaristo, con el fin de reconocer su valor expresivo, centrándose en la memoria como elemento constitutivo de la narrativa negra presentada por la dicha escritora. La elección de Conceição Evaristo para este estudio se justifica por su importancia para la literatura brasileña contemporánea, especialmente en lo que respecta a las relaciones de la literatura afrobrasileña. De esta forma, el estudio se ancla en la metodología de la investigación cualitativa y bibliográfica, apropiándose del método dialéctico, teniendo como supuestos teóricos los siguientes autores: Kilomba (2019), Gilroy (2017), Halbwachs (2006), Bauman (2003), Hall (2006), Du Bois (1999), Fanon (2008), Le Breton (1997), Ferreira (2018), entre otros, que abordan temas como: memoria, identidad, silenciamiento, racismo y esclavitud. La novela *Becos da Memória* presenta en su trama una historia narrada a partir de recuerdos que intercalan el tiempo vivido del protagonista. Su contexto histórico representa a los descendientes de esclavos, que incluso después de la abolición sufrieron para ganar un espacio en la sociedad debido al legado de la esclavitud en el país. Este legado hace que Conceição Evaristo luche por la representación negra en la literatura brasileña.

Palabras clave: Esclavitud; Identidad; Memoria.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 MEMÓRIA E ESCRAVIZAÇÃO.....	14
1.1 PERFIL DA AUTORA	15
1.2 FORTUNA CRÍTICA SOBRE CONCEIÇÃO EVARISTO	18
1.3 ASPECTOS DA MEMÓRIA	20
1.4 ESCRAVIZAÇÃO, RACISMO E FERIDA COLONIAL.....	31
2 MEMÓRIA E DESFAVELAMENTO	42
2.1 FAVELAMENTO E DESFAVELAMENTO	42
2.2 SOBRE MARGINALIDADES.....	50
2.3 IDENTIDADES E RECONHECIMENTO	56
3 MEMÓRIA E DOR.....	65
3.1 A DOR DA MEMÓRIA.....	65
3.2 A DOR DO NÃO-LUGAR.....	69
3.3 A DOR DO SILENCIAMENTO	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80
REFERÊNCIAS.....	83

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa na área de Ensino de Humanidades, com o tema “Memórias e vozes silenciadas: leituras sobre escravização, racismo e marginalização em *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo”, tem por objetivo compreender a memória como fator essencial para a construção da identidade da sociedade, além de tratar questões voltadas para elementos da história da população negra em nosso país.

Mediante isso, é importante destacar sobre o Ensino das Humanidades dentro deste estudo, pois são abordados temas atuais e imprescindíveis na sociedade, que necessitam ser discutidos, principalmente no que se refere ao âmbito escolar, tendo em vista que assuntos como esses merecem atenção, reflexão e posicionamentos críticos.

Silva (2010. p. 34), afirma que as Humanidades são saberes disciplinares ensinados e cultivados nas escolas, desde o Ensino Básico até a Universidade, e que têm por objeto de estudo o homem enquanto animal, que fala, que escreve, que exprime e comunica a partir de textos orais e de textos escritos, assim criando mitos, religiões, poemas, narrativas, leis, ordenamentos jurídicos, sistemas filosóficos e teorias científicas que substanciam as civilizações e as culturas.

Assim, destaca-se a Lei nº 10.639/2003, presente na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), a qual tem por objetivo tornar obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, além de incluir, no conteúdo programático, o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade brasileira, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à história do Brasil.

Pensando em tais apontamentos, a literatura, enquanto parte das Humanidades, trata com propriedade dessas questões e merece notoriedade, pois, por meio dela, o papel social pode discutido, além de promover uma ampla reflexão a respeito das iniquidades sociais. Logo, levando em consideração a Lei citada, é importante que nas instituições escolares, sobretudo, no ensino médio, tais temáticas sejam abordadas com frequência, instigando, assim, os alunos a uma maior criticidade a respeito da importância da população negra na construção da sociedade brasileira, assim como sua carga cultural.

Nesse viés, desde o período da colonização do Brasil, o cenário artístico é marcado pelo sujeito afrodescendente, ou seja, o negro escravizado trouxe uma carga incomensurável de

cultura e tudo isso faz parte da construção da identidade cultural brasileira, contudo, esse legado fica, muitas vezes, silenciado e invisível dentro da sociedade e até na Literatura.

Dessa maneira, a escolha do romance *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo, justifica-se pela riqueza literária que compõe a obra, sendo considerada como uma das mais representativas da autora devido a forma como a memória é trabalhada e as inúmeras possibilidades de análise, além do fato de o romance pertencer à literatura afro-brasileira, narrando problemas do cotidiano dos afrodescendentes, num contexto atual que nos permite propor o presente estudo. A narrativa é constituída por indivíduos que são excluídos sociais, são eles: favelados, mendigos, prostitutas, desempregados, bêbados, entre outros, compondo um universo de sujeitos marginalizados, quase sempre ocultados e silenciados pela sociedade.

Há inúmeras temáticas abordadas na obra de Conceição Evaristo como escravização, fome, miséria, dor, preconceito, resistência, desfavelamento, entre outros. Desses citados, apenas três ganham destaque nesta pesquisa de dissertação de mestrado, mostrando-nos como a memória é fator essencial para a construção da narrativa, a qual é constituída de escrevivência, uma mistura das memórias da infância da autora com a ficção por ela construída.

Isto posto, serão contrastados, relacionados e analisados os seguintes pontos: memória e escravidão; memória e dor; memória e desfavelamento. Para tanto, abordaremos em cada tema, aspectos como racismo, ferida colonial, identidade, silenciamento, não-lugar, favelamento e desfavelamento.

Com base no diálogo entre questões humanísticas, históricas, culturais, políticas, sociais, entre outras, a partir do romance de Conceição Evaristo, será empregado o método dialético (utilizado em pesquisa qualitativa) enquanto recurso de interpretação da realidade, possuindo, segundo Michel (2015), o uso da discussão, da argumentação dialogada e da provocação como elementos essenciais. Além disso, será fundamental a pesquisa bibliográfica que, segundo Gil (1991), é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos e, atualmente, por meio de materiais disponibilizados via internet. Sendo assim, seu principal objeto de estudo é a obra literária em análise, a qual abordará temas como racismos, preconceitos, identidades, marginalidades e outros. Desse modo, *Becos da memória* traz uma representação da realidade, envolvendo assuntos sociais, históricos e raciais, com personagens representativos, permitindo conhecer, explorar e aprofundar sobre determinados conflitos que ainda se fazem latentes na sociedade brasileira contemporânea.

No primeiro capítulo – “Memória e Escravização” – foram abordadas as relações entre memória e escravização enquanto elementos estruturais do racismo na sociedade brasileira,

bem como elemento narrativo essencial e desvelador de aspectos do Brasil escravocrata, compreendendo suas consequências históricas, sociais, culturais, políticas e literárias.

Acerca dos pressupostos teóricos sobre memória, destacam-se Halbwachs (2006), Benjamin (1987), Bosi (2016), Le Goff (1996), entre outros. Esses autores são importantes, pois tratam a respeito do papel da memória, individual e coletiva, diante dos processos relacionados às temáticas presentes na obra aqui analisada.

No que tange à escravização, evidencia-se Kilomba (2019), Gilroy (2017), Almeida (2021), Pinsky (2010), entre outros. Estes teóricos abordaram temáticas relacionadas a racismo, escravidão, preconceito e ferida colonial.

No segundo percurso – “Memória e desfavelamento” – foram discutidas as relações entre memória favelamento, desfavelamento e marginalização enquanto componentes propulsores da construção de identidades dos descendentes de povos escravizados. Assim, Medina (1964), Davis (2006), Subutzki (2016) e SCHMIDT (2010), foram cruciais, uma vez que versam sobre conceitos referentes à favelamento e desfavelamento.

A respeito do tópico sobre marginalidades, destaca-se Bordenave (1983), Bauman (2003), Azevêdo (2012) e Castel (2013), os quais discutem sobre o conceito de marginalização, tipos de marginalização, segregação e desigualdade social.

Sobre identidades e reconhecimentos, evidenciam-se Pollak (1992), Candau (2011), Hall (2006) e Du Bois (1999), com apontamentos referentes aos conceitos de identidades, sua construção e fragmentação diante de situações vivenciadas no decorrer da história.

Por fim, o último capítulo – “Memória e Dor” – versará sobre os sujeitos descendentes de povos que foram escravizados e que sofrem com o sentimento de não-lugar, com políticas de silenciamento e com as marcas deixadas nesses indivíduos após o período escravocrata, e que, ao rememorar esse passado, ainda padecem e carregam consigo o legado de racismos, estereótipos e preconceitos existentes ainda hoje, bem como as ideologias segregacionistas de outros que inferiorizam e subalternizam a população negra. Os teóricos a seguir serão imprescindíveis para essa última fase: Ribeiro (2018), Mignolo (1998), Fanon (2008), Le Breton (1997) e Ferreira (2018).

Por fim, este trabalho pretende oportunizar reflexões sobre temáticas sociais e políticas importantes que merecem destaque dentro da sociedade atual, uma vez que a memória é fator essencial para a construção da identidade e é, também, por meio dela que é possível compreender pontos discutidos no que se refere aos afrodescendentes, entendendo, assim, os seus silêncios e suas lutas, a partir da análise do romance *Becos da memória*, de Conceição Evaristo.

1 MEMÓRIA E ESCRAVIZAÇÃO

Neste capítulo, serão abordadas questões tangíveis à escravidão, apresentando, para isso, um breve contexto histórico, político, social e cultural. Outra temática a ser discutida é a memória, elemento primordial para a construção da narrativa de Conceição Evaristo, *Becos da memória*. Nesse sentido, compreenderemos que a memória se entrelaça com experiências vividas pela autora e pelos personagens, que rememoram uma “dor” que ainda se faz presente, marcando inegavelmente, a história dos povos negros no Brasil, como uma ferida aberta e difícil de cicatrizar.

É sabido que no dia 13 de maio de 1888, foi sancionada a lei que aboliu a escravidão no Brasil, chamada de Lei Áurea ou Lei Imperial número 3.353. O projeto dessa lei foi elaborado e apresentado ao Senado Imperial Brasileiro pelo senador Rodrigo Augusto da Silva e, dois dias depois, sancionada pela Princesa Isabel que exercia, na ocasião, a função de Princesa Regente.

Desse modo, reportando-se ao abolicionismo, Florestan Fernandes (2007), acentua:

Apesar de seus ideais humanitários, o abolicionismo não conduziu os ‘brancos’ a uma política de amparo ao negro e ao mulato. Como o demonstram os resultados em análise pioneira de Roberto Simonsen, em trabalho magistral, nos momentos mais duros de transição existiram fazendeiros que defendiam a ideia da indenização. Nenhum deles se levantou em prol da indenização do escravo ou do liberto e, em consequência, os segmentos da população brasileira que estavam associados à condição de escravo ou de liberto viram-se nas piores condições de vida nas grandes cidades. (Fernandes, 2007, p. 62)

A referida lei tinha como objetivo pôr fim à escravidão, libertando o negro do trabalho escravo e desumano ao qual era submetido. Contudo, ao ser liberto, esse indivíduo não encontrava segurança para iniciar uma nova vida, pois faltavam políticas públicas para assegurar seus direitos como cidadão livre.

Assim sendo, mediante essa situação, a passagem da sociedade escrava para a sociedade livre não se deu em boas condições. O povo escravizado foi reduzido a uma condição marginal, na qual estão mantidos até o presente e condenados à miséria social.

Aliando tais questões ao tema da memória, é possível compreendê-la intimamente relacionada ao passado escravocrata da maioria dos personagens de *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo.

A memória nos faz refletir sobre o passado de uma sociedade, as lutas pelas quais passou e travou, principalmente quando se trata do povo afro-brasileiro. Ela é um elemento indispensável para a construção das identidades. É através dela que contamos e recontamos a história. Conceição Evaristo e seus textos, a partir de um processo memorialístico, recordam

momentos relativos ao tempo da escravidão, outros posteriores a ela e seus reflexos na vida da população negra. Representa, em suas narrativas, dores que jamais serão esquecidas, pois as recordações aparecem como flashes contínuos do passado, latentes no tempo presente.

Maurice Halbwachs (2006), em *Memória coletiva*, caracteriza a memória como “o que ainda é vivo na consciência do grupo para o indivíduo e para a comunidade”, isto é, a memória é capaz de representar continuamente o passado, caso ela não seja materializada/representada poderá desaparecer. Todavia, é por meio do grupo mantenedor que ela vive seu legado. Portanto, embora a memória seja a recuperação da experiência vivida, relacionando-se com o passado, ela também está intimamente ligada ao presente, uma vez que é nele que ela é (re)vivida.

É pensando em tais apontamentos que apresentamos, a seguir, uma fortuna crítica sobre a autora, no fito de deslindar e referendar a importância de sua escrita, assim como da literatura afro-brasileira, objetivando entender as lutas e traumas desse grupo social, presentes até hoje em nossa sociedade.

1.1 PERFIL DA AUTORA

Becos da memória, objeto central desta dissertação, é de autoria de Conceição Evaristo, escritora negra que nasceu em 29 de novembro de 1946, na Favela do Pindura Saia, que era localizada no alto da Avenida Afonso Pena, Belo Horizonte, área, atualmente, valorizada da capital. Com o tempo, a população que lá vivia foi desfavelizada e removida para outros bairros da cidade e da área metropolitana.

Conceição Evaristo teve uma infância muito difícil ao lado dos nove irmãos. Filha de dona Joana – doméstica e lavadeira – e de José – pai biológico, o qual a autora não sabe muito sobre ele. Desde muito jovem, por necessidade de ajudar a família, começa a trabalhar como doméstica, aos oito anos de idade.

A autora sempre mostrou interesse pelas letras. Sua mãe adorava contar histórias, o que a influenciou mais tarde na criação de muitos personagens de seus poemas, contos e romances. É importante destacar também, que vários desses personagens são pessoas reais que, em algum momento, fizeram parte da vida de Conceição Evaristo, e ela, por meio das lembranças e memórias de sua infância, traz para sua escrita, como destacado na citação que se segue:

Gosto de ouvir, mas não sei se sou a hábil conselheira. Ouço muito. Da voz outra, faço a minha, as histórias também. E, no quase gozo da escuta, seco os olhos. Não os meus, mas de quem conta. [...] Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se

acrescenta. O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência. (EVARISTO, 2011, p. 09)

Depois de terminar os estudos no Ensino Médio e formar-se como professora, Conceição Evaristo, com a ajuda de amigos, em 1973, vai embora para o Rio de Janeiro, após fazer um concurso municipal para professora e ser aprovada.

Em 73, com ajuda de amigos, imigrei para o Rio de Janeiro, antigo Estado da Guanabara, depois de ter feito concurso naquele mesmo ano, para professora primária. Eu havia terminado o Curso Normal no Instituto de Educação de Minas Gerais, em 71. Tinha sido um período particularmente difícil para minha família e outras que estavam sofrendo com um plano de desfavelamento, que nos enviava para a periferia da cidade. Ao nos distanciarmos do centro de Belo Horizonte, não tínhamos nada, a não ser uma pobreza maior. Então, com um diploma de professora nas mãos e sem qualquer possibilidade de dar aulas em Belo Horizonte, parti de —mala e cuia para o Rio de Janeiro. (EVARISTO, 2009, p. 01).

Após muitas lutas, a autora torna-se mestre em Literatura Brasileira, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1996) e doutora em Literatura Comparada, pela Universidade Federal Fluminense (2011).

Uma das principais expoentes da literatura brasileira e Afro-brasileira, atualmente, Conceição Evaristo tornou-se também uma escritora negra de projeção internacional, com livros traduzidos em outros idiomas. Publicou seu primeiro poema em 1990, no décimo terceiro volume dos Cadernos Negros, editado pelo grupo Quilombhoje, de São Paulo. Desde então, publicou diversos poemas e contos nos referidos Cadernos, em coletâneas próprias, além de romances.

Em 2003, trouxe a público o romance *Ponciá Vicêncio*, objeto de estudos no Brasil e no exterior que resultaram em um número significativo de artigos, dissertações e teses acadêmicas, desde sua publicação. Destaca-se o fato de esse ter sido um livro traduzido para o inglês. Em 2006, é lançada a primeira edição de *Becos da memória*, romance iniciado na década de 1980. A autora tem ainda em seu currículo os *Poemas de recordação e outros movimentos* (2008); as coletâneas de contos *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), *Olhos d'água* (2014) e *Histórias de leves enganos e parecenças* (2016); e o romance *Canção para ninar menino grande* (2018).

Em suas obras, destacam-se o tom de sensibilidade, ternura e lirismo, demonstrando um minucioso trabalho com a linguagem, a partir da qual são encenados, entre inúmeras outras questões, conflitos próprios ao universo das relações de gênero e etnicidade, desvelando desigualdades latentes que marcam a sociedade brasileira, de modo a recuperar uma memória,

quase sempre, sofrida e silenciada da população afro-brasileira em toda sua riqueza e potencialidade de ação.

Vale destacar que uma das características marcantes das obras de Conceição Evaristo é a memória com ênfase na história, a qual traz experiências pessoais e de comunidades afro-brasileiras em Minas Gerais e no Rio de Janeiro. O foco de sua escrita são pessoas negras e pobres, destacando as mulheres, seus sofrimentos, lutas e ecos da escravidão que se fazem presentes até hoje na sociedade. Evaristo (apud PEREIRA, 2007, p. 285) já declarou, em entrevista, que sua escrita se faz com base numa identidade feminina e negra, ou seja, em sua “condição étnica e de gênero, ainda acrescida de outras marcas identitárias”, o que lhe direciona o olhar e molda o ponto de vista narrativo.

Através das histórias rememoradas por Conceição Evaristo, em uma entrevista para a revista Conexão Literatura, ela fala sobre as “escrevivências”, como pode ser observado no seguinte trecho:

Tudo que escrevo, crítica, ensaio, escrita literária, toda minha criação surge marcada pela minha condição de mulher negra na sociedade brasileira. As escolhas temáticas, o vocabulário, as personagens, os modos de construção das mesmas, o enredo, nada nasce imune ao que sou, às minhas experiências, à minha vivência. Escrevo uma vivência, que pode ser ou não, a real, a vivida por mim, mas que pode se con(fundir) com a minha. Nesse sentido, nada que está narrado em *Becos da Memória* é verdade e nada que está escrito em *Becos* é mentira. São memórias ficcionalizadas (...). (EVARISTO, 2017, p. 07)

Portanto, “escrevivências” é, como a escritora se refere ao seu trabalho – uma escrita que nasce das vivências, vivendo para narrar e narrando o que vive.

A autora afirma que “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (EVARISTO, 2020, p.11). Ou seja, é a partir da memória que ela escreve sobre a luta de pessoas que ainda sofrem com as desigualdades, o racismo, o preconceito e os abusos de nossa sociedade. Por abordar temas ligados ao negro e seu passado escravocrata, Conceição Evaristo denomina-se militante do movimento negro, com grande participação e atividade em eventos relacionados à militância político-social.

Conceição Evaristo apresenta ao público uma literatura acessível, de linguagem simples e poética e, por meio da “escrevivência”, narra as lembranças dos personagens em *Becos da Memória*, muitas baseadas em pessoas que participaram de sua vida e que, de algum modo, contribuíram para a sua escrita, trazendo experiências, compartilhando angústias e dores de um passado tão presente.

Desfrutando um grande reconhecimento como escritora da literatura afro-brasileira, ela participou e participa de eventos nacionais e internacionais, tais como: seminários, palestras e congressos, tratando temas relacionados as questões de gênero e etnia na literatura brasileira.

1.2 FORTUNA CRÍTICA SOBRE CONCEIÇÃO EVARISTO

No artigo *Conceição Evaristo: circuitos transnacionais, entrelaçamentos diaspóricos*, de Stelamaris Coser, observamos que:

Além da importância de sua voz para o país, Conceição Evaristo integra a diáspora africana nas Américas de forma determinada e dinâmica, dialogando diretamente sobre a literatura de autoria feminina e negra no cenário continental e internacional, fazendo uso dos espaços e recursos que se abrem na contemporaneidade. Em processo subjacente, expandem-se as pesquisas e publicações que abordam sua obra em contexto transnacional e as análises comparativas que ressaltam entrelaçamentos diaspóricos. (COSER, 2011, p. 297-312)

Portanto, observam-se, no espaço acadêmico, muitos artigos publicados, edições especiais de revistas, dissertações e teses que abordam a trajetória e obras de Conceição Evaristo, o que a faz ganhar destaque e atrair vários pesquisadores a escreverem trabalhos sobre sua obra, como também sobre a literatura e cultura afro-brasileira.

São vários os trabalhos e pesquisas realizados sobre a literatura afro-brasileira em que a autora é citada. Como exemplo, temos a obra de Eduardo de Assis Duarte, intitulada por *Literatura e afrodescendência no Brasil*, produzida em 2011, dividida em 4 volumes, respectivamente identificados como “Precursos”, “Consolidação”, “Contemporaneidade” e “História, teoria, polêmica”. Entre várias outras questões e autores, a coletânea mostra a vida e obra de Evaristo, comentadas por Eduardo Assis com Maria Consuelo Cunha Campos no volume II, e um depoimento da escritora no volume IV.

Convém citar o blog *Nossa escrevivência*, desenvolvido por Patrícia Custódio. A página principal é dividida em “Acontecimentos”, “Andanças”, com chamadas criativas que incluem desde o “Zum-zum crítico” até um “Ponto de encontro”. Abrindo espaço para notícias relevantes sobre a política, a literatura e a cultura negra, o blog publica fotos e comentários sobre as frequentes atuações presenciais e publicações de caráter literário ou crítico da escritora.

Outra obra sobre a autora que merece destaque é *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*, lançada em 2020, organizada por Constância Lima Duarte e Isabella Rosado Nunes. O livro apresenta olhares diversos sobre a Escrevivência de Conceição Evaristo e é resultado da parceria entre Itaú Social e Mina Comunicação e Arte.

Diante dos inúmeros estudos feitos sobre a obra de Conceição Evaristo, fica evidente sua importância na difusão da literatura de autoria feminina e negra. Pois, de acordo com Coser (2011, p. 297):

Nesse contexto de olhares e fronteiras cruzadas, ampliam-se as relações percebidas por pesquisadores e críticos literários entre os escritos de Evaristo e os de outras escritoras, tanto do Brasil e de países africanos de língua portuguesa, quanto da diáspora negra nas Américas. No Brasil, há inúmeros trabalhos apresentados em eventos acadêmicos, artigos, dissertações e teses com esse tipo de abordagem comparativa.

Por sua vez, Bruna Viciniescki, em artigo intitulado “Conceição Evaristo e suas contribuições como escritora e pesquisadora”, destaca que:

Palmeira e Souza (2008) descrevem as mulheres dos contos e romances evaristianas por mulheres de baixa renda que residem na região urbana. E em forte contraste, são mulheres que dentro do núcleo familiar se consolidam como força matriz, muitas vezes detentora de uma sabedoria, de um conhecimento espiritual, mas fora dele vivem em uma sociedade que as colocam à margem. (VICINIESCKI, 2020, p. 06)

Nesse ínterim, Evaristo compreende a literatura como forma de resistência para os marginalizados da sociedade, principalmente para os negros e para as mulheres. Nas palavras da autora, “A identidade vai ser afirmada em cantos de louvor e orgulho étnicos, chocando-se com o olhar negativo e com a estereotipia lançados ao mundo e às coisas negras” (EVARISTO, 2010, p. 134).

Embora exista inúmeros escritores(as) negros(as), poucos ganham destaque dentro da literatura e Evaristo tem uma representatividade muito grande tanto em movimentos sociais, quanto nos ambientes acadêmicos, obtendo espaço na literatura de autoria negra ao lado de renomados escritores e escritoras, tais como: Machado de Assis, Lima Barreto, Cruz e Sousa, Maria Carolina de Jesus, Miriam Alves, entre outros.

Consoante Palmeiras e Souza (2008, p. 07):

O meio acadêmico tem se constituído em um espaço de diálogo possível, entre a, escritora, e a, pesquisadora, Evaristo. Esse diálogo, que Evaristo consegue estabelecer entre a militância e as pesquisas têm sido apontado como um meio de imprimir maior velocidade e resultados ao processo de emancipação da mulher negra, pois essa interlocução constitui-se no enfrentamento das questões no campo ideológico e no âmbito das práticas sociais.

Assim sendo, Conceição Evaristo, traz para suas obras, uma auto-representação em que a literatura passa a ser um local de fala, dando destaque, principalmente, às mulheres negras, que não devem ser oprimidas e nem vistas como objetos, mas sim como mulheres detentoras de saberes e de força.

A fortuna crítica apresentada aqui exibe uma breve biografia sobre a escritora Conceição Evaristo, bem como as principais temáticas abordadas em suas obras, características de sua escrita, autores e críticos que a pesquisam e sua importância para a literatura, destacando a literatura afro-brasileira. Logo, a partir de tais apontamentos, passaremos, no tópico seguinte, às reflexões acerca do funcionamento da memória e de como ela é representada em *Becos da memória*.

1.3 ASPECTOS DA MEMÓRIA

*O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos
A memória bravia lança o leme:
Recordar é preciso...
(Conceição Evaristo)*

A epígrafe acima, pertence a um poema de Conceição Evaristo, do livro *Poemas da recordação e outros movimentos*, lançado em 2008. No trecho elencado, a memória é comparada ao mar, porque esta, assim como o mar, é incontrolável. Além do mais, é rememorando o passado que é possível compartilhar memórias individuais e coletivas de povos.

Assim, Walter Benjamin (1987), nas teses *Sobre o conceito de história*, afirma que nada do que aconteceu um dia pode ser considerado perdido para a história, pois ela configura um dos meios pelos quais fatos importantes para a sociedade podem ser contados e recontados. De acordo com Benjamin (1987, p. 223):

Sem dúvida, somente a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente do seu passado. Isso quer dizer: somente para a humanidade redimida o passado é citável, em cada um dos seus momentos. Cada momento vivido transforma-se numa *citation l'ordre du jour* – e esse dia é justamente o do juízo final.

Nesse sentido, somos marcados não só pelo tempo, mas também pelo contexto, lugar onde está inserido todas nossas raízes, costumes, valores e identidades. Dessa forma, o passado deve ser lembrado em sua completude, como assegura Benjamin (1987), para, assim, descobrirmos não apenas o que houve, mas também o que há e haverá, tornando a experiência viva por meio das histórias a serem descobertas e narradas.

Ainda consoante Benjamin (1987, p. 230):

Porque esse conceito define exatamente *aquela* presente em que ele mesmo escreve a história. O historicista apresenta a imagem “eterna” do passado, o materialista histórico faz desse passado uma experiência única. Ele deixa a outros a tarefa de se esgotar no bordel do historicismo, com a meretriz “era uma vez”. Ele fica senhor das suas forças, suficientemente viril para fazer saltar pelos ares o *continuum* da história.

Isto é, o passado não é apenas aditivo, mas sim construtivo, pois traz para a história a oportunidade de sua continuação (*continuun*), com base em fatos e experiências vividas em um determinado momento.

Dessa forma, a obra *Becos da memória*, de Conceição Evaristo, é uma narrativa carregada de memórias e histórias sobre o passado escravocrata, compartilhadas por seus personagens. No início da obra, a narradora-personagem, Maria-Nova, recorda de fatos ocorridos na favela:

Eu me lembro de que ela vivia entre o esconder e o aparecer atrás do portão. Era um portão velho de madeira entre o barraco e o barranco, com algumas tábuas já soltas, e que abria para um beco escuro. (EVARISTO, 2017, p. 15)

O fragmento da obra de Evaristo tem a caracterização do espaço e da personagem Outra, que vivia com Vó Rita. No trecho acima há a presença da memória, assim como no decorrer de todo livro, a riqueza da descrição dos detalhes permite que o leitor tenha um maior contato com as lembranças relatadas pela narradora.

O romance estudado, proporciona uma volta ao passado, quando os personagens rememoram suas lembranças e de seus antepassados. A memória que é tratada na obra está ligada ao passado escravocrata refletido em momento posterior ao fim da escravidão, nas lutas dos afro-brasileiros que viviam numa favela em Belo Horizonte e enfrentavam cotidianamente o desamparo, o preconceito, a fome e a miséria. Eles estavam totalmente esquecidos, desfavorecidos, devido ao desfavelamento que estava ocorrendo no local onde habitavam.

Sobre a narrativa em análise, Conceição Evaristo observa:

Em poucos meses, minha memória ficcionalizou lembranças e esquecimentos de experiências que minha família e eu tínhamos vivido, um dia. Tenho dito que *Becos da memória* é uma criação que pode ser lida como ficções da memória. É, como a memória esquece, surge a necessidade de invenção. (EVARISTO, 2017, p. 10)

Diante disso, é possível antever aspectos de uma narrativa autobiográfica, a partir da qual a memória pode ser compreendida como fator primordial que liga os fatos passados (históricos), aos acontecimentos vividos na obra. As lembranças do sofrimento de um povo, das suas lutas e vitórias, quase poucas, acompanham toda a narrativa, fazendo-nos refletir sobre questões profundas que marcam a sociedade brasileira.

Zilá Bernd (2018), em seu livro *A persistência da memória*, no capítulo intitulado “Memória cultural e geracional: romances de filiação entre interioridade e anterioridade”, afirma que:

Resumidamente, poderíamos apontar duas variantes do romance da anterioridade:
1. romance memorial, que seria uma faceta pós-moderna da saga, com ênfase para a busca dos vestígios, rastros e fragmentos olvidados no passado e que constituem

a Memória Cultural, definida por Régine Robin como aquela feita “de pequenos nadas” (1989, p. 21);

2. romance de filiação (ou parental), variante da autoficção com a característica de usar o subterfúgio de focalizar a narrativa na vida de um ancestral (pai, mãe, avós), numa perspectiva de ajuste de contas com o passado; neste caso, temos a presença do que Laurent Demanze chama de “herdeiro inquieto e problemático”, que hesita entre reivindicar a herança paterna ou repudiá-la. (BERND, 2018, p. 25)

Dessa maneira, é perceptível conforme a citação de Evaristo, no romance analisado, identificarmos o romance de filiação (ou parental), uma vez que a narrativa de *Becos da memória* tem personagens como Tio Totó, Vó Rita, Maria-Velha, entre outros que se tornam base para compor tantas histórias que se cruzam pelos becos da favela.

As memórias são partilhadas para não serem esquecidas, por isso são ficcionalizadas, além de ser um meio de mostrar o que foi vivido pelos ancestrais de um determinado grupo, no caso do romance de Evaristo, são as de um povo escravizado e de seus descendentes.

Assim sendo, conforme os acontecimentos vão se distanciando no tempo, costumamos lembrá-los como conjuntos, em que alguns se sobressaem. Contudo, não é possível admitir a memória apenas partindo da imaginação, da representação histórica ou de elementos invariavelmente relacionados à subjetividade. Em consonância com Ecléa Bosi (2003), é plausível conferir à memória um papel determinante na existência, uma vez que ela possibilita a relação do presente com o passado e, no mesmo instante, interfere no desenrolar atual das representações.

Destarte, é importante ressaltar que a memória é essencial para o entendimento de histórias e situações as quais não fomos capazes de vivenciar. Sendo assim, recordar fatos ocorridos é de suma importância para compreender até mesmo a construção da nossa identidade.

Nesse ínterim, a partir de um jogo entre o tempo da memória e o tempo presente, Evaristo sublinha que:

As histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas. Entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção. Nesse sentido venho afirmando: nada que está narrado em *Becos da memória* é verdade, nada que está em *Becos da memória* é mentira. Ali busquei escrever ficção como se estivesse escrevendo a realidade vivida, a verdade. Na base, no fundamento da narrativa de *Becos* está uma vivência, que foi minha e dos meus. Escrever *Becos* foi perseguir uma *escrevivência*. Por isso também busco a primeira narração, a que veio antes da escrita. Busco a voz, a fala de quem conta, para se misturar à minha. (EVARISTO, 2017, p. 11)

Isso pode ser contrastado com o pensamento de Bernd (2018), pois a autora alega que memória e transmissão estão intimamente associadas: o processo fragmentário e sempre recomeçado da rememoração encontra seu sentido na transmissão. A transmissão pode se

realizar através das narrativas que uma pessoa confia à outra, que uma geração lega à outra, que um escritor transforma em ficção ou que um historiador transforma em História. Pode-se concluir que uma não existe sem a outra: recuperação memorial e transmissão são duas faces da mesma moeda.

Nesse viés, a escrevivência de Conceição Evaristo é um mecanismo de transmissão, tendo em vista que ela se vale de memórias para poder passar adiante o que foi vivido, além de ser um meio de “promover a reconstrução de trajetórias vividas por seus ascendentes e, através desse processo, (re)significar e/ou (re)construir o presente” (BERND, 2018, p. 47).

Ademais, em *Becos da memória*, a narrativa é constituída de vozes que se entrelaçam de memórias não só individuais, como também coletivas. Memórias as quais fazem parte da construção da identidade de um povo e que, de acordo com Halbwachs, correspondem à memória coletiva, constituída por lembranças partilhadas por outros sujeitos, pois,

[...] nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembranças pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 2006, p. 30)

Desse modo, depreende-se que a memória individual está ligada à memória em grupo, haja vista ser resultado de um processo coletivo inserido em um contexto social, por trazer consigo lembranças de pessoas que passaram por seus caminhos e influenciam também em suas memórias individuais, como observado no seguinte trecho de *Becos da memória*:

Escrevo como uma homenagem póstuma a Vó Rita, que dormia embolada com ela, a ela que nunca consegui ver plenamente, aos bêbados, às putas, aos malandros, às crianças vadias que habitam os becos de minha memória. Homenagem póstuma às lavadeiras que madrugavam os varais com roupas ao sol. Às pernas cansadas, suadas, negras, alouradas de poeira do campo aberto onde aconteciam os festivais de bola da favela. Homenagem póstuma ao Bondade, ao Tio Totó, ao Pedro Cândido, ao Sô Noronha, à D. Maria, mãe do Aníbal, ao Catarino, à velha Lia, à Terezinha da Oscarlinda, à Mariinha, à Donana do Padin. (EVARISTO, 2017, p. 17)

As pessoas citadas na passagem acima, faziam parte da favela e, assim como a narradora-personagem, Maria-Nova, viviam uma vida sofrida e partilhavam memórias individuais e coletivas de suas lutas diárias e de seus antepassados. Logo, a memória constitui nossas vivências e concretiza nossas lembranças pessoais e coletivas. Desse entrelaçamento surgem novos contares que produzem efeitos de sentido, percorrem/permeiam diferentes formações discursivas e interpelam novas posições-sujeito.

Segundo Bosi (1994, p. 420), em *Memória e sociedade: lembrança de velhos*:

Uma memória coletiva se desenvolve a partir de laços de convivência familiares, escolares, profissionais. Ela entretém a memória de seus membros, que acrescenta, unifica, diferencia, corrige e passa a limpo. Vivendo no interior de um grupo, sofre as vicissitudes da evolução de seus membros e depende de sua interação. Quando sentimos necessidade de guardar os traços de um amigo desaparecido, recolhemos seus vestígios a partir do que guardamos dele e dos depoimentos dos que o conheceram. O grupo de colegas mal pode constituir um apoio para sua lembrança, pois se dispersou e cada um se integrou num meio diverso daquele que conheceu. Como salvar sua lembrança senão escrevendo sobre ele, fixando assim seus traços cada vez mais fugidos?

Mediante isso, a memória coletiva é fundamental e o indivíduo que recorda é o memorizador que carrega lembranças do passado e objetos que somente ele tem acesso e que podem ser considerados tesouros tanto pessoais quanto coletivos.

Ademais, Bosi (1994, p. 420) alega:

Será a memória individual mais fiel que a social? Sim, enquanto a percepção original obrigar o sujeito a conter as distorções em certos limites porque ele *viu* o fenômeno. Mas o *quando*, o *como*, entram na órbita de outras motivações. Se a memória grupal pode sofrer os preceitos e tendências do grupo, sempre é possível um confronto e uma correção dos relatos individuais e a história salva-se de espelhar apenas os interesses e distorções de cada um. (...)

A pesquisadora traz a indagação ao mesmo tempo que afirma e nos faz refletir sobre seu posicionamento. Segundo ela, a memória individual pode ser mais fiel que a social, porquanto, a memória grupal é passível de sofrer influências do grupo o que pode modificá-la, todavia, quando ocorre o confronto e correção entre elas – memória individual e grupal – a história pode ser salva, livrando-a de distorções.

Em *Becos da memória*, a narradora-personagem, Maria-Nova, através da escrita, tem o desejo de partilhar sua escrevivência, isso quer dizer que, por meio de memórias compartilhadas, ela contaria tudo o que viveu e ouviu, como demonstrado na citação que se segue:

Um sentimento estranho agitava o peito de Maria-Nova. Um dia, não se sabia como, ela haveria de contar tudo aquilo ali. Contar as histórias dela e dos outros. Por isso ela ouvia tudo tão atentamente. Não perdia nada. Duas coisas ela gostava de colecionar: selos e as histórias que ouvia. (...) Eram histórias com gosto de sangue. Histórias boas, alegres e tristes eram as de Tio Totó e da tia, Maria-Velha. Aquelas histórias ela colecionava na cabeça e no fundo do coração, aquelas ali haveriam de repetir ainda. (EVARISTO, 2011, p. 31)

À vista disso, é mister que a memória exerce influência sobre a história da sociedade e de cada indivíduo, a linguagem, a cultura e, até mesmo, como já citado, na construção da identidade da sociedade, pois o sujeito é o único responsável pelo resgate de seu próprio passado.

Levando em consideração Bernd (2018), os romances memoriais são uma forma de inscrever os vestígios memoriais de culturas, costumes e ritos perdidos. Assim, nota-se que a narrativa evaristiana tem traços de uma escrita de **anterioridade** (como podem ser considerados os romances de filiação) e de **interioridade** (que seriam as obras autobiográficas ou autoficcionais), transmitindo dessa forma, às próximas gerações o legado das gerações anteriores do qual o narrador sente-se herdeiro e porta-voz.

Outrossim, Le Goff (1996), em *História e Memória*, entre outros aspectos, aborda questões relevantes sobre a memória a partir da perspectiva coletiva, além de discutir sobre a relação da memória com a História. Uma contribuição válida que ele coloca é de pensar a memória não só como elemento importante na busca da identidade da sociedade, mas também usá-la como forma de poder, haja vista que:

(...) Do mesmo modo, a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos, que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores destes mecanismos de manipulação da memória coletiva. (LE GOFF, 1990, p. 368)

Portanto, o estudo da memória social é um meio de abordar os problemas da história, com a possibilidade de utilizá-la como instrumento de poder e resistência, levando os sujeitos a reconhecerem o que foi vivido e poderia ser silenciado. Maria-Nova, por exemplo, quando tem o desejo de escrever as lembranças que lhe fora compartilhada, está deixando de tornar essa memória propícia à manipulação daqueles que dominaram e dominam a sociedade.

Le Goff (1996) busca realizar um apanhado, que não se pretende exaustivo nem pontual, sobre as investigações da memória em diferentes épocas. De acordo com o historiador, têm-se: i) a memória coletiva dos povos sem escrita, isto é, a memória étnica; ii) a memória coletiva perpassada pela escrita, especificamente sob as formas de comemoração e de documento, a qual surge durante a transição da Pré-história para a Antiguidade; iii) a memória coletiva medieval ocidental, que, tendo como característica principal sua cristianização, divide-se em memória litúrgica, então dominante, e memória laica, de incipiente penetração cronológica; iv) a memória coletiva escrita e figurada, presente desde a Renascença até a atualidade, forma marcada pela invenção da imprensa, domínio que possibilitou tanto a ampliação e a difusão da memória coletiva, quanto a exteriorização progressiva da memória individual; e v) a memória contemporânea, tipificação que abrange esferas científicas como a memória artificial – eletrônica, a memória psíquica, a memória cognitiva, a memória genética e a memória coletiva socioculturalmente modificada ao longo das transformações históricas.

Nessa perspectiva, a memória é identificada como múltipla. Contudo, ela ganha destaque nesse estudo por mostrar a história de uma nação, povo ou civilização, o que inclui as memórias individuais dos sujeitos que a compõem. Não obstante, pode-se afirmar, como ressaltado anteriormente, que é o conjunto das memórias que constitui a identidade, seja ela de um povo ou de um indivíduo. Logo, é possível admitir a identidade coletiva como sumariamente formada pelas memórias comuns dos indivíduos que integram o povo em questão. Memórias que representam são o fator responsável pela união de indivíduos em grupos, que originarão povos, nações e civilizações.

Hampaté Bá (1977, p. 167), destaca sobre a tradição oral, tendo em vista que ela é uma forma de manter as memórias vivas:

Quando falamos de tradição em relação à história africana, referimo-nos à tradição oral, e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apoie nessa herança de conhecimentos de toda espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos. Essa herança ainda não se perdeu e reside na memória da última geração de grandes depositários, de quem se pode dizer *são* a memória viva da África.

Ou seja, é por meio da oralidade que é possível conhecer histórias, principalmente as do povo africano e escravos, pois é a partir da transmissão de conhecimento de geração para geração que somos capazes de compreender o que verdadeiramente aconteceu. Portanto, é essa percepção que Conceição Evaristo parece ter quando ela escreve sobre as memórias da comunidade afro-brasileira. Assim, essas memórias orais adquirem um suporte escrito, o que lhes confere uma continuidade no tempo e, logo, uma nova forma de credibilidade, como ocorre na obra *Becos da memória*.

De acordo com Le Goff (1990), a memória é um elemento essencial da identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades atuais. Para o autor, a memória procura salvar o passado para servir como norteador para o presente e o futuro.

Com ponto de vista semelhante, Ecléa Bosi enfatiza a existência de duas memórias: a *memória hábito* e a *imagem-lembrança*. A saber:

A memória-hábito adquire-se pelo esforço da atenção e pela repetição de gestos ou palavras. Ela é – embora Bergson não se ocupe explicitamente desse fator – um processo que se dá pelas exigências da socialização. Trata-se de um exercício que, retomado até a fixação, transforma-se em um hábito, sabemos “de cor” os movimentos que exigem, por exemplo, o comer segundo as regras de etiqueta, o escrever, o falar uma língua estrangeira, o dirigir um automóvel, o costurar, o escrever a máquina etc. A memória-hábito faz parte de todo o nosso adestramento cultural. No outro extremo, a lembrança pura, quando se atualiza na *imagem-lembrança*, traz à tona da consciência um momento único, singular, não retido, irreversível, da vida. Daí também, o caráter não mecânico, mas evocativo, do seu aparecimento por via da

memória. (...) A imagem-lembrança tem data certa: refere-se a uma situação definida, individualizada, ao passo que a memória-hábito já se incorporou às práticas do dia-a-dia. A memória-hábito parece fazer um só todo com a percepção do presente. (BOSI, 1994, p.49)

Nesse viés, conforme a autora, o passado conserva-se e atua no presente, mas não de forma homogênea. É a partir disso que temos as duas memórias, uma que ocorre de lembranças independentes de quaisquer hábitos: lembranças isoladas, que constituiriam ressurreições do passado; e outra que está ligada aos mecanismos motores – *memória-hábito*.

É possível, identificar na obra *Becos da memória*, uma das memórias tratadas acima: a imagem-lembrança, ou lembrança pura, tendo em vista que os personagens sempre traziam à tona momentos únicos vividos.

Totó juntou a mulher, a filha e alguns trapos. Nem ele nem ela tinham mais pais vivos. Um surto de tuberculose, que começara na casa-grande, assolara também os escravos. Iriam partir, queriam esquecer as histórias de escravidão, suas e de seus pais. (EVARISTO, 2017, p.20)

O fragmento supracitado narra a saída de Tio Totó da fazenda onde vivia com sua esposa (Miliquinha) e filha (Catita). Para chegar até o destino, que seria a cidade grande, eles teriam que atravessar um rio em uma canoa improvisada de tronco de árvore. No meio do caminho Miliquinha e Catita se afogam e Tio Totó alcança sozinho o outro lado do rio. Essa lembrança de dor está presente durante toda a vida do personagem e é partilhada com outros indivíduos que ali moram. Contudo, é notório a presença da imagem-lembrança, pois ela é rememorada a partir de uma situação definida e individualizada.

Aqui é possível destacar o que Bernd (2018), nomeia como romance de filiação, posto que um dos motivos da partida de Tio Totó com sua família, é justamente para esquecer as histórias de dor de seus antepassados, assim como a sua. Todavia, o plano ocorre de uma forma totalmente diferente do que foi planejado, despertando no personagem mais tristezas em sua alma e vida.

Todo esse momento que é passado por Tio Totó tem um significado, levando em consideração o momento da travessia do rio. O rio possui uma simbologia dentro da linguagem literária e segundo Chevalier e Gheerbrant (2005, p. 780), essa imagem representa:

O simbolismo do rio e do fluir de suas águas é, ao mesmo tempo, o da possibilidade universal e o da fluidez das formas (F. Schuon), o da fertilidade, da morte e da renovação. O curso das águas é a corrente da vida e da morte. Em relação ao rio, pode-se considerar: a descida da corrente em direção ao oceano, o remontar do curso das águas, ou a travessia de uma margem à outra.

Portanto, essa simbologia que está presente em dado momento da vida de Tio Totó, representa o fechamento de um ciclo para ele, assim como a morte, quando sua esposa e filha se afogam. O rio lhe mostra um renascimento, mesmo sendo de maneira trágica e dolorida.

Em *Papel da memória*, Jean Davallon (2020, p. 34) afirma que:

Do mesmo modo como – explicava Halbwachs – a reconstrução de um acontecimento passado necessita, para se tornar lembrança, da existência de pontos de vista compartilhados pelos membros da comunidade e de noções que lhes são comuns; assim a imagem, por poder operar o acordo dos olhares, apresentaria a capacidade de conferir ao quadro da história a força da lembrança. Ela seria nesse momento o registro da relação intersubjetiva e social.

Diante do exposto, a imagem atua como operador social no meio da cultura de um povo. Quando há vários olhares diante de um mesmo acontecimento passado, obtêm-se diversos pontos de vista que são compartilhados dentro de um grupo, o que faz essa imagem se tornar uma lembrança.

Por sua vez, Seligmann-Silva, em *História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes*, assegura que:

A memória topográfica é também antes de mais nada uma memória imagética: na arte da memória conectam-se as ideias que devem ser lembradas a imagens, e por sua vez, essas imagens a locais em conhecidos. Aquele que se recorda deve poder percorrer essas paisagens mnemônicas descortinando as ideias por detrás das imagens. (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 56)

Depreende-se que, além das duas memórias citadas por Bosi (1994) – memória-hábito e imagem-lembrança –, há também a memória topográfica colocada por Seligmann-Silva, que, além de conectar imagens às ideias que são lembradas, associa tudo isso a locais que foram percorridos e fazem parte das lembranças.

Bosi (1994, p. 418) também destaca que “cada geração tem, de sua cidade, a memória de acontecimentos que permanecem como pontos de demarcação em sua história. O caudal das lembranças, correndo sobre o mesmo leito.”. Portanto, a memória topográfica pode ser encontrada em várias gerações, em que cada uma traz algo que marca a história do seu lugar, bem como suas vidas.

É possível observar tal memória, na narrativa de Conceição Evaristo aqui abordada. A saber:

Os tratores da firma construtora estavam cavando, arando a ponta norte da favela. Ali, a poeira se tornava maior e as angústias também. Algumas famílias já estavam com ordem de saída e isto precipitava a dor de todos nós. Cada família que saía, era uma confirmação de que chegaria a nossa vez. (EVARISTO, 2017, p. 71)

No excerto acima, a memória topográfica está relacionada às imagens a qual Maria-Nova tem do desfavelamento, que estava ocorrendo na favela onde ela morava com sua família. É evidente que quando a personagem, não só ela como também os outros que ali viviam, lembram da favela, logo a associam a essa lembrança. Tal fato também foi extremamente importante, uma vez que se tornou parte da história daqueles indivíduos, assim como da cidade.

Os autores elencados acima nos permitem reconhecer a memória como um fato social importante para a construção da identidade de um povo. Outro ponto é que ela pode também conservar o passado, mas, partindo desses pressupostos, quando compreendemos de fato o que é a memória e seu verdadeiro papel – recordar fatos ocorridos que são importantes perante a sociedade e contribuir na construção de suas identidades – identificamos o que aconteceu em nosso país durante o seu processo de formação. Tendo em vista que grande parte dele foi construído pelo trabalho escravo imposto ao povo afro-brasileiro, entre os séculos XV e XIV.

Em sua dissertação de mestrado intitulada *Escrevivências, as Lembranças afrofemininas como um lugar da memória Afro-Brasileira: Carolina Maria De Jesus, Conceição Evaristo e Geni Guimarães*, Amanda Crispim Ferreira mostra algumas formas de apagamentos da memória que eram utilizados pelos colonizadores nos escravos:

Reza a lenda, que, antes de entrarem no navio negreiro rumo às Américas, os escravizados eram obrigados a dar voltas em torno da “árvore do esquecimento”, cujo objetivo era apagar de suas mentes toda lembrança e memória do passado, pois seus senhores acreditavam que, desprovidos de memória, de identidade cultural e de raízes, tornar-se-iam seres passivos, sem nenhuma vontade de reagir ante as atrocidades da escravidão. (FERREIRA, 2013, p. 21)

Assim sendo, é evidente que várias atrocidades eram feitas com o intuito de “apagar” a memória dos escravos, para que eles não pudessem reagir diante de tantas injustiças. Ferreira (2013), ainda aborda sobre o processo de apagamento da memória dos colonizados, que:

Além das atrocidades cometidas durante o sequestro e o transporte dos escravizados, outra estratégia para concretizar o projeto de esgarçamento da memória do povo negro, foi a organização do sistema escravocrata nas Américas, desde a retirada dos negros da África, até sua distribuição nas regiões mantidas pelo regime. Essa organização não se preocupou em manter as famílias unidas ou as hierarquias encontradas na África, mas separou pais de filhos, esposos de esposas, colocaram reis e súditos na mesma condição, idosos, adultos e crianças tornaram-se escravizados, sem se respeitar a idade nem o que eles representavam na cultura africana. Por meio dessa organização em que se desmembram as famílias e separam-se os grupos, favoreceu-se o esquecimento de modo a fortalecer o processo de apagamento da memória, pois, segundo Halbwachs (1990), o afastamento propicia o esquecimento, levando, por outro lado, ao esquecimento da própria língua ou dialeto, ou seja, se me afasto de certo grupo, a tendência é que, aos poucos, vou me esquecendo da relação estabelecida com eles. Assim, para a lembrança é necessária a presença, o contato, algo que nos mantenha ligados. (FERREIRA, 2013, p. 21)

Portanto, à medida que os escravos eram separados de suas famílias, isso corroborava com a ideia de que seria mais fácil esquecer suas raízes, língua, cultura e identidade. Com esse exemplo, é justificado o argumento da necessidade de uma comunidade afetiva para a construção da memória tanto individual, quanto coletiva.

Tal fato pode ser encontrado no seguinte trecho de *Becos da memória*: “(...) O avô de Maria chegou até pensar que os sinhôs tinham vendido o rapaz também. Eles já tinham vendido a sua mulher e os outros filhos. Será que tinham matado o menino?” (EVARISTO, 2017, p. 34). O ocorrido já não pertencia mais ao período da escravidão, mesmo assim ainda era comum os “senhores” venderem as famílias. É óbvio que as estratégias de dominação foram mecanismos reveladores de manipulação da memória coletiva, haja vista que tal ato é usado como instrumento de poder para inibir os negros de tomarem qualquer atitude que fosse contra aos ideais dos patrões e até mesmo como uma forma de esquecimento da identidade desses sujeitos.

Desse modo, foi criado todo um sistema para aprisionar homens e mulheres, tentando apagar suas memórias e qualquer laço ou vestígio que pudessem ajudá-los a reconstruí-las, para, então, prender não só corpos, mas mentes, almas e fragmentar a memória coletiva e histórica do povo africano.

Perante o exposto, narrar as memórias, as lutas e as dores dos antepassados é uma forma de resistência contra o apagamento das lembranças, e Conceição Evaristo traz tudo isso para sua obra *Becos da memória*, para que, mesmo após 100 anos da Lei Áurea, esse povo não se veja mais escravizado e suas memórias não fiquem guardadas nas gavetas e sejam esquecidas.

É inegável que as consequências de tudo isso são muitas e influenciam diretamente na vida dos afro-brasileiros, descendentes dos escravizados que foram submetidos ao ritual do “apagamento das lembranças”, que hoje lutam para descobrir quem são e quais são suas origens. Em suma, trata-se de um povo que desconhece a totalidade de sua memória e hoje busca espaço para refazê-la.

Seligmann-Silva (2003, p. 52), afirma que “A memória – assim como a linguagem, com seus atos falhos, torneios de estilo, silêncios etc. – não existe sem a resistência.”. Enfim, a memória, seja ela coletiva ou individual, tem papel essencial na construção e continuação da história de um povo ou lugar e é por intermédio dela que os afro-brasileiros buscam hoje formas de reconstruí-la. É com base nessas questões relativas à memória, que, no próximo tópico desta dissertação, a partir da obra aqui em análise, destacaremos pontos tangíveis à escravidão, racismo e ferida colonial.

1.4 ESCRAVIZAÇÃO, RACISMO E FERIDA COLONIAL

A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa grande” e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.
(Conceição Evaristo)

As memórias do povo negro e escravizado são uma forma de recontar para a sociedade a face da sua real história. Escrever sobre o que ocorreu e ainda ocorre enquanto ferida é um mecanismo de resistência, pois quando se tem acesso à verdade “donos do poder”, serão confrontados e incomodados.

Becos da memória, de Conceição Evaristo, é uma narrativa constituída por indivíduos que são excluídos nas mais variadas esferas sociais. São eles favelados, mendigos, prostitutas, desempregados, bêbados, entre outros. A maioria deles é afrodescendente e, principalmente, mulheres. Essas pessoas compõem um universo marginal que a sociedade busca ocultar. Os moradores que habitam à favela, onde se passa a narrativa, vivem às vésperas de um desfavelamento. Tal processo é tratado como um fato que traz muita dor para os indivíduos que ali vivem, já que foi o lugar o qual passaram praticamente suas vidas inteiras, criando laços, compartilhando angústias e alegrias uns com os outros.

Becos da Memória é um romance envolvido por vozes afrodescendentes que atravessam gerações e com elas trazem dores oriundas de um passado escravocrata, estabelecendo relação com a memória, que assume papel essencial na construção das histórias, pois é por meio do retorno ao passado histórico que envolve esses sujeitos que podemos compreender a construção da identidade brasileira.

Há inúmeras temáticas abordadas na obra de Conceição Evaristo, como: escravidão, fome, miséria, dor, preconceito, resistência, desfavelamento, entre outros. Desses citados, serão destacados aqui a escravidão e o preconceito, assuntos abordados tão fortemente no romance.

Atentemos para o seguinte trecho da obra:

Quando Tio Totó se entendeu por gente, ele já estava em Tombos de Carangola. Sabia que não nascera ali, como também ali não nasceram seus pais. Estavam todos na labuta da roça, da capina. Sabia que seus pais eram escravos e que ele já nascera na “Lei do Ventre Livre”. Que diferença fazia? Seus pais não escolheram aquela vida, nem ele. (EVARISTO, 2017, p. 18)

Tio Totó é um dos personagens que ganha destaque na obra e pode ser entendido como um representante da trajetória do povo negro. Ele nasceu durante o período de vigência da Lei do Ventre Livre, contudo, mesmo não sendo escravo, carrega consigo os dramas e traumas dos seus antepassados.

Assim como Tio Totó, vários indivíduos saíram das fazendas e lavouras para a cidade grande em busca de uma melhor qualidade de vida. Todavia, a realidade encontrada é totalmente diferente. Com a abolição da escravatura, em 1888, os negros encontram-se sem saber o que fazer, pois não há políticas públicas que os auxiliassem perante a sua “nova condição”.

Consoante Fernades (2007), a abolição não afetou, apenas, a situação do escravizado. Ela também afetou a situação do “homem livre de cor”, isto é, saído do regime servil sem condições para se adaptar, esse homem viu-se privado ainda de muitas coisas. Primeiro, porque não recebeu nenhuma indenização ou assistência; segundo, porque se viu em competição com o branco em ocupações que eram degradadas e repelidas anteriormente.

Em outra passagem da narrativa, observamos:

Um dia, sem quê nem pra quê, apareceu o menino, voltou já rapaz, homem feito. Luís de barba no rosto, alto, muito alto, sempre com aquele olhar distante.
- Pai, vamos daqui, não é preciso nem falar pro sinhô da fazenda. Nessas andanças descobri coisas... Há muito que branco não é mais dono de negro. (EVARISTO, 2017, p. 34)

Diante do exposto, é evidente que o negro foi e é, muitas vezes, deixado à mercê devido a sua carga passada. A abolição era para servir como um meio de “salvação” para esses, entretanto não é essa a realidade vivenciada ao longo da história. Acima, o personagem ainda é colocado na situação de escravizado e vive para fazer as vontades do senhor da terra onde mora, sendo muitas vezes colocado em uma situação de humilhação e obrigado a realizar todas as vontades de seu “dono”.

Ficam evidentes as consequências das desigualdades sociais que os moradores da favela retratada na narrativa vivenciam. As oportunidades de uma vida melhor nas grandes cidades são poucas, por isso, lutar por seus direitos e espaço se faz tão necessário.

Grada Kilomba (2019), em *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*, resultado de sua pesquisa de doutorado, trata de assuntos que nos permitem compreender o racismo cotidiano vivenciado por mulheres negras, ao mesmo tempo que promove reflexões sobre os impactos causados pelo colonialismo, questões de gênero e a violência contra a população negra. Segundo Kilomba (2019, p. 29):

Memórias da Plantação examina a atemporalidade do racismo cotidiano. A combinação dessas duas palavras, “*plantação*” e “*memórias*”, descreve o racismo cotidiano não apenas como a reencarnação de um passado colonial, mas também como uma realidade traumática, que tem sido negligenciada.

É visível que os negros, após mais de 100 anos da abolição da escravatura, mesmo com a Constituição Federal de 1988 assegurando seus direitos, ainda não conseguem viver a liberdade de suas escolhas e são vítimas cotidianas de episódios de racismo, preconceitos e injustiças sociais que despertam a memória de uma ferida colonial tão presente em sua vida. Diante de cenas tão corriqueiras, “De repente, o passado vem a coincidir com o presente, e o presente é vivenciado como se o *sujeito negro* estivesse naquele passado agonizante.” (KILOMBA, 2019, p. 30).

As passagens citadas anteriormente podem ser comparadas à vida dos personagens da favela de *Becos da memória*, uma vez que a obra é representativa dos problemas da afrodescendência, além de mostrar como a sociedade foi construída após o período da escravidão. Segundo Evaristo: “(...) eram muitas histórias, nascidas de uma outra História que trazia vários fatos encadeados, consequentes, apesar de muitas vezes distantes no tempo e no espaço” (EVARISTO, 2017, p. 150).

A história do povo escravizado é repetida em um novo tempo, o presente, e na narrativa de *Becos da memória*, ela não ocorre de maneira diferente, pois os moradores da favela, cada um carrega consigo uma marca. Não é fácil para eles viverem em um lugar onde ainda são colocados no lugar de subalternos, onde suas lutas não vistas e suas vozes não são ouvidas. E que precisam diariamente brigar para que fatos ocorridos anteriormente não aconteçam mais.

Nesse âmbito, entende-se por racismo, segundo Silvio Almeida (2021):

O racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam. (ALMEIDA, 2021, p. 32)

Logo, o racismo parte do conceito de raça – divisão dos grupos humanos, determinada pelo conjunto de características físicas hereditárias (cor da pele, formato da cabeça, tipo de cabelo etc.). Além do mais, o autor ainda destaca o preconceito racial, a saber: “O preconceito racial é o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertençam a um determinado grupo racializado, e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias.” (ALMEIDA, 2017, p. 32). Ou seja, em sentido amplo, preconceito racial é uma ideia ou conceito formado antecipadamente e sem fundamento sério ou imparcial a um certo grupo.

Deste modo, a partir desses conceitos, é possível identificar, na narrativa de Conceição Evaristo, a presença do racismo e do preconceito vividos pelos personagens Negro Alírio e Dora, por exemplo, como narrado nos seguintes trechos:

[...] Assuntos que só agradam a estes vagabundos e que vêm tirar o sossego da gente. Era o que faltava! Tanta coisa pra resolver e aquele tipo, desde pequeno, era metido a besta! (EVARISTO, 2017, p. 65)

[...] Gostou de ouvir a palavra negro sendo pronunciada por um negro, pois o termo negro, ela só ouvia na voz de branco, e só para xingar: negro safado; negro filho da puta; negro baderneiro e tantos defeitos mais! (EVARISTO, 2017, p.95)

Vem à tona, nesses excertos, a denúncia de episódios de racismos e preconceitos sofridos pelos personagens. No primeiro fragmento, observa-se que as palavras como “vagabundos” e “aquele tipo”, estão inferiorizando o personagem diante da situação. Já no segundo, a personagem acha interessante ouvir a palavra negro pronunciada por outro negro, tendo em vista que essa palavra muitas vezes é dita em tons de racismo e preconceito.

O racismo é presente na sociedade e Evaristo aborda tal temática em sua obra, mostrando como os personagens acima são vistos diante da sociedade e em como o termo negro é usado de maneira pejorativa, causando muitas vezes sentimentos ruins em quem sofre esse tipo de violência.

Grada Kilomba (2019) afirma que a palavra negro, escrita por ela como *N.* (o *N.* é abreviado, a fim de não reproduzir uma linguagem colonial), está ligada ao trauma, pois é uma terminologia colonial, como já mencionado, além de estar unida a uma história de violência e desumanização, como destacado abaixo:

A palavra *N.* não é uma palavra neutra, mas um conceito colonial inventado durante a Expansão Europeia para designar todas/os as /os africanas/os (Essrd, 1991; Kennedy, 2002). Ela é, portanto, um termo localizado dentro da história da escravização e da colonização, ligado a uma experiência coletiva de opressão racial, brutalidade e dor. Neste episódio, eu quero explorar a relação direta entre a grafia da palavra *N.* e o trauma [...]. (KILOMBA, 2019, p. 156)

Destarte, temos a palavra negro sendo associada ao trauma, visto que ela se refere a uma linguagem colonial muito utilizada pelos colonizadores como forma de insultar e inferiorizar. Logo, quando tal termo é proferido, não está somente associado à cor da pele, mas também a uma série de terminações que se define em racismo. Portanto, isso acaba levando o indivíduo a reviver uma ferida do passado no presente, tornando isso uma característica do trauma.

Ainda segundo o pensamento de Kilomba (2019) sobre o trauma da palavra *N.*:

Aparentemente, a dor infligida ao corpo é a expressão da ferida interior causada pela violência da palavra *N.*: como Kathleen diz ter sentido “esse tipo de dor física porque alguém [a] chamou daquela palavra”. Temos aqui um paralelismo interessante: o racismo pretende causar dano, fazer mal ao *sujeito negro* (*schlecht machen*), e o *sujeito negro*, de fato, se sente fisicamente ferido, se sente mal (*sich schlecht fühlen*). (KILOMBA, 2019, p. 156)

Quando a experiência psicológica é transferida para o corpo, tem-se a ideia de trauma. Isso evidencia, no indivíduo, uma vulnerabilidade que o faz lembrar do passado vivido por seus

ancestrais, causando, assim, a experiência do racismo que pode ser expelida através das sensações corporais.

Almeida (2021), ao conceituar racismo, aborda três concepções: individualista, institucional e estrutural. O racismo individual é considerado mediante uma ideia de “patologia” ou anormalidade de caráter individual ou coletivo atribuído a grupos isolados.

A concepção institucional é considerada como um avanço para os estudos das relações raciais, pois vai além da ideia existente de racismo como comportamento individual, visto que é tratado como resultado de funcionamento das instituições. Ademais, o racismo institucional diz respeito aos efeitos causados pelos modos de funcionamento das instituições que concede privilégios a determinados grupos de acordo com a raça. A concepção institucional de racismo trata do poder como elemento central da relação racial. Esse domínio ocorre com o estabelecimento de parâmetros discriminatórios baseados na raça, que servem para manter a hegemonia racial no poder.

Por fim, a concepção estrutural de racismo está profundamente ligada ao racismo institucional e determina suas regras a partir de uma ordem social estabelecida. Isso significa que o racismo é uma decorrência da própria estrutura da sociedade que normaliza e concebe como verdade padrões e regras baseadas em princípios discriminatórios de raça, ou seja, as instituições são racistas porque a sociedade é racista. Almeida (2021) enfatiza que o racismo é parte de um processo social, histórico e político que elabora mecanismos, para que pessoas ou grupos sejam discriminados de maneira sistemática.

À vista disso, em *Becos da memória*, está presente o racismo institucional e estrutural, sendo que ambos estão intrinsecamente ligados. Os personagens são vítimas do racismo que é imposto pela sociedade opressora, que não dá voz nem vez a esses indivíduos marginalizados. As instituições são as primeiras que reprimem os sonhos que cada uma busca de uma condição de vida melhor.

Acerca de tais apontamentos, o excerto que se segue é representativo:

(...) Entretanto o que doía mesmo em Maria-Nova era ver que tudo se repetia, um pouco diferente, mas no fundo, a miséria era mesma. O seu povo, os oprimidos, os miseráveis; em todas as histórias, quase nunca eram os vencedores, e sim, quase sempre, os vencidos. A ferida dos do lado de cá sempre ardia, doía e sangrava muito. (EVARISTO, 2017, p. 63)

Os racismos institucional e estrutural são encontrados na narrativa quando é narrada a opressão dos senhores das fazendas e lavouras – onde muitos trabalhavam antes de irem para a favela – para com seus trabalhadores, quando exigiam oportunidades e chances dignas de viverem e crescerem financeiramente.

Consequentemente, ganha destaque o personagem Negro-Alírio, que luta bravamente pelos direitos de todos, não sendo levado pela inibição que é imposta pela classe opressora. Ele enfrentou coronéis e patrões de grandes construtoras que exploravam seus empregados, visando apenas o lucro, tornando-os, assim, escravos novamente, pois toda forma de trabalho em teor de exploração é tida como trabalho escravo.¹

Negro-Alírio sempre teve desejo de mudança tanto em sua vida como na de seu povo. Para isso acontecer, aprendeu a ler e ensinou o mesmo aos seus. Antes de ir embora da terra onde nascera, ensinou sua gente a lutar por seus direitos e não temer ao Coronel que os explorava. Ele era um operário que lutava por igualdades e não se calava diante de injustiças, como observado no trecho a seguir:

[...] O homem sabia que muita coisa ainda estava para ser feita. Sabia também que o Coronel não estava satisfeito, alguns de seus empregados haviam percebido que, se cuidassem da terrinha que tinham, poderiam viver sem o patrão. Outros perceberam que podiam pegar suas colheitas e ir vender diretamente na cidade. Andavam pouco, cansavam-se mais, entretanto um pequeno lucro era possível. Quando plantavam e vendiam para o coronel, não recebiam quase nada e gastavam tudo no armazém da fazenda. Mas, melhor do que o lucro, foi perceberem que, depois de anos e anos a fio, estavam conseguindo, eles mesmos, dar um novo rumo às suas vidas. Estavam se libertando do cinturão do Coronel. (EVARISTO, 2017, p. 68)

Dessa maneira, com a ajuda e ensinamentos de Negro-Alírio aquele povo estava ganhando sua liberdade e adquirindo uma vida melhor, ganhando espaço dentro da sociedade, sendo ouvidos, não oprimidos e esquecidos por aqueles detém o poder.

A história e lutas de Negro-Alírio nos faz pensar na luta de classes, na relação opressores e oprimidos, exploradores e explorados e dominantes e dominados. Com isso, retomando as teses sobre o conceito de história, de Walter Benjamin (1987), na tese IV, temos o seguinte pensamento:

A luta de classes, que um historiador escolado em Marx tem sempre diante dos olhos, é uma luta pelas coisas brutas e materiais, sem as quais não há coisas finas e espirituais. Apesar disso, estas últimas estão presentes na luta de classes de outra maneira que a da representação de uma presa que toca ao vencedor. Elas estão vivas nessa luta como confiança, como coragem, como humor, como astúcia, como tenacidade e retroagem ao fundo longínquo do tempo. Elas porão incessantemente em questão cada vitória que couber aos dominantes. (BENJAMIN, 1940, p. 224)

¹ Segundo o autor Leandro Sakamoto (2020, p. 8), todo ano, milhares de pessoas são traficadas e submetidas a condições desumanas de serviço e impedidas de romper a relação com o empregador. Não raro, são impedidas de se desligar do trabalho até concluírem a tarefa para a qual foram aliadas, sob ameaças que vão de torturas psicológicas a espancamentos e assassinatos. No Brasil, essa forma de exploração é chamada de trabalho escravo contemporâneo.

Contudo, a semelhança entre tal trecho com as pelejas de Negro-Alírio, para desfazer a ideia de que os mais fortes sempre ganham e têm razão, faz-se presente, uma vez que, tudo isso não trata apenas da dominação existente, mas também das vitórias do passado.

O personagem tem a necessidade de mostrar para seu povo que eles não precisam mais ser reprimidos pelos patrões e que sim, eles são capazes de viverem sem depender desses que só os maltratam e humilham. Negro-Alírio carrega consigo o desejo de liberdade e justiça pelo povo escravizado no passado e no presente.

Assim, outro fato que marcou o período da escravidão e se faz presente até o hoje, são as formas de violências contra os negros, sobretudo, as mulheres. Tendo isso como modo de punição, era muito comum os senhores praticarem variados atos de violência, para que esses indivíduos os “respeitassem” e fizessem seus trabalhos sem rebeldias.

Hoje, a violência contra a população afrodescendente é marcada como ato discriminatório para com sua raça e sua ancestralidade. Toda essa brutalidade traz marcas de um passado cruel, que se perpetua ao presente, despertando, assim, traumas e feridas. Conforme afirma Grada Kilomba (2019):

De repente, o colonialismo é vivenciado como real – somos capazes de senti-lo! Esse *imediatismo*, no qual o passado se torna presente e o presente passado, é outra característica do trauma clássico. Experimenta-se o presente como se tivesse no passado. Por um lado, cenas coloniais (o passado) são reencenadas através do racismo cotidiano (o presente) e, por outro lado, o racismo cotidiano (o presente) remonta cenas do colonialismo (o passado). A ferida do presente ainda é a ferida do passado e vice-versa; o passado e o presente entrelaçam-se como resultado. (KILOMBA, 2019, p. 158)

Isto posto, o racismo é uma forma de violência, seja ele praticado fisicamente ou por meio de palavras e atitudes. À medida que isso acontece, ocasiona à vítima – o negro –, cenas de um passado (colonialismo) que se presentifica de modo cruel para ele, dando espaço para uma ferida que não cicatriza, pois tudo que acontece hoje na sociedade é fruto de um passado desumano.

Assim, Pinsky (2010), sobre a escravidão alega que:

A escravidão se caracteriza por sujeitar um homem ao outro, de forma completa: o escravo não é apenas propriedade do senhor, mas também sua vontade está sujeita à autoridade do dono e seu trabalho pode ser obtido até pela força. (...) Na escravidão, transforma-se um ser humano em propriedade de outro, a ponto de ser anulado seu próprio poder deliberativo: o escravo pode ter vontades, mas não pode realizá-las. (PINSKY, 2010, p. 09)

Portanto, diante desse conceito de escravidão, depreende-se que, para obter o trabalho do negro, o patrão via na violência uma maneira de inibir suas vontades, deixando-o apenas à

sua disposição. A agressão era tida como uma saída para que ele fosse sujeitado às vontades daquele que detinha o poder.

A título de informação, em 1688, o rei de Portugal, com o intuito de evitar que os escravos fossem maltratados, permitia várias denúncias de religiosos. Com isso, foram criadas leis, portarias e recomendações que delegavam que os castigos aos escravos não fossem desproporcionais às irregularidades por eles cometidas. Todavia, elas eram desobedecidas. Os senhores – proprietários dos escravos – achavam-se no direito de descumprir as leis, pois eram “donos” daqueles sujeitos e isso lhes dava condições de fazerem o que quisessem, principalmente, puni-los até a morte, caso não tivessem rendendo o que era esperado.

É sabido, por meio da história, que várias eram as formas de coação física praticadas contra o povo negro escravizado, tais como: a máscara de flandres, correntes, gargalheira, tronco, algemas, peia, palmatória, calabouço, golilha, ferro para marcar, entre outras. Contudo, ter sido tratado como mercadoria foi uma das maiores violências perpetradas contra o povo negro (PINSKY, 2010, p. 39), causando consequências psicológicas, sociais, entre outras, que se estendem até a contemporaneidade.

Diante dos fatos supracitados, vale destacar a violência contra a mulher negra. Como o povo negro era visto como propriedade, as mulheres, por serem mais vulneráveis, eram tidas pelos “donos”, não somente para a força de trabalho, mas também como objetos sexuais. A título de exemplificação, Jaime Pinsky (2010), destaca o seguinte:

Quanto ao senhor, não há dúvidas. Cumpria com sua mulher branca as obrigações de reprodutor e marido, mas voltava-se às escravas para o prazer sexual. Entregava-se às negras e mulatas com todo o empenho, buscando usufruir delas a satisfação que não encontrava em sua formal cama de casado. O mito de mulheres quentes, atribuído, até hoje, às negras e mulatas pela tradição oral, decorre do papel que lhes era designado pela sociedade escravista. (PINSKY, 2010, p. 54)

Becos da Memória, apesar de ser uma narrativa atual, representa marcas dessa violência praticada, desde o período colonial, contra as mulheres negras. Porém, ao mesmo tempo, Conceição Evaristo tenta desconstruir essa figura estereotipada da mulher, associada como objeto de prazer e ao trabalho pesado. Assim, a personagem Dora é apresentada, no romance, carregando a imagem de uma mulher negra empoderada, dona de si e de suas vontades.

(...) Ela vivia feliz. De tempos em tempos em tempos, tinha o seu homem, companheiro certo. Eles viviam ali, depois não sei por que partiam. Não se ouvia briga ou choro. O que se ouvia cá de fora, vindo de dentro do barraco de Dora, era sussurro, gemidos prazerosos de amor. (...) (EVARISTO, 2017, p. 90)

Dora era muito conhecida na favela, era uma negra que carregava fortes características, inclusive de mulher sensual. Contudo, no decorrer da narrativa, a personagem desconstrói o

estereótipo negativo da mulher negra, criado no período da escravidão, mudando a direção de seus caminhos e construindo uma nova história.

O estereótipo que é dado à personagem está ligado à violência cotidiana que assola a realidade sofrida de diversas mulheres da favela e atualiza uma atrocidade do passado, aproximando ao episódio de senzala e favela. A negra é vista pela sociedade, sobretudo, os homens, como objeto de prazer e escrava de seus lares.

Todavia, Dora não esconde seus desejos nem sua vida. Ela envolve-se com muitos homens, tem até um filho que não vive em seu meio familiar, “Dora não queria nada, nem casar, nem ter filhos, nem barriga. Dora não queria nada. Deitou-se aquele dia e deitava sempre, apenas querendo o prazer. Entregou o menino para o homem e saiu daquela casa. Continuou a vida, era feliz” (EVARISTO, 2017, p. 88). Assim, Dora abre a cortina sobre o seu passado, apontando seus desejos e escolhas, sem autocensuras.

Outra personagem que ganha destaque é Cidinha-Cidoca, conhecida por sua profissão, prostituta. Além do mais, ela é caracterizada por ser uma mulher negra de corpo bonito e tentador.

(...) Quase sempre usava um vestido solto sobre o corpo. A sombra de sua negra nudez era percebida sob o camisolão alvo. Era tudo muito bonito e tentador. Diziam as más línguas e as boas também que Cidinha-Cidoca tinha o “rabo de ouro”. Não havia quem o provasse e não se tornasse freguês. Todos iam e voltavam. Velhos, moços e até crianças. As mulheres da favela odiavam Cidinha-Cidoca. As mais velhas temiam pelos seus homens, as mocinhas por seus namorados e as mães por seus filhos que começavam a crescer e que, entre o vício da mão, do autocarrinho, preferiam o corpo macio e quente, preferiam o “rabo de ouro” da Cinha-Cidoca. (EVARISTO, 2017, p. 21)

É notório que as personagens femininas, descritas na narrativa, evocam questões para além da objetificação e sexualização dos corpos negros. As vivências dessas mulheres, em especial a rabo-de-ouro, colocam em discussão, também, a liberdade e estigmatização sexual da mulher. Ademais, o corpo de Cidinha-Cidoca é tomado como troféu e diversão pelos homens da favela. A saber:

Havia homem que nem bola direito chutava, só pensando em Cidinha-Cidoca. A fama da mulher corria. Era conhecida de corpo e de nome naquela e em outras favelas. Às vezes, um ou outro jogador arriscava à Cidinha-Cidoca que mudasse de pouso, que fosse com ele. Cidinha tinha mesmo vontade de conhecer outros lugares. [...] O aventureiro sentia-se feliz, vitorioso, afinal levaria consigo o melhor troféu, “Cidinha-Cidoca rabo-de-ouro.” (EVARISTO, 2017, p. 26)

Fica evidente a posse e o poder que os homens têm sobre o corpo negro da personagem, outra representação de uma condição histórica imposta sobre a mulher, em especial sobre o corpo da mulher negra. Portanto, o traço que mais ganha evidência de Cidinha-Cidoca é

remetido ao sexo, depreendendo-se que não há outras características importantes nela que não seja o sexo.

Nesse contexto, vale destacar que as mulheres da favela, temiam a presença de Cidinha-Cidoca. Como podemos observar no trecho a seguir:

Bom que ela estava doida, demente, desmiolada! Bom mesmo! Diziam até que era trabalho de uma moça virgem que criara mágoa de Cidinha. A menina havia descoberto que seu namoradinho andava visitando Cidinha-Cidoca. Falou com ele. O franguinho em véspera de galo não gostou. Discutiu, argumentou que era homem. E homem tinha de ir lá! Homem não era igual mulher! Homem vai ou endoida! Sobe pra cabeça! (EVARISTO, 2017, p. 22)

Assim, tal passagem se entrelaça com que Pinsky (2010) afirma sobre a maneira como algumas sinhás se comportavam quando descobriam que seus maridos ou filhos tinham se relacionado com as escravas:

Às vezes – e muitas – a vingança saía pela culatra. Ofendida em seu amor próprio, a senhora utilizava-se de sua posição e torturava cruelmente a escrava, a ladra de seu homem. Assim morreram muitas escravas, algumas das quais nem se quer quiseram dormir com o patrão, mas viram-se constringidas a concordar com uma relação que, na sua condição de propriedade alheia, dificilmente conseguia evitar. (PINSKY, 2010, p. 55)

Diante de tal fato, muitas senhoras, motivadas por ciúmes, torturavam e matavam as escravas, a fim de evitar que episódios como os destacados nos parágrafos anteriores acontecessem novamente.

É perceptível que as mulheres negras, até hoje, carregam esses estereótipos negativos que foram instituídos pelo patriarcado desde meados do colonialismo. Acerca de tal aspecto, Kilomba (2019) destaca:

(...) Historicamente, mulheres *negras* têm tido essa função de serem corpos sexualizados e reprodutores de trabalhadora/es (Collins, 2000; hooks, 1981; 1992); isto é, tem a função tanto de amantes como de mães. Durante a escravização, as mulheres *negras* foram sexualmente exploradas para criar filhas/os. Em seu ensaio *Sexismo e a Experiência das Mulheres Negras Escravizadas*, Bell Hooks (1981) escreve sobre como em anúncios de venda de escravizadas/os, mulheres africanas eram descritas por sua capacidade de procriação. Elas foram classificadas como “procriadoras de *escravas/os*”, “mulheres em idade fértil”, dentro do “período de reprodução”, ou “velha demais para procriar”. (KILOMBA, 2019, p. 141)

As categorias, citadas no trecho acima, eram usadas para descrever as mulheres negras, as quais tinham como função na casa branca, durante o colonialismo, o dever de nutrir e prover, enquanto seus corpos também eram vistos e usados como objetos sexuais e para procriação.

Devido a imagem estereotipada que surge desde o colonialismo da mulher negra perante a sociedade, as personagens Dora e Cidinha-Cidoca sofrem com mazelas típicas do passado

escravocrata, principalmente no que diz respeito a seus corpos negros: a violência, o preconceito e o racismo.

Consoante Paul Gilroy (2012), a violência corria a vida social negra como um todo. Isto é, tal ato era e é comum na vida do negro enquanto fator de distinção entre negros e brancos, mediando as diferenças raciais.

Contudo, são inúmeras situações que o povo afrodescendente viveu e vive desde os primórdios do colonialismo. A escravidão foi o processo mais dolorido e, mesmo depois de tantos anos, ela ainda traz marcas de uma ferida que não sara, que sangra e dói na alma dos afrodescendentes, manchando a estrutura social brasileira, como observado no trecho abaixo:

Maria-Nova, ao desenhar em sua imaginação os tiros que se anunciavam na arma do capataz, lembrou-se de Tio Tatão. Ele contava histórias de guerras. Um dia ele contou um pouco da guerra de que havia participado. E não se sentia herói por isso. (...) Tio Tatão ainda narrava a história de uma outra guerra. Aquela em que muitos escravos participaram da peleja. Foram com a promessa de que, quando voltassem, ganhariam a liberdade. Guerrear foram, havia a promessa de alforria. Muitos negros morreram na época e os que voltaram puderam perceber que a conquista da liberdade pedia não somente a guerra de que eles haviam participado, mas uma luta muito particular, a deles contra a escravidão. (EVARISTO, 2017, p. 56)

O excerto acima destaca uma lembrança referente ao personagem Tio Tatão, em que Maria-Nova rememora um período da escravidão no Brasil. Na época, os escravos haviam lutado com a promessa de que teriam sua liberdade. Entretanto, quando retornaram, aos que sobreviveram, nada aconteceu, e perceberam que a guerra a qual deveriam tratar era contra a escravidão que estavam submetidos há tantos anos, tinham que reagir e lutar por seus direitos.

Portanto, os personagens apresentados no enredo, da obra *Becos da memória*, são indivíduos que carregam consigo marcas de um passado que se faz presente em suas vidas. Suas trajetórias são carregadas de dores, feridas e traumas causados pelo racismo e preconceito que ainda assolam a sociedade. São pessoas que buscam por seus direitos e espaço no meio onde vivem, mas são esquecidos e, muitas vezes, se veem na situação de colonizador x colonizado. As mulheres são constantemente violentadas e subalternizadas, devido aos estereótipos pregados por pessoas que detinham o poder. À vista disso, como consequência, o racismo permanece entranhado em nossa sociedade, marcando vidas e corpos em virtude de variadas práticas de violência perpetradas contra a população afrodescendente.

Desse modo, tendo em vista as discussões aqui apresentadas, o capítulo seguinte aprofundará em questões referentes ao processo de favelamento e desfavelamento, os quais estão relacionados ao ambiente marginal que muitos negros viveram e vivem, além de tratar sobre o vínculo que há nesses ambientes (favelas) com a marginalidade e desigualdade.

2 MEMÓRIA E DESFAVELAMENTO

Como apresentado até o momento, a obra *Becos da memória*, de Conceição Evaristo, abrange uma série de questões relevantes e que necessitam de discussão na sociedade atual, como racismo, preconceito, desigualdades, marginalização etc., além da memória, a qual possui papel fundamental para que seja possível compreender todas feridas ainda não cicatrizadas e como tais elementos se constituíram enquanto problemas estruturais do povo negro. Diante o exposto, neste tópico, analisar-se-á três elementos identificados na obra: Favelamento x desfavelamento; marginalidades; Identidades e reconhecimentos.

Diante disso, destaca-se, aqui, o processo de desfavelamento a partir da rememoração de fatos ocorridos que influenciaram essa ação. A favela, em *Becos da Memória*, é constituída em sua maioria por pessoas negras que saíam das grandes fazendas e iam para a cidade em busca de melhores condições de vida. O desfavelamento deve ser tratado enquanto processo que traz muita dor para os personagens, pois muitos viveram grande parte de suas vidas naquele lugar. Tudo isso dialoga com os sujeitos marginalizados que habitam as periferias do país e nos faz refletir sobre o papel do negro diante da construção identitária brasileira.

Assim, de início, serão evidenciadas questões que tratam os processos de favelamento e desfavelamento narrados no romance elencado, para, então, compreender os conceitos de marginalidade e identidades trazidos por Conceição Evaristo.

2.1 FAVELAMENTO E DESFAVELAMENTO

*Homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim,
como amontoados eram os barracos de minha favela.
(Conceição Evaristo)*

A personagem de Maria-Nova, ao rememorar a vida de cada morador do lugar onde vivia, se identifica com as dores de cada um, por isso a necessidade de um dia escrever e mostrar para todos o que era experienciado por eles, o sofrimento de todos, inclusive o seu, tornavam-se amontoados em sua alma.

Nesse sentido, define-se favela como “conjunto de moradias populares que, construídas a partir da utilização de materiais diversos, se localizam, normalmente, nas encostas dos morros; comunidade.” (FAVELA, 2021). Logo, depreende-se que qualquer área de habitações irregulares, com carência em infraestruturas básicas como saneamento, luz, esgoto, coleta de lixo e demais serviços públicos, é considerada uma favela.

Outrossim, vale destacar que a origem do termo surgiu após a Guerra de Canudos (1896-1897), isto é, a cidade de Canudos, na Bahia, foi construída perto de alguns morros e um desses era o Morro da Favela, o qual recebeu esse nome graças a um tipo de planta conhecida como faveleira (a *Cnidocolus quercifolius* - chamada popularmente de favela), que era farta no local. Gilmarina Signorini Subutzki (2016), em sua dissertação de mestrado *Favelas e Villas Miseria: Um diálogo sobre os espaços urbanos marginais*, sobre a origem das favelas, afirma que:

No final do século XIX, os primeiros assentamentos eram chamados de “bairros africanos”, lugares onde ex-escravos sem terras e sem opções de trabalho iam morar. Mesmo antes do surgimento das primeiras favelas, os cidadãos pobres eram afastados do centro da cidade e forçados a viverem em distantes subúrbios. As favelas mais modernas apareceram na década de 1970 impulsionadas pelo êxodo rural, fato que também teve grande importância na formação e no crescimento desses espaços. Tal fato ocorre quando muitos moradores rurais deixam as áreas do interior e migram para as cidades. Sem encontrar um lugar para se estabelecer, a grande maioria desses migrantes acaba fixando moradia nos espaços às margens da sociedade e de todos os recursos necessários para uma vida digna. (Subutzki, p. 77, 2016)

Dessa forma, com o fim do período da escravidão no Brasil, foi intensificada a formação dessas comunidades ao redor das cidades, principalmente no Rio de Janeiro. Milhares de famílias migraram para os centros urbanos em busca de moradias e melhores condições de vida. Carentes de recursos e sem alternativas, esses indivíduos foram se aglomerando em espaços pouco valorizados das cidades. Entretanto, é importante ressaltar que esses ambientes já existiam, sua origem se dá antes da abolição da escravidão.

De acordo com Medina (1964), as duas principais explicações para o surgimento das favelas foram a abolição da escravatura e a crise na agricultura. O autor considera que a abolição, em 1888, trouxe muitas alegrias, mas foi um gesto humano que não teve continuadores. Destaca que seu advento não modificou a realidade agrária do país. O trabalhador rural não era valorizado, mas equiparado a uma enxada ou animal. Assim, a “única liberdade que os escravos receberam foi a de poderem ser móveis. Isto é, sair da fazenda onde moravam, para onde quisessem, sem serem perseguidos por ‘capitães do mato’.” (MEDINA, 1964, p.16).

Em *Becos da Memória*, tal fato tem referência na seguinte passagem:

Totó juntou a mulher, a filha e alguns trapos. Nem ele, nem ela tinha mais pais vivos. Um surto de tuberculose, que começara na casa-grande, assolava também os escravos. Iriam partir, queriam esquecer as histórias de escravidão, suas e de seus pais. (EVARISTO, 2017, p. 20)

A ida para os centros urbanos foi uma saída que Tio Totó encontrou para iniciar uma nova vida ao lado da família. Encontrar um trabalho honesto para assim ter um lar, era o sonho de tantas outras que passavam pela mesma situação. No entanto, a realidade a ser encontrada

era totalmente diferente. Poucos foram os que conseguiram moradias dignas, muitos viam nas ocupações ilegais de terras uma solução para um dos seus problemas – a falta de um lugar para morar.

Mike Davis (2006), em seu livro *Planeta favela*, busca expor as diversas situações ao longo das últimas décadas que contribuíram para o aumento da pobreza e surgimento das favelas e comunidades pobres. Nesse viés, ele trata o ambiente da favela como:

(...) lugares pitorescos e sabidamente restritos, mas em geral os reformadores concordavam com Charles Booth – o Dr. Livingstone dos párias de Londres – que todas se caracterizavam por um amálgama de habitações dilapidadas, excesso de população, doença, pobreza e vício. É claro que, para os liberais do século XIX, a dimensão moral era decisiva e a favela era vista, acima de tudo, como um lugar onde um “resíduo” social incorrigível e feroz apodrecia em um esplendor imoral e quase sempre turbulento; na verdade, uma vasta literatura excitava a classe média vitoriana com histórias chocantes do lado negro da cidade. “Selvagens”, declamou o reverendo Chapin em *Humanity in the City* (1854), “não em florestas soturnas, mas sob a força das lâmpadas de gás e os olhos dos guardas; com os mesmos gritos de guerra e clavas, e trajes tão fantásticos e almas tão violentas quanto quaisquer de seus parentes nos antípodas”. Quarenta anos depois, o novo Departamento do Trabalho dos Estados Unidos, na primeira pesquisa “científica” sobre a vida nos cortiços norte-americanos (*The Slums of Baltimore, Chicago, New York, and Philadelphia*, 1894), ainda definia slum como “uma área de becos e ruelas sujas, principalmente quando habitada por uma população miserável e criminoso”. (DAVIS, p. 34, 2006)

Em vista do exposto, é sabido que não é de hoje que esses espaços são vistos como lugares horrendos, perigosos e violentos. Tal pensamento decorre a partir da forma que esses recintos foram ocupados e devido a maior parte dos moradores serem indivíduos marginalizados, assim como os personagens que compõem a narrativa de *Becos da memória*.

Consoante Queiroz Filho (2011, p. 2), “essas moradias, que abrigavam grande número de habitantes, foram associadas à insalubridade e propagação de epidemias, como febre amarela e cólera, à promiscuidade e à violência”. Isto é, devido à falta de saneamento básico e estruturas adequadas das habitações, a proliferação de doenças era mais comum, pois pouco poderia ser feito para evitar. No trecho a seguir, de *Becos da memória*, podemos evidenciar a problemática discutida:

(...) Pegou a lamparina e foi até o quartinho. Ali do lado de fora era a fossa. (...) Dentro do quartinho, o cheiro de bosta e mijo subia. Que merda! Que vida! (...) O cheiro da fossa ardia em seu nariz. A ardência ia até a alma. (...) De repente, a chama iluminou o fundo da fossa. Num lampejo Ditinha viu as merdas supitando lá no fundo. E num lampejo mais rápido ainda, o broche tão bonito, de perda verde tão suave que até parecia macia, sumiu em meio às bostas. (EVARISTO, 2017, p. 123, 124 e 125)

O fragmento acima retrata o episódio em que Ditinha rouba uma joia de sua patroa – Dona Laura – e, ao se arrepender do ato, em desespero joga o broche na fossa ao lado de sua casa. Nessa descrição, são notórias as péssimas condições de moradia que os personagens

vivem, há uma negligência por parte do poder público e a violência da polícia para com os moradores das comunidades, o qual não supre a necessidade mínima do cidadão com serviços básicos, colocando-os em riscos de contrair doenças graves e transmissíveis. Logo, a ilegalidade, insalubridade, desordem, autoconstrução e falta de serviços e infraestrutura urbana estão presentes nesses locais.

Ditinha é apenas mais uma personagem que vive o descaso dos políticos perante sua situação. O barraco descrito acima é reflexo da atenção que é dada para essas pessoas. Viver nessa condição de vida não foi uma escolha sua e o que mais dói nela é que seus filhos terão o mesmo destino, principalmente, depois de ter roubado a joia da patroa. A vida não é fácil e seria muito menos após esse episódio.

Apesar disso, a favela de *Becos da memória* é o lugar onde as pessoas que ali viviam compartilhavam suas alegrias, tristezas, dores e misérias. Os becos que a constituíam guardam recordações e segredos, como o de Ditinha. As vielas eram “sem graça” e pobres: “A favela era grande e toda recortada por becos. Alguns becos tinham saída em outros becos, outros não tinham saída nunca. Eram como ruas estreitas que se cruzavam, que se bifurcavam.” (EVARISTO, 2017, p. 111). Dessa maneira, assim como os becos se cruzavam, as vidas daqueles indivíduos também.

Sobre a favela do romance de Conceição Evaristo, Subutzki (2016), declara que:

Os barracões cinzentos, disformes, eram para a menina algo “sem graça, triste”, como a vida às vezes. Eles eram construídos com o que se tinha à mão. A pobreza extrema forjava necessariamente moradores criativos, que transformavam muitos materiais em paredes, telhados, utensílios. “Os barracões de zinco, papelões, madeiras e lixos.” (EVARISTO, 2006, p. 20). As casas precárias, com pouca segurança, abrigavam muitas vidas em pouco espaço. Todos os barracões se pareciam, até o que Maria-Nova morava com Tio Totó e Maria-Velha. As moradias, com suas estruturas miseráveis, representavam o bem material mais valioso do povo da favela, e além de abrigo e singelo conforto, os barracões eram símbolos de lutas e de conquistas, muitas vezes, como é o caso de Tio Totó, de uma vida inteira: “Esta minha casa era só um quartinho, fui aumentando aos poucos. Hoje você vê, menina, são quatro cômodos”. (EVARISTO, 2006, p. 84). (SUBUTZKI, 2016, p. 93)

Diante do exposto, os barracos mesmo humildes, simples e muitas vezes em situações precárias, eram para os personagens o bem mais valiosos, pois representavam as lutas diante de todas as dificuldades que enfrentavam. Aqueles recintos eram abrigos que sempre cabia mais um que chegava e não tinha para onde ir.

A comunidade era o lar de todos, apesar de todas as deficiências em infraestrutura, era rica em afetividade. As pessoas que ali chegavam não encontravam riquezas, mas esbarravam, muitas vezes, em afeto e cumplicidade uns para com os outros. Exemplo disso é o aconchego encontrado por Bondade na casa dos moradores e a paz transmitida por Vó Rita.

Mesmo diante de tanto descaso, a favela proporcionava aos moradores alegrias, como é possível observar na seguinte passagem:

Os festivais de bola na favela tinham gosto de grandes alegrias. Aconteciam em uma época certa, era uma vez por ano. Durante meses, durante os sábados e domingos. O campo era uma área livre, enorme, que ficava entre a favela e o bairro rico. Bem rico e bem próximo. (EVARISTO, 2017, p. 23)

O episódio narrado acima retrata momentos de lazer que os habitantes da favela partilhavam: “Juntos estavam os operários, os vagabundos, os marginais em hora de gozo e lazer.” (EVARISTO, 2017, p. 23). Ou seja, não havia distinção entre as pessoas que ali moravam, eram todos iguais, principalmente na miséria que se fazia presente no lar de todos.

A favela de *Becos da Memória* ficava ao lado de um bairro nobre muito rico. A água de lá abastecia as torneiras públicas da favela onde as mulheres lavavam roupas dos ricos para quem trabalhavam. As festas juninas que aconteciam eram patrocinadas por eles: “Bancavam para que os favelados não os importunassem. Havia outros bairros perto de favelas em que as casas eram constantemente arrombadas.” (EVARISTO, 2017, p. 47). Desse modo, pode-se perceber que havia um acordo tácito entre os favelados e os vizinhos ricos, em que dois mundos tão distintos teciam uma política de boa vizinhança.

É notório que os favelados são vistos pelos moradores ricos como uma ameaça a suas seguranças e privacidade, uma forma para que eles não os fizessem mal, era proporcionando esse momento de lazer aos indivíduos. A partir disso, pode-se observar o preconceito contra essas pessoas sendo desenvolvido, uma vez que muitos que ali viviam eram pessoas de boa índole e que buscavam apenas um lugar para chamar de seu.

À vista disso, é possível afirmar que na obra elencada, há semelhanças entre Favela e Senzala. Segundo Schmidt (2013), essa relação é constante na narrativa e acontece de duas formas:

Primeiramente, na memória da escravidão, frequentemente relatada pelos mais-velhos, em histórias nas quais rememoram sua infância passada em fazendas, senzalas, plantações e enfrentamentos com os sinhôs. Num segundo plano, o mais vívido no romance, a relação da senzala com a favela se atualiza na geografia dos becos onde se vivencia a condição subalterna dos seus moradores. (SCHMIDT, 2013, p. 107).

Maria-Nova observava nas histórias contadas e na realidade vivida que, mesmo depois de tanto tempo, a realidade não mudara muito. Ainda havia marcas da escravidão presentes em seu povo, sobretudo com a imagem iluminada dos casarões contrastando com os vultos dos barracos. Tal pensamento é identificado na obra *Becos da memória* no trecho abaixo:

[...] Duas ideias, duas realidades, imagens coladas machucavam-lhe o peito. Senzala-favela. Nesta época, ela iniciava seus estudos de ginásio. Lera e aprendera também o que era casa-grande. Sentiu vontade de falar à professora. Queria citar, como exemplo de casa-grande, o bairro nobre vizinho e como senzala, a favela onde morava. Ia abrir a boca, olhou a turma e a professora. Procurou mais alguém que pudesse sustentar a ideia, viu a única colega negra que tinha na classe. Olhou a menina, porém ela escutava a lição tão alheia como se o tema escravidão nada tivesse a ver com ela. Sentiu certo mal-estar. Numa turma de quarenta e cinco alunos, duas alunas negras, e, mesmo assim, tão distantes uma da outra. Fechou a boca novamente, mas o pensamento continuava. Senzala-favela, senzala-favela! (EVARISTO, 2017, p. 73)

Percebe-se que a favela de Maria-Nova é uma releitura da senzala de seus antepassados e o bairro nobre rico da casa-grande. Pois, era nas casas ricas do bairro vizinho que muitas mulheres trabalhavam como empregadas, além da festa junina que era bancada por eles, como já mencionado anteriormente. Segundo a personagem, hoje ela via uma nova senzala, onde “seus moradores não estavam libertos, pois não tinham nenhuma condição de vida.” (EVARISTO, 2017, p. 150), era preciso escrever uma nova História.

Em meio a tudo isso, ocorre o plano de desfavelamento daquele lugar. Um fato que merece destaque, uma vez que esse é um episódio de dor e sofrimento para os moradores da favela, devido à incerteza do que aconteceria dali em diante, para onde iriam, bem como as mortes que ocorreram devido ao “Buracão” o qual ocupava parte daquela área.

Havia no meio da favela um buraco que é conhecido pelos moradores como “Buracão”, como é possível notar no trecho abaixo:

No meio da área onde estava situada a favela, havia um buraco imenso que crescia sempre e sempre na época de chuvas com os constantes desbarrancamentos. O local era conhecido por Buracão. O Buracão era grande, maior que o mundo talvez. Ali caíam bêbados e crianças distraídas. (...) O Buracão foi um dos últimos, se não o último local da favela a desaparecer. O Buracão desafiava o mundo. (EVARISTO, 2017, p. 129)

O “Buracão” descrito acima foi palco de inúmeros acidentes em que crianças e adultos caíam nele e quebravam pernas e braços, mas morte nunca tinha ocorrido, até o dia que a personagem Cidinha-Cidoca é encontrada morta no referido lugar. Assim, pressupõe-se que “‘O Buraco’ é a metáfora de uma grande boca insaciável que engole as vítimas e, ao mesmo tempo, as expulsa para longe”, conforme assegura Maria Nazareth Fonseca (2006 apud EVARISTO, 20017).

Simone Pereira Schmidt, em seu artigo “Sobre favelas e musseques”, destaca esse espaço como símbolo do processo que, no romance, representa o receio comum dos moradores, o desfavelamento:

Expondo a dura realidade do enfrentamento desigual com os detentores do poder, o processo de desfavelamento se encontra simbolizado na narrativa pelo “buracão”, que cresce a cada dia diante dos olhos de todos, assinalando o lugar de onde mais e mais

barracos vão sendo arrancados, e mais famílias removidas. É interessante pensar no sentido do “buracão” como falta extrema, como vazio de representação, e, em última instância, como o fim de um mundo. (SCHMIDT, 2010, p. 211).

Conseqüentemente, o plano de desfavelamento que começara a acontecer despertava cada vez mais nos inquilinos da favela medos a respeito do que poderia ocorrer dali por diante. Estava se aproximando o dia em que aquele lugar desapareceria totalmente e todos que ali viviam teriam que procurar um outro lugar para sobreviver, mesmo com a construtora dando materiais de construção ou uma mísera indenização, tudo isso tornava quase impossível não ir habitar uma outra favela ou subúrbio da cidade. Podemos identificar esse acontecimento no seguinte fragmento da obra:

Ofereciam duas opções ao morador: um pouco de material, tábuas e alguns tijolos para que ele construísse outro barracão num lugar qualquer, ou uma indenização simbólica, um pouco de dinheiro. A última opção era pior. Quem optasse pelo dinheiro recebia uma quantia tão irrisória, que acabava sendo gasta ali mesmo. Depois vinha o pior, decorrido o prazo de permanência, nem o dinheiro, nem as tabuas, nem os tijolos, só o nada. (EVARISTO, 2017, p. 71)

Diante disso, não só a falta de condições financeiras era preocupação dos habitantes dos becos da favela. A dor e a tristeza também se faziam presentes nos corações e pensamentos dos indivíduos, visto que o lugar era carregado de memórias dessas vidas que habitaram por tanto tempo esse ambiente.

Todos os personagens sentiam a angústia invadir seus peitos, cada vez que viam os tratores aprofundando sempre mais os trabalhos. Todavia, Tio Totó, um dos primeiros a habitar a favela, carregava uma aflição maior, como é possível observar no excerto a seguir:

Tio Totó não se conformava com o acontecido. Deus do céu, seria aquilo vida? Por que a gente não podia nascer, crescer, multiplicar-se e morrer numa mesma terra, num mesmo lugar? Se a gente sai por aí, por este mundo de déu em déu e não volta, o que vale o respeito, a fé toda quando se está distante, no que para trás ficou? Para que a crença na volta ao lugar onde se enterra o umbigo? Verdade fosse!...
Tio Totó andava inconsolável: já velho, mudar de novo, num momento em que seu corpo pedia terra. (EVARISTO, 2017, p. 18)

O sentimento de não pertencimento a um lugar é recorrente na obra aludida. Tio Totó sente a dor do desfavelamento, assim como sentiu a dor da partida da lavoura que habitava anteriormente e a mesma dor que seus ancestrais sentiram ao serem libertos da escravidão e deixado a casa-grande e irem para cidade grande. Estava no destino de Tio Totó, Maria-Nova, Vó Rita e tantos outros personagens viverem vagando em busca de um pedacinho de terra para chamar de sua.

A vivência do desfavelamento ocorrido no romance em análise, conforme Subutzki (2016), foi uma prática corrente em muitos países. Sobre isso, ela afirma que:

A realidade do desfavelamento, sem um lugar pré-estabelecido para a realocação, foi e ainda é uma prática lamentável em muitos países. Inúmeras famílias ainda sofrem com a falta de um lugar digno para morar. A literatura, por sua vez, tem retratado alguns desses inquietantes deslocamentos, demonstrando, principalmente na contemporaneidade, todos os problemas intrínsecos ao fato. (SUBUTZKI, 2016, p. 108)

Muitas famílias saíam sem destino, chegando até a morar nas ruas. O plano de desfavelamento visava tirar o que era considerado feio e problema para a sociedade. No entanto, o que deveria ser feito é não mais colocar esses espaços como algo a ser extinto, mas como um lugar social carente de atenção e recursos.

A narradora-personagem, Maria-Nova, como moradora da favela sente as mesmas incertezas que os outros, como é possível observar no seguinte excerto:

O que faríamos em lugares tão distantes para onde estávamos sendo obrigados a ir? Havia famílias que moravam ali havia anos. Meio século até, ou mais. O que seria lei usucapião? Eram estes pensamentos que agitavam a cabeça de Maria-Nova, enquanto olhava os movimentos de tratores para lá e para cá. [...] Aqueles tratores trariam tanta tristeza, trariam até. (EVARISTO, 2017, p. 71-72)

A favela não era o melhor lugar do mundo, existia muita miséria, contudo os moradores não queriam sair, pois ali estava o trabalho e a sobrevivência de todos. O desfavelamento trouxe somente tristeza e desgraça e nada do que fizessem era incapaz de impedir as autoridades de pararem suas máquinas.

Ao passo que os moradores iam saindo da favela, o “Buracão” crescia mais e os “becos de onde saltavam tantas vidas desapareceram como se nunca houvessem existido.” (EVARISTO, 2017, p. 179). Isto é, a cada dia um novo ponto era perdido e uma família partia em busca de uma nova oportunidade e chance de reescrever sua história.

Com esse processo de desfavelamento, a favela vai deixando aos poucos de ser o lar daquelas pessoas, pois os acontecimentos corriqueiros deixaram de acontecer, ocasionando até o enfraquecimento da união do grupo, como é observado no fragmento abaixo:

Ameaçados, ou melhor, confrontados diante do desfavelamento, um desânimo amolecia a vontade de todos. Emoções confusas tomavam conta de Maria-Nova e a menina procurava se equilibrar em meio de tantos acontecimentos. [...] Percebia a estreita relação de sentido entre a favela e a senzala, mas mais entristecia ao perceber que nos últimos tempos ali se vivia de pouco amor e muito ódio. Um ódio que passara a existir entre pessoas que até então se gostavam tanto e que um sentimento fora dirigido à pessoa errada (EVARISTO, 2017, p. 137).

Nos últimos tempos qualquer coisa era motivo de briga entre os moradores que ainda restavam. Todos estavam totalmente desestruturados. Logo, ficar já não valia a pena, posto que, se antes do desfavelamento a pobreza já existia, durante o processo ela, fazia-se maior, a

escassez de água se tornou fato corriqueiro e as lavadeiras perderam fregueses. Resistir não era mais a solução.

Em suma, o espaço que é destacado na narrativa de Conceição Evaristo é, sobretudo, um lugar de sofrimento, mesmo tendo os personagens partilhado vários momentos felizes. Os indivíduos que a compõem são perseguidos pela pobreza extrema e pelo descaso das autoridades diante do episódio do desfavelamento. Os tratores que ali trabalham aceleram o desenvolvimento, mas também são motivos de desempregos, tristezas, perdas de lares e mortes, uma vez que tudo isso está presente no dia a dia dos excluídos sociais.

2.2 SOBRE MARGINALIDADES

*Hoje, a recordação daquele mundo me traz lágrimas
aos olhos. Como éramos pobres! Miseráveis talvez!
Como a vida acontecia simples e como
tudo era e é complicado!*
(Conceição Evaristo)

Para Bordenave (1983, p. 18), marginalidade significa “ficar de fora de alguma coisa, às margens de um processo sem nele intervir”. Nesse sentido, a obra *Becos da memória* rememora histórias de pessoas que foram marginalizados durante uma vida inteira, que nunca tiveram uma participação no âmbito social.

Conceição Evaristo escreve sobre os excluídos sociais, que no decurso de séculos vêm lutando para conseguir seus direitos e participação perante o meio social. Em vista disso, de acordo com as perspectivas de Maria Aparecida Zero (2004), em seu artigo “Participação, marginalidade e marginalização social”, sobre o pensamento de Bordenave a autora afirma que:

Para o autor, entretanto, a “marginalidade” de alguns grupos não pode absolutamente ser compreendida como consequência de “atrasos”, mas de resultado de uma distribuição desigual dos acessos aos benefícios. Para que alguns acumulem poder e vasto patrimônio, é necessário que os outros sejam explorados e sacrificados. A muitos é negada a possibilidade de acesso aos bens materiais e à participação política. (ZERO, 2004, p. 173)

Nesse viés, a marginalidade advém a partir das desigualdades sociais que os sujeitos estão expostos, ou seja, da má distribuição dos acessos aos benefícios. É necessário que muitos sejam impostos a sacrifícios e explorações para que outros detenham poder e usufruam daquilo que os marginalizados não podem.

Em *Becos da memória*, é possível observar claramente essa exploração com os negros marginalizados que vivem na favela, a exemplo da personagem Ditinha, que trabalha na casa

da patroa onde vive no bairro nobre vizinho, sentindo na pele o retrato da desigualdade social, como é notório no fragmento abaixo:

Ditinha estava cansada, humilhada. Olhou seu barraco, uma sujeira. As roupas amontoadas pelos cantos. Olhou as paredes, teias de aranha e picumãs. Um cheiro forte vinha da fossa. Era preciso jogar um pouco de cal virgem sobre as bostas. (...) O pai fedia a sujeira e a cachaça. Lembrou da patroa tão limpa e tão linda como as joias. Pensou que o dia de amanhã seria duro. A casa estaria de pernas pro ar depois da festa. Seriam tantas louças! Na certa sobrariam doces e bolos. A patroa haveria de dividir com ela, com a cozinheira e com a babá. Traria para casa e seria a vez de seus olhos brilharem mais que qualquer joia. Ela seria um pouco feliz. (EVARISTO, 2017, p. 103-104)

A passagem acima mostra a disparidade entre a casa e a vida da patroa, mulher branca e com boas condições financeiras, e a vida e o barraco de Ditinha. Vivendo em condições precárias, a personagem é quem cuida de todos (pai e filhos), e por isso é o pilar da família; a maneira como ela vê a patroa e é vista por ela é relevante para pensarmos sobre a questão da desigualdade no Brasil.

Ditinha compara a vida miserável que tem com a da patroa, ela vive em um mundo totalmente diferente do seu, com luxo, fartura em todos os sentidos; enquanto Ditinha precisa regrar tudo o que entra em seu barraco. A patroa mora numa casa luxuosa em um bairro nobre; já ela em um casebre, com uma fossa embaixo de sua janela. Desse modo, percebe-se que são vidas totalmente desiguais, em que uma tem a oportunidade de usufruir de todas as regalias da sociedade; já a outra é uma vítima do descaso dos políticos e não tem o privilégio de gozar de seus devidos direitos.

Personagens como Tio Totó, Maria-Velha, Vó Rita, Bondade, Negro Alírio, entre outros, são marginalizados novamente quando saem do interior que moram e vão para a favela e após o desfavelamento, pois continuam enfrentando as mesmas problemáticas, discriminações e exclusões sociais.

Desse modo, é válido destacar o pensamento de Márcia Maria Oliveira Silva (2014), a respeito da marginalidade desses indivíduos:

(...) Entendemos que durante várias gerações o negro tem sido massacrado de inúmeras formas, a leitura de *Becos da memória* proporciona analisar a ideologia dominante que perpetua uma forma de escravização que não diz mais respeito à escravidão oficial, mas às relações sociais pautadas na desigualdade. (SILVA, 2014, p. 06)

Destarte, aqueles que possuem um passado escravocrata continuam buscando se libertar e criar seu próprio destino, sem subalternização, exclusão e desigualdade social. Procuram desfrutar dos mesmos direitos e privilégios que os vizinhos do bairro rico detêm.

A obra retrata as vidas de pessoas que vivem em um universo totalmente marginal, o qual a sociedade tenta ocultar. As histórias contadas por Maria-Nova são retalhos de lembranças sobre indivíduos que são colocados às margens, como exemplo, os negros que habitam a favela.

Nascimento (2002), alega que a postura omissa adotada pelo Estado Brasileiro frente aos recém-libertos do regime escravocrata, sem dúvidas, acarretara diretamente na condição ostensiva de marginalidade do ser social negro na sociedade brasileira. Isto é, a maneira como esses indivíduos são tratados influencia na sua condição de vida.

Segundo a narradora-personagem, Maria-Nova: “Hoje a recordação daquele mundo me traz lágrimas aos olhos. Como éramos pobres! Miseráveis talvez! Como a vida acontecia simples e como tudo era e é complicado!” (EVARISTO, 2017, p. 17). Mediante esse trecho da obra, observa-se que a vida dessas pessoas era difícil e que a maioria não tem uma perspectiva de melhorias diante de suas situações.

Nesse âmbito, Bauman (2003, p. 80) assevera que “o abismo entre os ricos e os pobres, e entre os mais ricos e os mais pobres se amplia ano a ano tanto entre as sociedades como dentro delas, em escala global e dentro de cada Estado”. Logo, como havia a distância entre os que habitavam a casa grande e a senzala, há também entre os bairros nobres e os excluídos dos subúrbios e favelas, fazendo permanecer sempre a desigualdade.

A ideia de casa grande e senzala é mantida em *Becos da memória*, pois os que detém o poder, por exemplo, os vizinhos do bairro nobre, são vistos como os patrões que abusam da liberdade que têm sobre os que são escravizados, no caso, os moradores da favela.

O romance é uma homenagem póstuma aos seres excluídos, aos meninos vadios, aos desempregados, bêbados, prostitutas, enfim, a todos que eram considerados subalternos e habitavam as ruelas da favela. Conforme o fragmento abaixo:

Um sentimento estranho agitava o peito de Maria-Nova. Um dia, não sabia como, ela haveria de contar tudo aquilo ali. Contar as histórias dela e dos outros. Por isso ela ouvia tudo tão atentamente. Não perdia nada. Duas coisas ela gostava de colecionar: selos e as histórias que ouvia. (EVARISTO, 2017, p. 31).

Portanto, é evidente que *Becos da memória* dialoga, pois, com a realidade presente na vida de muitos sujeitos invisíveis que habitam as periferias do país e seria por meio da escrita que a narradora-personagem faria seu povo ter voz e direitos, isto é, escrever uma nova história mudaria não só o seu caminho, mas também o de muitos.

Consoante essa perspectiva, Jane Cristina Cruz (2016), em sua dissertação de mestrado intitulado por *Uma análise da personagem narradora em Becos da memória, de Conceição Evaristo*, afirma que:

O olhar da autora tece um ponto-de-vista do excluído, do violentado socialmente, com uma linguagem peculiar, marcada pela oralidade e carregada de poeticidade. Desse modo, com sua escrita, ela reflete sobre os seres periféricos que são os negros, os pobres, as mulheres, enfim, os excluídos de um modo geral. (CRUZ, 2016, p. 46)

Assim, Evaristo mostra as misérias sentidas pela classe trabalhadora brasileira, relacionadas com as desigualdades existentes nas periferias e na divisão e organização social, que faz dos(as) negros(as) a população mais atingida por essa exclusão. “Bondade sofreu muito com o desfavelamento. Ele, Tio Totó, Maria-Nova e algumas crianças foram talvez os que naquela época traziam o coração mais dolorido.” (EVARISTO, 2017, p. 25). Essa questão do desfavelamento é uma parte que traz grandes dificuldades para os moradores do lugar, tendo em vista que eles não são amparados por nada e ninguém e ficam totalmente à mercê da sorte.

É válido destacar que, nas andanças feitas por Maria-Nova, em meio aos barracos conseguimos identificar os lugares de exclusão. Maringolo (2014), diante disso, afirma que:

A favela torna-se, para o narrador, um espaço de experiências coletivas, como a constante ameaça do despejo, do desfavelamento, da pobreza e da injustiça, como um espaço encontrado por muitos como a última parada, a última opção, porém também como um espaço de múltiplas experiências e narrativas. (MARINGOLO, 2014, p. 33)

À vista disso, a favela é a última opção dos moradores, posto que esses já haviam procurado acolhida em outros lugares. Não obtendo êxito, migraram para o espaço de exclusão, sendo submetidos a sobreviverem em um ambiente de extrema pobreza, miséria e violência. Os becos daquele lugar se tornam a nova senzala, onde abrigam os sujeitos subalternizados, excluídos dos grandes centros da cidade.

A favela não era escolha daquelas pessoas, mas era a única saída que encontravam para não viverem em uma situação pior. Todos que ali habitavam compartilhavam das mesmas dores e misérias. O recinto evoca um lugar de subordinação histórica para a formação dos povos negros no Brasil e os personagens travavam, cotidianamente, uma guerra contra as amarras das desigualdades sociais, sempre com o desejo de se “libertarem”.

Segundo tal perspectiva, a referência abaixo é importante:

Ela via, em coro, todos os sofrendores, todos os atormentados, toda a sua vida e a vida dos seus. Maria-Nova sabia que a favela não era o paraíso. Sabia que ali estava mais para o inferno. Entretanto, não sabia bem o porquê, mas pedia muito à Nossa Senhora que não permitisse que eles acabassem com a favela, que melhorasse a vida de todos e que deixasse todos por ali. Maria-Nova sentia uma grande angústia. Naquele momento, sua voz tremia, tinha vontade de chorar. (EVARISTO, 2017, p. 46)

Como mencionado anteriormente, a favela não era o melhor lugar, mas para aqueles indivíduos que estavam à mercê da sociedade, as ruelas do recinto se tornavam seus lares e sair

dali sem nenhuma perspectiva de condição de uma vida melhor, era sofrido e doloroso, pois representava um ciclo que se repetia, senzala – favela; favela – favela, isto é, nada mudaria.

Fonseca (2006 apud EVARISTO, 2017), sobre a exclusão social em *Becos da memória*, reitera que:

Um caminho marcado pela observação das mazelas de um projeto urbano que não consegue solucionar a demanda dos excluídos, das periferias dos grandes centros e dos bolsões de miséria que colocam em xeque o ranço positivista de *slogans* como “ordem e progresso” é o que é construído pela voz narrativa no livro *Becos da memória*, de Conceição Evaristo. A vivência da penúria afina alguns instrumentos narrativos para expor as vidas subterrâneas, minadas pela carência intensa de melhores condições de vida. Da pobreza vivida muitas vezes com gestos de brandura, a narradora vai retirando dados de uma história maior, a da favela, um aglomerado de barracos cambiantes e de “doces figuras tenebrosas” que povoam de mistério o imaginário de crianças que, cedo, precisam assumir as obrigações impostas pela vida dura. O romance recupera as experiências de pessoas expostas à dura pobreza, que, contudo, não arrefecem o desejo de continuar vivendo. (FONSECA, 2006, apud EVARISTO, 2017, p. 192-193)

Isto posto, o desfavelamento que ocorria não solucionava os problemas dos excluídos sociais, pelo contrário, esses sujeitos continuariam habitando lugares que são considerados “problemas” para as autoridades, pois sem políticas que os favoreçam, a favela de Maria-Nova, Maria-Velha, Vó Rita e Bondade acabaria ali naquela região, mas outras surgiriam nos grandes centros urbanos.

Outro ponto a ser elencado é a forma como esses seres eram tratados, muitas vezes postos como indigentes, a exemplo temos a história de Cidinha-Cidoca que, ao morrer, é enterrada como miserável, sem condições alguma. A saber:

A menina ficou pensando na mulher que seria enterrada como indigente. Afinal todos, ali na mesma miséria, o que eram se não indigentes? Reconstituiu a sua vida e a dos outros. Lembrou da fome que passara desde o momento em que nascera. [...] Existiam sim, os preguiçosos, os malandros, os ladrões, mas entre todos pouca diferença havia. A condição de vida era única, a indigência em grau maior ou menor existia para todos. (EVARISTO, 2017, p. 159-160)

Nessa perspectiva, a morte da personagem faz a narradora refletir sobre a condição de vida dela e de seu povo, afinal, todos compartilhavam da mesma miséria e desigualdade e, querendo ou não, estavam expostos a serem considerados como indigentes assim como Cidinha-Cidoca.

Por sua vez, Azevêdo (2012), em “Pobreza, marginalização e segregação socioespacial: uma visão teórica das periferias urbanas”, afirma, sobre a desigualdade, que:

O principal entrave à ascensão do Brasil, é a veemente desigualdade na distribuição de renda. Nesse contexto, percebemos que aqui, e em todos os países subdesenvolvidos, a marginalização do cidadão se alicerça nas severas imposições do

sistema negligenciando o direito de muitos e privilegiando uma minoria. (AZEVEDO, 2012, p. 26)

Em vista disso, Robert Castel (2013), em *Desigualdade e a Questão Social*, afirma que a marginalização é um tipo de exclusão motivada pela desigualdade social. Pode-se destacar também que há alguns tipos de marginalização que levam à exclusão e desigualdade, como a marginalização espacial, a marginalização racial e a marginalização infantil.

A marginalização espacial refere-se à atribuição de valores negativos a certos lugares, como favelas e subúrbios. Este tipo de segregação contribui para o desenvolvimento de preconceitos e discriminações não apenas em relação às localidades, porém especialmente dos seus moradores e frequentadores.

Na obra Evaristiana, esse ato ocorre quando há o acordo entre os moradores do bairro rico com os da favela, os vizinhos “bancavam para que os favelados não os importunassem” (EVARISTO, 2017, p. 47), ou seja, os endinheirados davam as sobras de suas luxuosas festas para que os pobres fizessem as suas e em troca eles não arrombavam seus lares. Tal fato expõe nitidamente o intimidamento que há devido existir uma comunidade habitada por indivíduos desfavorecidos financeiramente, além de a maioria ser negros.

Pode-se destacar também a maneira como a favela é descrita quando a personagem Ditinha joga a joia da patroa na fossa ao lado de sua casa, sendo um lugar nojento, com os dejetos dos moradores a céu aberto “(...) O cheiro da fossa ardia em seu nariz. A ardência ia até a alma. (...) De repente, a chama iluminou o fundo da fossa. Num lampejo Ditinha viu as merdas supitando lá no fundo.” (EVARISTO, 2017, p. 123). Nesse momento, o ambiente é colocado como um lugar horrendo e sem o mínimo de saneamento básico, ali passa a ser o pior lugar para se morar.

Assim, a marginalização racial é atrelada à exclusão por motivações étnicas. Em *Becos da memória* quando a personagem Dora conhece Negro Alírio, ela se encanta por ele, pois nunca havia encontrado um negro que soubesse ler e escrever, “imagine só, um homem tão pobre quanto ela, tão simples e que sabia ler, conhecia poucas pessoas negras que soubessem ler” (EVARISTO, 2017, p. 94). Deste modo, é evidente que pelo fato de o personagem ser negro, pressupõe-se que necessariamente ele não saberia ler, expondo dessa forma que esses são os mais excluídos devido sua cor de pele.

Por último, no que se refere à marginalização infantil, ela ocorre na fase inicial da vida, pois geralmente as crianças têm pais em situação de extrema pobreza ou dependência química. Por isso, elas, muitas vezes, são condicionadas ao trabalho infantil, prostituição e tráfico de

drogas, ou crescem em situação de rua. É possível observar a problemática no seguinte trecho do romance:

Beto cresceu repentinamente e violentamente. Era impressionante ver um menino que até ontem era moleque, virar adulto, de um dia para outro, inclusive na própria feição do rosto. Desde o dia em que os policiais levaram Ditinha, Beto tornou-se diferente. (EVARITO, 2017, p. 126)

(...) Como o menino estava envelhecido! Perdera todas as feições de criança. Estava adulto, muito adulto. Meu Deus, que violência! Em poucos meses, sete somente, o menino parece que ganhara anos e anos de vida. (EVARITO, 2017, p. 162)

À vista disso, a marginalização infantil está evidenciada nas passagens acima, pois o personagem após a prisão de sua mãe, Ditinha, é obrigado a tomar as rédeas da família, uma vez que é o filho mais velho. O menino se vê na responsabilidade de cuidar do avô cadeirante e bêbado, dos irmãos e da casa, havia que começar a trabalhar e sustentar a todos, a infância foi deixada de lado e substituída repentinamente pela vida adulta precoce.

Isto posto é evidente que todos esses tipos supracitados compõem o universo marginal escrito por Evaristo. Em suma, a marginalização é o resultado dos processos sociais, políticos e econômicos que conduzem os indivíduos para condições de exclusão, isto é, os impedem de fazer parte de determinados grupos e ter acesso a direitos básicos, como saúde, educação e moradia. É possível observar tal aspecto no trecho abaixo:

(...) Bom da escola era só a merenda!

(...) Maria-Nova adorava a merenda da escola desde o tempo em que ela era do primário. O que ela mais gostava era de macarronada, porque tinha até queijo ralado em cima. Gostava também quando era pãozinho com doce de leite. Ao morder o pão, o doce chegava até escorrer um pouco. (...) (EVARISTO, 2017, p. 169)

A escola muitas vezes passa a ser um refúgio para saciar os desejos das crianças da favela, um desejo que não se mantém apenas no estudar, como era para Maria-Nova, mas o desejo de saciar a fome, tendo em vista que todos que ali viviam eram pobres e muitas vezes era no lanche escolar que encontravam sua única refeição do dia. A partir disso, é evidente que a miséria se faz presente naquele lugar e na vida daqueles jovens.

Portanto, é possível concluir que os personagens aqui mencionados exemplificam o universo marginal ocultado pela sociedade. A narrativa traz “o mundo íntimo dos humilhados e ofendidos, tomados no livro como pessoas sensíveis, marcadas, portanto, não apenas pelos traumas da exclusão (...)” (OLIVEIRA, 2009, p. 621), mas também pelas imposições daqueles que sempre os escravizaram e negaram sua identidade.

2.3 IDENTIDADES E RECONHECIMENTO

Maria-Nova um dia escreveria a fala de seu povo.
(Conceição Evaristo)

Tendo em vista o que foi exposto até o momento acerca das relações entre memória, escravidão, favelamento, desfavelamento e marginalidades, convém abordar algumas noções de identidade enquanto elemento constitutivo e delineador das características de qualquer sujeito, porém, nesta dissertação, o foco recai sobre os sujeitos marcados pelos problemas sociais até aqui destacados. Nesse sentido, iniciamos nossos apontamentos indicando que a identidade está ligada às características de um determinado grupo social no qual o indivíduo está inserido, sendo definida a partir da cultura que o sujeito entende como sendo sua, bem como das manifestações culturais que compartilha ao longo da vida com outros.

Conforme Pollak (1992, p. 5):

Nessa construção da identidade - e aí recorro à literatura da psicologia social, e, em parte, da psicanálise - há três elementos essenciais. Há a unidade física, ou seja, o sentimento de ter fronteiras físicas, no caso do copo da pessoa, ou fronteiras de pertencimento ao grupo, no caso de um coletivo; há a continuidade dentro do tempo, no sentido físico da palavra, mas também no sentido moral e psicológico; finalmente, há o sentimento de coerência, ou seja, de que os diferentes elementos que formam um indivíduo são efetivamente unificados. De tal modo isso é importante que, se houver forte ruptura desse sentimento de unidade ou de continuidade, podemos observar fenômenos patológicos. Podemos portanto dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992, p. 05).

À vista disso, é importante destacar que a memória é elemento constitutivo da identidade, pois ela é fator importante para dar seguimento à construção e reconstrução de um grupo ou até mesmo de forma individual. Ninguém pode construir uma imagem isenta de mudanças. Isto é, memória e identidade estão ligadas e fazem parte do processo identitário de um povo.

Outrossim, Maria Teresa Toribio Brittes Lemos (2015), em seu artigo *As estratégias da memória e a construção da identidade*, discorre que:

A memória constitui também um espaço de divergências e confrontos, esquecimentos e silêncios, de práticas individuais e sociais e dos espaços de apropriação. Reconfiguração e recuperação das distintas visões do passado fazem parte da memória e de suas estratégias de lembrar, recordar, criar representações e construir elos identitários dos grupos sociais. E estratégias de dominação são mecanismos reveladores de manipulação da memória coletiva como instrumento de poder. (LE MOS, 2015, p. 02).

Logo, depreende-se que as estratégias de lembrar, recordar e criar representações são fundamentais para formar a identidade dos grupos sociais aos quais estamos inseridos. Assim

sendo, a memória, novamente, assume visões distintas, mas que são imprescindíveis para a construção do passado que estamos imersos.

Diante do exposto, Joël Candau (2011), em seu ensaio intitulado *Memória e Identidade*, define a identidade como um estado construído socialmente, “de certa maneira sempre acontecendo no quadro de uma relação dialógica com o Outro” (CANDAU, 2011, p. 9). Pode-se inferir, a partir disso, que a identidade é uma instituição social em permanente construção, posto que se molda conforme contato estabelecido com o outro.

Hall (2006), por sua vez, aborda que a identidade passou por várias etapas antes de ser vista como processo socialmente construído. Segundo o sociólogo, prevalecia uma concepção de identidade fundamentada sobre uma noção individualista do sujeito, visto como indivíduo centrado, unificado e dotado de capacidades, como consciência, ação e racionalidade. À vista disso, a identidade se constituía de um núcleo interior, que nascia com o sujeito e o acompanhava ao longo da vida, sempre o mesmo em sua essência.

Em contrapartida, Hall (2006) destaca que, a partir da fragmentação e descentralização do sujeito cartesiano, a identidade passa a ser vista como um processo: o indivíduo passa a ser formado não apenas por uma única e essencial identidade, mas por diversas delas, algumas até mesmo contraditórias ou mal resolvidas. Portanto, a identidade “torna-se uma ‘celebração móvel’ formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente” (HALL, 1996, p. 13).

Ainda de acordo com essa perspectiva de Hall (2006), afirmar-se que:

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. (...) Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento. (HALL, 2006, p. 24)

Desse modo, segundo o autor, como citado anteriormente, a identidade está em processo e é formada a partir dos desencadeamentos históricos de uma sociedade. Nós sempre continuamos buscando-a e construindo-a em diversas fases da vida.

Para Du Bois (1999), a identidade individual ou coletiva se forma a partir do encontro de subjetividades dos sujeitos, haja vista que:

As “identidades” não devem ser pensadas como categorias fixas no tempo e no espaço. Elas se elaboram através de complexas interações dos indivíduos com seu grupo e com o grupo de fora, configurando um espaço de encontro de subjetividades (DU BOIS, 1999, p. 57).

As identidades são construídas a partir do contato que os indivíduos têm uns com os outros, é nesse encontro que elas são formadas. Na obra de Evaristo, pode-se observar tal fato no seguinte trecho:

Nesse dia, tarde de noite, quando ela já estava quase dormindo, escutou longínquos sons da caixa de congada de Tio Totó. Ele ficara lá, era um dos últimos, vinha tocando a caixa pelo caminho. Ela apurou os ouvidos. O batuque vinha de fora e de dentro dela. Vinha de suas raízes, vinha do seu recôndito eu. (EVARISTO, 2017, p.175)

Para reconstruir sua identidade, Maria-Nova, nutre-se de memórias dos mais velhos. Os fragmentos que ela colhe ao longo de sua vida é o que restou de uma identidade apagada ao longo dos séculos. No excerto acima, ao simples tocar de uma caixa, ela se reconhece sua raiz no batuque, é o encontro com a sua identidade, a qual é “esquecida” quando seus ancestrais saem das terras onde eram escravizados.

Nesse limiar, é válido destacar que os negros, ao serem tirados à força de seu espaço (físico, social, cultural, religioso) e trazidos como escravizados para o Brasil, durante todo o processo de escravização, foram obrigados a integrarem de forma marginal a sociedade que apenas os exploravam, sofrendo inúmeras tentativas de serem silenciados durante e após a escravidão. Ao entrarem em contato com uma nova sociedade, tiveram que buscar outras formas de expressarem a identidade. Nesse sentido, conforme aponta Stuart Hall (1996, p. 70):

Uma coisa é posicionar um sujeito ou um conjunto de pessoas como o Outro de um discurso dominante. Coisa muito diferente é sujeitá-los a esse “conhecimento”, não só como uma questão de dominação e vontade imposta, mas pela força da compulsão íntima e a con-formação subjetiva à norma. [...] A expropriação íntima da identidade cultural deforma e leva à invalidez.
[...] Na história do mundo moderno, há poucas experiências mais traumáticas do que essas separações forçadas da África [...]. Os escravos [...] eram de diferentes países, comunidades tribais, aldeias, tinham diferentes línguas e deuses.

A partir disso, a narrativa de *Becos da memória*, projeta-se, nos dias de hoje, como uma reflexão sobre a presença do negro na construção do país e até mesmo da própria formação da identidade brasileira, uma vez que todo esse processo de mudança fez parte dos personagens que compõem a obra. Logo, o trecho abaixo é importante:

A menina crescia. Crescia violentamente por dentro. Era magra e esguia. Seus ossinhos do ombro ameaçavam furar o vestidinho tão gasto. Maria-Nova estava sendo forjada a ferro e a fogo. A vida não brincava com ela e nem ela brincava com a vida. Ela tão nova e já vivia mesmo. Muita coisa, nada ainda, talvez ela já tivesse definido. Sabia, porém, que aquela dor não era só sua. Era impossível carregar anos e anos tudo aquilo sobre os ombros. (EVARISTO, 2017, p. 76)

As memórias que são compartilhadas com Maria-Nova, são responsáveis por moldar a identidade da protagonista enquanto parte de um povo, de antepassados negros. A dor que ela carrega não é só sua, mas de todo o seu povo. Ter essas histórias consigo faz parte do processo, para que ela nunca esqueça de suas origens e o motivo para o qual tanto precisa lutar.

Dessa forma, destaca-se o personagem de Tio Totó e a situação diaspórica dos escravizados e seus descendentes. Ao atravessar o rio, quando perde a família, ele chega à cidade e busca, além de condições de vida melhores, reconhecer-se como indivíduo. As lembranças de Tio Totó dialogam com sua condição, pois, para Hall, a experiência diaspórica pode ser definida como “[...] longe o suficiente para experimentar o sentimento de exílio e perda perto o suficiente para entender o enigma de uma ‘chegada’ sempre adiada” (HALL, 2006, p. 41).

À vista disso, a situação diaspórica de Tio Totó pode ser observada no fragmento abaixo:

O rio, a cheia, o vazio da barca improvisada, o turbilhão, a vida, a morte, tudo indo de roldão.

Totó alcançou a outra banda do rio. Uma banda de sua vida havia ficado do lado de lá.

[...] Totó chegou são, salvo e sozinho na outra banda do rio. Chegou nu das pessoas e das poucas coisas que tinha adquirido. Onde estavam Miquilina e Catita? Não! Não podia ser... Será que elas... Não! Será que o rio tinha bebido as duas?

O rio estava bebendo tudo que encontrava pelo caminho. Pedras, paus, barrancos, casas, bichos, gente e gente e gente...

O rio, como a vida, levava tudo de roldão. Levava rápido, era só Deus piscar os olhos, deixar de vigiar a gente um tiquinho só e o rio vinha bebendo, engolindo tudo. (EVARISTO, 2017, p. 21 e 28)

O personagem, na travessia do rio, chega ao outro lado sozinho. Tio Totó perdeu a família e os pertences no trânsito para um novo espaço. Ele não pode mais voltar para as terras de onde saíra, pois não há lá sua família e a sua frente precisará buscar um novo lugar para fixar-se e reconhecer-se como indivíduo. Essa passagem pode fazer referência ao deslocamento dos povos negros escravizados, Tio Totó, é representante dessa parcela da população e precisa se redefinir.

Levando em consideração a simbologia do rio, é nesse deslocamento que Tio Totó inicia um novo ciclo de sua vida. Contudo, as lembranças que ele carrega em seu peito não permitem que se esqueça em momento algum o seu passado de lutas e dores.

Complementando tal perspectiva, nos reportamos a Bauman (2005), que trabalha a ideia de que o pertencimento ou a identidade não são definitivos nem tão sólidos:

As identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas. (BAUMAN, 2005, p. 19)

Sendo assim, para o autor o termo “identidade” implica em uma atividade sem fim, ou seja, que é sempre incompleta e que nunca termina. Em suma, ela está em constante trânsito, proveniente de diversas fontes, sejam aquelas disponibilizadas por terceiros ou acessíveis através de nossa própria escolha.

Outra personagem que pode ser destaca no processo de fragmentação da identidade é Ditinha, que, ao se comparar com a dona da casa onde trabalha (dona Laura), coloca-se num lugar de inferiorização, conforme o trecho abaixo:

Olhou-se no espelho e sentiu-se tão feia, mais feia do que normalmente se sentia. “E se eu tivesse vestidos e sapatos e soubesse arrumar meus cabelos? (Ditinha detestava o cabelo dela). Mesmo assim eu não assentaria com essas joias”. Olhou novamente as joias. Brilhavam, brilhavam. Chegou perto da caixa com as mãos para trás. Havia uma pedra verde tão bonita, tão suave, que até parecia macia. “Mãos para trás”, pensou, “a gente vê, com os olhos, não com as mãos. Também se eu tivesse uma joia dessas, onde é que eu iria? Só saio para trabalhar, ir à missa, às rezas, aos festivais de bola e às festas da favela. Como e onde eu usaria essas joias Claro que se eu tivesse joias, eu seria rica como D. Laura, eu não seria eu”, riu de si mesma. Quis tocar nas joias um pouquinho. Teve medo, recuou. (EVARISTO, 2017, p. 99-100)

No excerto acima, a personagem evidencia o abismo social que existe entre ela e a patroa. Ela enxerga seus cabelos como traços negativos que reforçam a inferioridade dela frente à patroa. Logo, é expresso o oposto, pois é por meio do olhar da personagem e o apagamento pela qual passa que se dá a crítica social aos padrões de beleza pré-estabelecidos por uma normalização “branca”, além de ser uma forma de esquecimento de sua identidade.

Corroborando esse pensamento, é sabido que o “eu” se constrói a partir da relação com o outro, e definir aquilo que “eu sou” é definir tudo o que abarca o que “eu não sou”. Na dialética da identidade/alteridade, o indivíduo se constitui da maneira que se enxerga e que acredita ser visto. Segundo Hall (2006):

[...] a identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de **uma falta** de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso **exterior**, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por **outros**. (HALL, 2006, p. 39)

Levando em consideração que a construção da identidade depende da representação, pode-se compreender que, no encontro com o espelho, Ditinha enxerga-se do modo que acredita ser vista pelo outro.

Sobre o sentimento de inferioridade relacionado ao negro, Frantz Fanon (2008), alega que:

A maioria dos negros, inclusive na África, está obcecada em “fixar-se”. Esta obsessão é resultado da impotência social. Não conseguindo exercer um impacto sobre o mundo social, eles se voltam para dentro de si mesmos. O principal problema desta atitude

está na contradição em buscar a liberdade escondendo-se dela. A liberdade requer visibilidade, mas, para que isto aconteça, faz-se necessário um mundo de outros. (FANON, 2008, p.16)

Nesse sentido, como já mencionado acima, na maioria das vezes, a visão que o negro tem de si próprio é a visão que a sociedade tem dele e que ambas são negativas. Nessa concepção, o afrodescendente aparece como feio, desajeitado e possuidor de uma aparência física que não corresponde ao modelo branco ocidental. Conseqüentemente, a ausência de representação da identidade negra, que fuja do estereótipo, e o lugar marginalizado em que a personagem Ditinha vive, fazem com que ela se enxergue em posição de inferioridade, não reconhecendo sua identidade e raízes.

Hall (2016), em seu livro *Cultura e representação*, mostra a representação dos negros em determinados contextos:

(...) Há a poderosa oposição entre “civilização” (branco) e “selvagem” (negro). Existe a oposição entre as características biológicas ou corporais das “raças” “negra” e “branca”, polarizadas em seus extremos – significantes de uma diferença absoluta entre espécies ou “tipos” humanos. Estão presentes as abundantes distinções agrupadas em torno da suposta ligação, por um lado, entre as “raças” brancas e o desenvolvimento intelectual – requinte, aprendizagem e conhecimento, crença na razão, presença de instituições desenvolvidas, governo formal, leis e “contenção civilizada” em sua vida emocional, sexual e civil, os quais estão associados à “Cultura”. Por outro lado, a ligação entre as “raças” negras e tudo que é instintivo – a expressão aberta da emoção e dos sentimentos em vez de intelecto, falta de “requinte civilizado” na vida sexual e social, dependência dos costumes e rituais e falta de desenvolvimento de instituições civis, tudo isso ligado à “Natureza”. Finalmente, há a oposição polarizada entre “pureza racial” de um lado e a “poluição”, originada dos casamentos mistos, do hibridismo e de cruzamento raciais. (HALL, 2016, p. 167-168)

À vista disso, diante de tantas “diferenças” que eram impostas entre as duas “raças”, a visão que ficou do negro foi exatamente voltada para o lado negativo, uma vez que tudo que estava associado ao ruim é ligado a ele. Conforme apresentado por Hall (2016), os negros foram reduzidos a sua essência e isso mostra justamente a dificuldade que eles têm, no mundo pós-abolição, de encontrarem a suas identidades, pois tudo que era feito tinha o objetivo de apagar e silenciar as suas culturas.

O povo negro é colocado como o lado “ruim” da civilização e exemplo que não pode ser seguido, por isso tanta injustiça e maldade são feitas diante desse povo. São reconhecidos apenas pelo seu instinto, sendo desprovidos de inteligência e conhecimento, colocados também como objetos sexuais e para afazeres domésticos, principalmente as mulheres. São tidos com o *status* de “subordinados, preguiçosos e primitivos”, levando o pensamento dos colonizadores que esses são aptos apenas para o regime de servidão e incapazes de “refinamentos civilizados”.

Maria-Nova, narradora-personagem, é colocada como continuação de seus ancestrais em uma realidade que se repete – isto é, pela condição de vida que se reproduz, além de sua

forte ligação com seu povo. Ela é porta-voz de todas as histórias vividas e carrega consigo também o “banzo”, doença de seu bisavô.

O banzo é o “processo psicológico pelo qual passavam os negros africanos escravizados que, em razão da serem levados para terras longínquas, ficavam num estado profundo de nostalgia, loucura, podendo levar à loucura ou à morte”. (BANZO, 2021).

Ainda sobre tal conceito, Oda (2008), afirma que:

O banzo tem sempre uma dupla posição: ele é uma entidade clínica, uma variação da nostalgia nos trópicos, associada a outras enfermidades dos negros; entretanto, sua descrição não pode ser dissociada dos debates sobre o futuro de um país mestiço marcado pelo cativo negro, ou ainda pelas incertezas decorrentes da possibilidade de extinção do regime escravista em um vasto império agrícola. (ODA, 2008, p. 756)

Assim sendo, o termo banzo está intimamente ligado à afro-brasilidade por remeter à diáspora negra, o que não deixa de ser parte da sua identidade. E, no que se refere à obra *Becos da memória*, o sentimento é retratado por meio de Maria-Nova, conforme o fragmento a seguir.

Mas a menina é do tipo que gosta de pôr o dedo na ferida, não na ferida alheia, mas naquela que ela traz no peito. Na ferida que ela herdou de Mãe Joana, de Maria-Velha, de Tio Totó, do louco Luisão da Serra, da avó mansa, que tinha todo o lado direito do corpo esquecido, do bisavô que tinha visto os sinhôs venderem Ayba, a rainha. Maria-Nova, talvez tivesse o banzo no peito. Saudades de um tempo, de um lugar, de uma vida que ela nunca vivera. (EVARISTO, 2017, p. 63)

A personagem carrega consigo uma herança cultural, que é o sentimento de banzo, o qual é repassado de geração em geração do grupo social o qual ela convive. Pode-se afirmar também que Maria-nova é marca e representação da identidade social de seu povo afrodescendente, uma vez que é por meio das histórias narradas e ouvidas por ela que é possível compreender o processo identitário desses sujeitos.

Mediante o que foi exposto, é mister que a identidade de um indivíduo é construída a partir de suas experiências individuais e de grupo. Em *Becos da memória*, é possível perceber que a autora mostra a identidade como parte de um grupo de seres “esquecidos” socialmente, cujas experiências são marcadas, principalmente, pela exclusão e pelo abandono.

Conceição Evaristo, em seu romance, tenta mostrar um outro lado da história do processo de formação da identidade do negro, sendo que é a partir da memória dos personagens que a identidade é reconstruída e questionada, ou seja, é uma forma de exercício de resgate histórico do que foi vivenciado.

Assim sendo, a busca dos personagens por um lugar, desde quando saem da lavoura e depois da favela, é uma forma de se encontrarem e atribuírem significado para sua existência, deixando de lado a inferiorização perante os estereótipos impostos pela sociedade e

reconhecendo em si e em seu grupo sua real identidade com características únicas e importantes para a construção e formação do país.

Logo, diante das discussões aqui apresentadas, o próximo capítulo abordará questões relacionadas à memória e dor, dor essa que se faz presente em toda narrativa, principalmente no que tange ao aspecto do silenciamento das vozes negras que sofrem constantemente com as marcas de seu passado, ressaltando aqui pontos que também estão ligados à temática do não-lugar, tendo em vista que esses indivíduos, desde a escravidão, sofrem com a dificuldade de encontrar um espaço, como é abordado no romance de Conceição Evaristo.

3 MEMÓRIA E DOR

*A vida passou e passou trazendo dores.
(Conceição Evaristo)*

O passado escravocrata não foi fácil e os descendentes que carregam esse legado partilham das mesmas dificuldades que os seus antepassados. A epígrafe acima é reflexo do descaso enfrentado pelo povo negro, uma vez que são pessoas que trazem uma vida de sofrimento.

A dor é uma marca recorrente na existência dos afrodescendentes e isso não é diferente em *Becos da memória*, de Conceição Evaristo. A autora mostra, através dos personagens, as marcas deixadas pelo período da escravidão. Os personagens que compõem a narrativa são exemplos do que acontece no cotidiano desses indivíduos.

Desse modo, a memória – que se faz presente no decorrer da narrativa – assume papel importante para que seja possível compreender os episódios ocorridos no passado, inclusive os traumas, dores e silenciamentos oriundos de tal situação.

Diante disso, este capítulo abordará o tema memória e dor, relacionando-as com as seguintes temáticas: a dor da memória, a dor do não-lugar e a dor do silenciamento, mostrando por meio do romance de Evaristo, como a história do povo negro se repete, mudando apenas o cenário, onde é uma favela, mas nem por isso deixa de ser comparada com a senzala do tempo escravista.

3.1 A DOR DA MEMÓRIA

Sabe-se que a memória é uma das faculdades que permite ao ser humano recuperar suas experiências e compartilhá-las com os demais. Além disso, “A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado” (POLLAK, 1992, p. 4), o que significa que nem todos os acontecimentos pelos quais o indivíduo passa ao longo da vida serão lembrados com a mesma intensidade.

Segundo Halbwachs (1990), além das memórias resultantes dos acontecimentos que o próprio sujeito vivenciou, há, também, aquelas memórias que ele irá agregar às suas por meio do contato com as narrativas familiares e de outros grupos que transmitem acontecimentos passados. É o caso das “memórias emprestadas” (Halbwachs, 1990) ou “memórias herdadas”

(Pollak, 1992) em que o sujeito incorpora às suas vivências fatos que não presenciou, mas que passam a fazer parte de suas próprias lembranças.

Em *Becos da memória*, quando Maria-Nova tem contato com as experiências dos outros personagens que compõem a obra, ela está vivenciando o que é descrito por Halbwachs (1990) e Pollak (1992), pois é a partir das trocas que as memórias da narradora vão sendo construídas.

Todavia, quando se trata da memória do passado escravocrata, ela vai ser carregada de dores, uma vez que esse foi/é o povo que mais sofreu com o descaso e atrocidades da sociedade, devido a cor da pele.

O romance de Evaristo é repleto de memórias de dores, a começar pelo o personagem de Tio Totó, que carrega na alma as marcas do preconceito, escravização e silenciamento vividos ao longo de sua trajetória tão sofrida, como é possível observar no fragmento abaixo:

- Não, eu já rodei, já vaguei por esse mundo velho... Já comi e bebi poeira das estradas. Tenho marcas de muita carga no lombo. Na roça, às vezes, meu pai contava histórias e dizia sempre de uma dor estranha, que nos dias de muito sol, apertava o peito. Uma dor que era eterna como Deus e como o sofrimento. (EVARISTO, 2017, p. 19)

O personagem tem uma vida abarrotada de sofrimento e, quando chega o período do desfavelamento, ele já não aguenta mais trazer tantas angústias em seu peito e prefere muitas vezes a morte, como se ela fosse a solução para suas dores. A memória de Tio Totó, que o liga ao seu passado, é traumática, devido a crueldade do sistema escravocrata e rememorar alguns fatos é sinônimo de dor para ele. Cito:

(...) O tempo foi passando, pensava que estava ganhando alguma coisa. Nada, só dor. A dor sempre bate no coração da gente. Cada dor cai como uma pedra no peito. Pedras pontiagudas, e foram tantas! A dor dói fina, firme. Tantas pedradas. Tantas! (EVARISTO, 2017, p. 29)

Assim, por meio da citação, é perceptível a aflição vivida por Tio Totó, mediante tantas dificuldades e perdas enfrentadas ao longo de sua trajetória. Mesmo sendo um homem forte, a tristeza faz-se presente em seu peito, tendo em vista todos medos e incertezas causados devido a situação vivida.

Desse modo, a passagem apresentada a seguir é importante:

(...) Revivia o que passara, coisas tristes, tristes mesmo! (...) Cutucou mais um pouco o coração, levou a mão no peito tentando localizar a esperança, apenas o coração batia no vazio. Lembrou de quando chegou são, salvo e sozinho, à outra banda do rio e a sensação era a mesma. Vieram as amargas lembranças. O coração batia apertado, sufocado, desesperançado dentro do peito. Foram tantas dores: esta, a outra, aquela outra, aquela ainda, o acabar com a favela. Sentiu a presença da menina no quarto ao lado. Condoído de si, de Maria-Nova e da vida, chorou. (EVARISTO, 2017, p. 74-75)

A dor sentida por Tio Totó vem de uma enorme carga trazida desde a sua infância, com o passar dos anos, ela aumenta mais ainda, especialmente em sua velhice, quando está ocorrendo o desfavelamento. Vivenciar esse processo era difícil e o homem já seguia sem esperanças de dias melhores: “(...) Tio Totó envelhecia, não pelos anos passados, mas pelo tempo contado em dores que a vida ofertara para ele.” (EVARISTO, 2017, p. 87).

A dor não existe somente para esse protagonista, pois, assim como ele, tantos outros indivíduos sofrem com os traumas desse período e lembrar de episódios da escravidão, mesmo não vividos por eles, é reviver momentos de tensão. Tio Totó e outros personagens vivenciam suas jornadas assombrados por esse passado marcado por questões que de certa forma não foram solucionadas e que respigam em seu cotidiano.

A figura de Maria-Velha, terceira esposa de Tio Totó, também pode ser destacada aqui. Ela era descendente de escravos. Seu pai, Luisão, ficara meio louco depois de ver a irmã, uma escrava mãe-de-leite, ser vendida por ter se rebelado contra o sinhô. A personagem carrega consigo uma bagagem de dores na alma.

Sobre isso, a referência abaixo é importante:

Maria-Velha, mulher dura também, era a terceira mulher de Tio Totó. Quando encontrou o homem, ela também já tinha uma larga e longa coleção de pedras. Já vinha também de muitas dores e era por isso, talvez, que ela sorrisse só para dentro. Podia até estar contente, quase feliz, mas não alardeava o seu sentimento. “A tristeza tem orelha grande e ouvidos fundos”, dizia ela. “Basta a gente dar uma gargalhada alta, que a orelhuda escuta e vem logo tristeando atrás da gente.” (EVARISTO, 2017, p. 29-30)

Referente à citação, percebe-se que a mulher diante de tantas coisas já vividas, acredita que ser feliz é quase impossível e que ter um momento de alegria é insulto para a tristeza, por isso que ela chega e fica, para que não haja espaço para a felicidade.

Maria-Velha quando era criança e não tinha tanto conhecimento do passado de seus familiares, permitia-se sorrir, “(...) ela era renitente, feliz, vivia os dias em grandes saltos pelos campos afora.” (EVARISTO, 2017, p.30). Contudo, à medida que a menina cresce e sente na pele o descaso, o preconceito e as dificuldades para ter um espaço dentro da sociedade, o seu sorriso é apagado e o lugar é preenchido pelas pedras pontiagudas que machucam tanto o seu peito.

O episódio da venda de sua irmã é motivo de tristeza tanto para ela quanto para seu pai e rememorar esse fato é doloroso e sofrido, como é notório na passagem abaixo.

Havia uma história que Maria-Velha repetia sempre, um fato passado em sua infância e que ela recontava para a menina Maria-Nova: Um dia, ela, Maria-Velha, ainda nos tempos de sua meninice, pulava que nem cabrita na frente de seu avô. Ele olhava, limpava os olhos e fungava sempre. Um dia, Maria descobriu que ele chorava.

- O que foi, vovô, chorando? – Vovô chorando, chorando sim!
 Aquela menina, pernas longas, aqueles pulos acabritados, era a imagem fiel de uma filha sua. Filha que ele perdera de vista e que nunca mais vira.
 (...) Maria-Velha, quando era criança, quando era só Maria, toda vez que pulava, que cabritava diante do avô, era como se uma pedra pontiaguda atingisse o peito do velho homem. (EVARISTO, 2017, p. 30-31)

Assim como Maria-Velha, Luisão também é exemplo de quem carrega dores em seu peito e igualmente a eles tem o avô de Maria-Velha: “(...) o velho tinha um amontoado de dores. Dos vários filhos que tivera, perdera quase todos.” (EVARISTO, 2017, p. 33). Desse modo, é evidente que a dor é recorrente na maioria dos personagens da obra e que ela está ligada à memória dessas pessoas e que sempre é uma lembrança voltada para algo que remeta à escravização.

Há também Mãe Joana, irmã de Maria-velha, descrita como bonita e triste. A personagem também é um modelo de quem traz dores em sua vida, como é notório no trecho da obra.

Mãe Joana era uma mulher triste. Não sorria nunca. Coincidência ou não, era irmã de Maria-Velha, Vinha de uma mãe que tinha o lado direito abobado, adormecido, e de um pai doido, demente, maluco.
 Maria-Velha ria por dentro, se escondendo, fugindo da tristeza. Mãe Joana talvez chorasse, tempestuasse constantemente por dentro. Ela era bonita e triste. (EVARISTO, 2017, p. 39 - 40)

Devido às marcas do legado escravocrata, esses indivíduos demonstram a difícil relação entre dor e memória, pois narram trajetórias permeadas pela agressão e violência de um sistema sobre o qual os mais vulneráveis não têm nenhum controle.

Todos os personagens são uma continuação dos ancestrais, por isso as dores deles, eram também dos outros; quando as memórias eram contadas, era como se estivesse revivendo todo o narrado, as dores recontadas eram revividas. As conversas dos mais velhos eram de fato muito profundas e alcançavam a alma de todos, principalmente de Maria-Nova, que compreendia a magnitude dessas narrativas, portanto, mesmo sem ter vivido os fatos ela conseguia entender e sentir uma dor que não era só dela e nem começava nela. Tal fato é identificado no excerto abaixo:

Maria-Nova crescia. Olhava o pôr do sol. Maria-Nova lia. Às vezes, vinha uma aflição, ela chorava, angustiava-se tanto! Queria saber o que era a vida. Queria saber o que havia atrás, dentro, fora de cada barraco, de cada pessoa. Fechava o livro e saía. *Torneira de baixo ou torneira de cima? Hoje estou para o sofrimento. Vou ver Vó Rita. Vou pedir que me leve até a Outra. Posso também ir olhar a ferida que Magricela tem na perna. Tenho nojo, mas olho. Posso ir assistir à briga de Tonho Sentado e Cumadre Colô. Posso ver a Tereza, quem sabe hoje ela dá o ataque? Posso passar devagar, pé ante pé, perto do barraco do Tião Puxa-Faca. Gosto de ouvi-lo afiar a lâmina. Imagino a dor se ele me retalhar a carne. Hoje quero tristeza maior, maior, maior... Hoje quero dormir sentido dor.* (EVARISTO, 2017, p.32)

A narradora-personagem vive não somente suas dores, mas também dos outros personagens que compartilham com ela tantas histórias e memórias sofridas das dificuldades que a vida e a sociedade impuseram a esses indivíduos. A cada recordação dividida, Maria-Nova, revive um passado que ainda tem suas marcas presentes. A menina muitas vezes procura saber de fatos ocorridos, mesmo isso causando-lhe sofrimentos, pois somente assim ela é capaz de compreender as angústias de seu povo.

Nessa perspectiva, o trecho a seguir da obra é destacado:

Maria-Velha parece que adivinha os desejos de Maria-Nova. E, quando a menina estava para o sofrer, a tia tinha histórias para rememorar. Contava com uma voz entrecortada de soluços. Soluços secos, sem lágrimas. Sabia-se que ela estava chorando pela voz rouca e pela boca amarga. (EVARISTO, 2017, p. 32)

À vista disso, a riqueza dos pormenores de cada história é contada por todos, principalmente pelos mais velhos, que sempre traziam uma enorme bagagem de tantas lembranças vividas por eles e pelos os seus. Detalhar cada acontecimento desperta em Maria-Nova o desejo de conhecer sempre mais e um dia contar para o mundo tudo o que ouvira das pessoas que fizeram parte da construção da sua identidade.

As histórias relatadas por Tio Totó, Maria-Velha e Bondade muitas vezes eram vividas por eles, outras eram passadas por meio de gerações anteriores, todavia, todas sempre ricas em detalhes. É mediante isso que se compreende a importância da memória para o reconhecimento do passado e da História oficial do negro e, também, para entender o porquê de tantas dores e aflições presentes na vida dessas pessoas até hoje.

Logo, partindo desse viés, é impossível viver e contar a história do povo negro, sem que não haja sofrimentos e traumas presentes em seus caminhos. Cada personagem mostrado aqui traz uma marca do passado escravocrata estampada em seu rosto. Muito da dor desses indivíduos vem das dores que percebem naqueles que os cercam.

3.2 A DOR DO NÃO-LUGAR

Segundo Pinsky (2010), nada mais equívoco do que dizer que o negro *veio* ao Brasil. Ele *foi trazido*. Essa distinção é dolorosamente real e só a partir dela é que se pode tentar estabelecer o caráter que o escravismo tomou aqui: vir pode ocorrer a partir de uma decisão própria, como fruto de opções postas à disposição do imigrante. Ser trazido é algo passivo – como o próprio tempo do verbo – e implica fazer algo contra e a despeito de sua vontade.

Isto é, o negro foi trazido tendo em vista um único objetivo – exercer o papel de força de trabalho. Com isso, ele é retirado do seu lugar, contra a sua vontade, para prover o sustento dos colonizadores e até mesmo satisfazer os seus desejos pessoais. Assim, afirma Pinsky (2010):

De uma forma ou de outra, filhos de tribos pastoras ou agricultoras, habitantes de savanas ou de florestas, os negros eram desenraizados, aprisionados, vendidos, revendidos, conduzidos ao porto e embarcados.
Para uma longa viagem ao desconhecido.
Nem seus deuses podiam auxiliá-los. (PINSKY, 2010, p. 28)

Com a escravização e o tráfico, os negros eram obrigados a deixarem seu lugar de origem e suas famílias, perdendo dessa forma sua identidade, uma vez que, quando eles chegavam ao destino, muitas vezes eram batizados com outros nomes para que esquecessem quem tinha sido um dia.

Esses indivíduos chegavam sem perspectivas, não tinham uma terra para chamar de sua. Mesmo com a abolição, muitos continuavam trabalhando na lavoura de seus ex-donos porque não tinham para onde irem, nem com quem contar para construir uma nova vida. Já os que partiam para a cidade com esperanças de encontrar algo bom, viam-se obrigados a ocupar favelas, como forma de moradia.

Em *Becos da Memória*, os personagens vivem da mesma forma que seus ancestrais, sem moradia fixa, passando de lugar para lugar. Assim é observado na seguinte passagem da obra:

Quando Tio Totó conheceu Nega Tuína, ele ainda tinha no peito aquela pedra pontiaguda causando-lhe uma profunda dor. Havia até esquecido dos prazeres que uma mulher lhe poderia dar. Vinha de umas andanças pelo interior adentro. De fazenda em fazenda que passava, trabalhava e sempre juntava algum dinheiro na mão. (EVARISTO, 2017, p. 51)

Tio Totó é um exemplo, ele sai de uma grande lavoura, a qual trabalhava e morava com sua família, atravessa o rio em busca de uma vida melhor, porém os planos mudam de direção e ele segue sozinho, vivendo “pulando” de fazenda em fazenda, juntando dinheiro para poder sobreviver. No entanto, mais uma vez, quase no fim da sua vida, depara-se com o desfavelamento e revive todo o sofrimento de ter que recomeçar.

Bondade é outro personagem que não tem um lugar fixo para morar. Como o próprio nome já diz, ele é uma boa pessoa, vive fazendo caridades a todos da comunidade. O protagonista mora nas casas dos habitantes da favela. Cito:

Um dia, já fazia anos, Bondade chegou ali na favela com um saco de estopa nas costas. Tinha os olhos aflitos e a boca seca de sede e de fome. A primeira porta em que ele bateu foi a de Vó Rita. Passou ali o resto do dia, comeu e dormiu. No outro dia, tirou do saco o seu tesouro, um chapéu de couro, deu um beijo na testa de Vó Rita e saiu a

ver os outros. Nunca mais parou. Todos já tinham em casa o cantinho para o Bondade, assim que ele chegasse. Ali ele forrava a sua cama e dormia. (EVARISTO, 2017, p. 36)

Bondade chega no recinto sem nada, assim como muitos. Ele passa a vida “morando” nos casebres dos outros moradores. Ao contrário de Tio Totó, que se ressentia por não mais ter a garantia de um lugar certo para ficar, Bondade não necessita disso. O homem sente-se feliz e realizado ao ajudar aqueles que precisam mais que ele.

Consoante Ferreira e Ramos (2018), as histórias vividas pelos personagens que habitam na favela, representam também a vida de seus antepassados, que escravos ou livres, viveram as mesmas mazelas e misérias que o povo da favela. Assim, o espaço além de apresentar o ambiente onde se passam as histórias de vida desses personagens, também representa os povos que não tiveram voz em outro tempo.

Há muito tempo os negros foram retirados do seu local de origem e essa condição ao qual se encontraram, tornava impossível que eles definissem o seu espaço social, muitos não se identificavam com outros cativos, sentiam-se perdidos e sem raízes.

Sobre isso, Luiz Aranha Corrêa do Lago (2014), reitera que:

As importações de escravos aceleraram-se consideravelmente durante a primeira metade do século, sobretudo depois que a expansão da produção de café ganhou ritmo. Segundo um estudo muito citado, cerca de 1,1 milhão de escravos entrou no Brasil entre 1811 e 1850, e supõe-se que mais de 1,3 milhão tenha sido importado ao longo do século XIX. À luz das estimativas disponíveis, também é razoável supor que a população escrava representasse pelo menos 30% da população total do país até aproximadamente 1850, quando o tráfico de escravos africanos foi extinto. Assim, o Brasil teria então provavelmente cerca de 2 milhões de escravos e pouco mais de 5 milhões de habitantes livres. (LAGO, 2014, p. 71)

Desse modo, com a crescente produção, fazia-se necessário mais escravos para trabalhar nas fazendas, com isso, o tráfico crescia significativamente com o passar dos anos. Logo, quanto mais negros eram trazidos, mais aumentava o número de sujeitos sem um espaço digno para viver, uma vez que as senzalas eram construídas em péssimas condições, como assegura Pinsky (2010):

As senzalas – habitações coletivas dos negros – eram construções bastante longas, sem janelas (ou com janelas gradeadas), dotadas de orifícios junto ao teto para efeito de ventilação e iluminação. Edificadas com paredes de pau a pique e cobertas de sapé, possuíam divisões internas e um mobiliário que se resumia a um estrado com estrias – ou cobertores – e travesseiros em palha. Às vezes, e se era o caso, havia também um estrado para o escravo guardar seus pertences. Em algumas fazendas, nem as divisões internas eram efetuadas. Em outras, as senzalas eram menores. Em quase todas, os casais desfrutavam de uma situação especial, morando em pequenos barracos de pau a pique cobertos com folhas de bananeiras. Embora houvesse empenho notável em “fazendas de reprodução” (como as que haviam nos Estados Unidos), constata-se a preocupação em se dar um mínimo de conforto aos casais para que eles reproduzissem força de trabalho para o senhor. (PINSKY, 2010, p. 43 – 44)

Diante disso, percebe-se que as condições eram precárias, não havia nenhum tipo de assistência para os escravos, eram amontoados como bichos. A partir do que é descrito na citação acima, é nítido que esses indivíduos são tratados como indigentes, por isso, até o cenário de hoje, muitos são marginalizados.

Como mencionado antes, a favela de *Becos da memória* é vista por Maria-Nova como a nova senzala, a realidade que se tem não é muito diferente da de tempos passados. Os negros que a habitam permanecem em condições ruins, as casas são feitas a qualquer custo, em lugares próximos a esgotos, ou seja, a falta de oportunidades faz com que essas pessoas vivam nessa situação.

A dor do não-lugar está presente na vida dos negros há vários séculos e é exatamente tal ponto que é também tratado na obra de Conceição Evaristo, quando muitos personagens vivem de lugar em lugar, na busca incessante de um lar que seja seu para sempre.

O personagem de Negro Alírio, destaca-se na obra *Becos da Memória*, devido a sua bravura e constante luta pelos direitos de seu povo. Ele não se cala perante a injustiças que são cometidas e surge com uma postura de resistência a esse sistema escravocrata. Porém, ele é mais um negro que sai da lavoura e não tem onde morar.

Até chegar na favela, Negro Alírio passa por vários lugares:

O homem nascera bem longe dali. Quando criança fora, até dado momento, um moleque qualquer. Um dia aprendera a ler. A leitura veio aguçar-lhe a observação. E da observação à descoberta, da descoberta à análise, da análise à ação. E ele se tornou um sujeito ativo, muito ativo. Não era um mero observador, um enamorado das coisas e do mundo. Era um operário, um construtor da vida.

Já de jovem, adquirira a certeza de que muita coisa estava para ser feita, e não podia esperar, cruzar os braços, esperar resposta dos outros e do além. Era preciso ir lá, no fundo do poço, era preciso pôr o dedo na ferida e fazer sangrar. Era preciso que a ferida sangrasse o sangue mau, apodrecido, primeiro. Depois, aos poucos, gota por gota, o sangue estancaria e o corpo novamente poderia pôr-se de pé e procurar seus caminhos.

Seus pais sangraram, já velhos, quando o Homem, um dia, numa manhã, abraçou-os e partiu. (EVARISTO, 2017, p. 54)

Negro-Alírio tem um objetivo, ensinar sua gente a não se inferiorizar e lutar por melhorias, pois já são livres e podem, assim como os patrões, terem seus próprios negócios. Por isso, por onde passa, o personagem se rebela contra a indiferença que os brancos tratam suas causas.

Maria-Nova sente-se atraída para conhecer cada vez mais o personagem porque percebe que ele tem uma visão bem parecida com a sua acerca do futuro. Os dois sabiam que era preciso mudar e lutar: “[...] Sabíamos que alguma coisa estava errada, que era preciso mudar [...]” (EVARISTO, 2017, p. 55), e Negro Alírio fazia a diferença por onde passava:

Assim foi na construção civil, na padaria, na fábrica de tecidos; onde quer que passasse, Negro Alírio motivava todo mundo a aprender a ler. Antes de tudo, explicava que era preciso que todos aprendessem a ler a realidade, o modo de vida em que todos viviam. (EVARISTO, 2017, p. 95)

A maior arma que eles poderiam ter para lutar por um lugar, principalmente dentro da sociedade, era o estudo. Por esse motivo, aprender e ensinar o seu povo a ler para compreender a realidade que vivem, torna-se uma tarefa primordial. Maria-Nova e Negro-Alírio sabem que: “[...] Eles precisavam de terra, de pão, de trabalho, de sossego, de poder viver o agora e não de um reino do céu, depois que morressem.” (EVARISTO, 2017, p. 59).

Sendo assim, depois de ensinar muita coisa para as pessoas de sua terra, o personagem parte com sede de mudança, pois de fato era necessário mudar: “E foi com o coração mais aliviado que o Homem resolveu sair dali um pouco. Ia varar mundo, ia viver e ler outras vidas. Ia buscar entre outros, entre os operários da cidade, um modo de viver como irmãos.” (EVARISTO, 2017, p. 68).

Durante a narrativa de Evaristo, a favela aparece como espaço de inferiorização e exclusão dos moradores. Assim, dentro dessa perspectiva, favela e senzala são tão equivalentes para Maria-Nova. Com a abolição, conquistar um espaço era mais difícil ainda para o negro, além do que, esses tiveram que “disputar” com os imigrantes que chegavam no Brasil.

Sobre isso, Fernandes (2007), alega que:

[...] o número de libertos que lograram conquistar um nicho vantajoso na estrutura socioeconômica da cidade foi relativamente pequeno, em contraste com o que sucedeu em outras cidades brasileiras, nas quais os “mestiços” chegaram a ser considerados, por isso, os elementos demográfica e economicamente mais importantes para o futuro do Brasil. Portanto, antes do colapso do regime servil, o negro e o mulato sofreram de maneira bem definida os efeitos negativos da concorrência com os imigrantes. Perderam as únicas vias acessíveis de classificação estável e funcionamento da economia escravista. (FERNANDES, 2007, p. 134 - 135)

Os negros eram preparados apenas para o trabalho na produção das fazendas e lavouras, quando foram libertos e tiveram que buscar novos caminhos, passaram por muitas dificuldades, uma delas foi a sobrevivência nas grandes cidades. Viram-se sem rumo e despreparados para enfrentar muitas coisas, como por exemplo, a concorrência com os imigrantes, precipuamente, dentro do mercado de trabalho. Como destaca Fernandes (2007):

De repente, e sem estar preparado para os papéis socioeconômicos do *homem livre*, o “negro” viu-se numa cidade que se torna, rapidamente, a principal cidadela da revolução burguesa no Brasil. Em consequência, sua falta de aptidão para o trabalho livre, a competição inter-racial e o estilo urbano de vida é agravada pela presença de massas de estrangeiros, ávidos por absorverem as oportunidades econômicas existentes (ou em emergência) e totalmente preferidos no mercado de trabalho. Acresce que o próprio “negro” tinha de aprender a agir socialmente como trabalhador

livre e a lidar com o mundo da economia urbana sem ter tempo para isso. As coisas caminharam depressa demais. De modo que o desajustamento do “negro”, que poderia ser um fenômeno transitório, converteu-se em desajustamento estrutural. Em vez de ser reabsorvido pelo sistema de trabalho urbano e pela ordem social competitiva, ele foi repellido para as esferas marginais desse sistema, nas quais se encontravam as ocupações irregulares e degradadas, tanto econômica quanto socialmente. (FERNANDES, 2007, p. 135)

Assim, é fato que o afrodescendente sempre sofreu com a falta de oportunidades para sua ascensão dentro da sociedade, ou seja, é um legado que ele carrega consigo desde muito antes. No momento em que se encontra como *homem livre*, há outras pessoas, que na visão social, são mais qualificadas para desempenhar certas funções laborais, restando assim, uma única saída para muitos, que é ser repellido para as esferas marginais, conviver com a desigualdade e habitar lugares insalubres.

Toda essa desigualdade é relatada em *Becos da Memória* por meio dos personagens aqui apresentados. Sendo que cada um carrega consigo dores e feridas que ainda se fazem presente dentro do meio social. São indivíduos marcados pelo preconceito, pela marginalização e falta de oportunidades, que sofrem cotidianamente com o descaso.

Com o processo de desfavelamento que ocorre na narrativa, a dor que os personagens sentem só aumenta. É observado que cada um sente a dor do outro e Maria-Nova sente a dor de todos. “[...] Aqueles tratores só eram lembranças de dores. Dores pelos que já haviam ido, pela morte dos homens-vadios-meninos e pelo que aconteceu com Brandinho.” (EVARISTO, 2017, p. 81). As memórias partilhadas são motivos de alegria, conhecimento, mas também são motivos de tristezas e rememorar tudo o que havia acontecido e estava acontecendo, muitas vezes era doloroso para todos.

Em vista disso, compreende-se que os negros sofrem para obter espaço dentro da sociedade, seja no mercado de trabalho, seja conquistando um lar digno. Esses são vítimas da falta de políticas públicas. Sendo assim, o que a narrativa afirma, é que mais do que apenas sonhar com uma vida melhor, existe uma real necessidade em lutar pela libertação das amarras da desigualdade, nesse caso “A emancipação como libertação significa não só o reconhecimento dos subalternos, mas também a erradicação da estrutura de poder que mantém a hegemonia e a subalternidade” (MIGNOLO, 1998, p. 178).

3.3 A DOR DO SILENCIAMENTO

De acordo com Nascimento (1978), a imediata exploração da nova terra se iniciou com o simultâneo aparecimento da população negra fertilizando o solo brasileiro com suas lágrimas,

seu sangue, seu suor e seu martírio na escravidão. Por volta de 1530, os africanos, trazidos sob correntes, já aparecem exercendo o papel de "força de trabalho"; em 1535 o comércio escravo para o Brasil estava regularmente constituído e organizado, e rapidamente aumentaria em grandes proporções. A partir daí os negros passam a ser repreendidos em suas atitudes, silenciando-os diante das barbáries cometidas por seus "donos".

O silenciamento surge como forma de oprimir os afrodescendentes, tornando-se, assim, um entrave para que possam mostrar à sociedade o que de fato ocorreu do tempo da escravização até o momento atual. Sempre difícil para a população negra brasileira manifestar suas opiniões, angústias e lutas, uma vez que, ainda hoje, são calados por aqueles detém o poder, diante das injustiças sociais.

Pinsky (2010), reitera que a vida cotidiana do escravizado se desenvolvia, não na função de suas próprias escolhas, mas em decorrência das tarefas que lhe eram atribuídas. Isto acontecia pela sua contraditória condição de humano e de "coisa" – ter vontade própria e não poder executá-la, tendo de executar, por outro lado, vontades que não eram suas, mas do senhor. O dia a dia do escravo refletia sua condição própria de existência e variava bastante, dependendo das especificidades do trabalho na agroindústria canaveira, na agricultura cafeeira, na atividade aurífera ou em atividades domésticas.

É devido toda essa determinação dos senhores que os escravizados eram reprimidos. Agem contra suas vontades diante das atividades laborais impostas. São tratados como "objetos", pois são impedidos de expor seus pensamentos e sentimentos perante a situação a qual se encontravam. Todavia, de lá para cá, muita coisa permaneceu igual. Tantos e tantos negros sofrem formas de represálias quando se permitem expor as dificuldades que passam.

Em consenso com isso, Ferreira (2018) esclarece:

Considero que rememorar as vítimas do passado enquanto reparação das injustiças é resgatar esses sujeitos que foram submetidos ao silêncio pela história oficial. Nesse ínterim, é plausível considerar que na história da humanidade os fatos nos chegam, quase sempre, a partir da visão daqueles que buscam um controle sobre os indivíduos – é a história vista de cima. Isso faz com que muitos seres e eventos sejam relegados ao silêncio e ao esquecimento, cabendo, segundo Benjamin, ao pesquisador, a missão de escavar fundo e trazer à tona, à superfície, aquilo que está silenciado. (FERREIRA, 2018, p. 113)

É sabido dos prejuízos causados pela escravização para a sociedade ao longo da história, muitas vidas foram e são silenciadas. Os indivíduos que vivem isso, buscavam a real efetivação dos direitos humanos, que foram conquistados com muito suor e determinação daqueles que não fugiram da luta, não silenciaram em meio ao sistema e não se curvaram diante da ideologia dominante.

Na narrativa de Conceição Evaristo, é possível conhecer um pouco mais dos silenciamentos que são sofridos pelos personagens, indo desde o apagamento dos sonhos de crianças até a violência, como é possível observar no fragmento abaixo:

A Fuizinha crescia temerosa, arredia. Uma vez Maria-Nova parou perto da cerca de arame farpado que havia em volta do barracão e Fuizinha ameaçou soltar alguma palavra, quase confidência de tão baixo que era. Maria-Nova escutou a voz do Fuinha e fugiu. Escutou depois um baque surdo no chão e os gritos da menina. Fuizinha crescia entre o choro e a pancadaria. Tinha o rosto todo marcado. E sua mãe era passiva e temerosa. Eles não recebiam nem faziam visitas. (EVARISTO, 2017, p. 78)

A menina Fuizinha é filha de Fuinha, um homem que: “[...] uns diziam que ele era louco, outros que era maldoso, perverso, e que nada de louco tinha.” (EVARISTO, 2017, p. 78). Na verdade, Fuinha era mal, encontrava na violência um meio de esquecer os problemas, ele bebia e agredia a criança e a esposa cotidianamente por qualquer motivo que fosse.

A violência sofrida pelas duas personagens é uma forma de silenciamento, tendo em vista que elas não podiam contar para ninguém os sofrimentos pelos quais passavam nas mãos do homem. Diante de tamanha agressividade, a pequena cresce com medos, como é visto na citação acima, ela mal consegue se expressar quando fala com Maria-Nova, pois o temor de ser repreendida pelo pai era maior.

Fuizinha e sua mãe vivem censuradas dentro de sua casa e são obrigadas a aceitarem as atrocidades do homem, até o momento que o pior aconteceu:

Um dia mãe de Fuizinha amanheceu adormecida, morta. Os vizinhos tinham escutado a pancadaria na noite anterior. A mulher gritara, gritara, a Fuizinha também, também. Ouviu-se a voz do Fuinha:

- Agora silêncio.

A mulher silenciou de vez. Fuizinha ainda muito haveria de gritar. Ia crescendo apesar das dores, ia vivendo apesar da morte da mãe e da violência que sofria do pai carrasco. Ele era dono de tudo. Era dono da mulher e da vida. Dispôs da vida mulher até à morte. Agora dispunha da vida da filha. Só que a filha, ele queria bem viva, bem ardente. Era o dono, o macho, mulher é para isto mesmo. Mulher é para tudo. Mulher é para a gente bater, mulher é para apanhar, mulher é para gozar, assim pensava ele. O Fuinha era tarado, usava a própria filha. (EVARISTO, 2017, p. 79)

Perante tanta violência, a mãe de Fuizinha acaba sendo morta pelo marido e a situação só piora, porque agora o homem, além de bater na menina passa a violentá-la sexualmente. Diante disso, Evaristo mostra uma realidade que não é muito diferente do passado escravocrata, as mulheres eram violentadas de todas as formas pelos “brancos”, capatazes e “negros”.

Nessa conjuntura, a violência sexual era uma realidade forte no processo de colonização e “a mulher negra ter sido submetida a esse tipo de violência sistematicamente evidencia uma relação entre a colonização e a cultura do estupro” (RIBEIRO, 2018, p. 117).

Outra história que é marcada pela violência sexual é a da personagem Nazinha, que tinha a mesma idade de Maria-Nova. Sua mãe, casada com um homem revoltado e bêbado, vendo os filhos passarem fome, vende a filha para o homem que se dispôs a comprá-la: “Nazinha sentia dor, sangue, sangue, sangue... Era como se a vida estivesse lhe fugindo, a começar por aquele ponto entre as pernas. O homem tapou-lhe a boca e gozou tranquilo” (EVARISTO, 2017, p. 38). A mãe vendeu a menina porque acreditava que talvez assim a filha teria um futuro menos pobre, sem grandes dificuldades financeiras.

Aqui evidencia-se mais uma vez a violência sexual. A mãe com o sentimento de salvar a filha da miséria, acaba fazendo o mal para a menina, uma vez que ela passa a ser usada apenas para satisfazer os desejos daquele homem. É possível observar que a garota, assim como tantas outras de sua idade, tinha sonhos e aspirações, no entanto, esses são totalmente destruídos diante da sua nova condição.

Mesmo com tantos anos passados, a situação não muda. Todos os dias inúmeras mulheres são vítimas de violência, seja ela sexual, física ou psicológica, por seus companheiros, pais, familiares e desconhecidos. Sendo assim, mediante os fatos narrados acima, a cultura do estupro e a objetificação do corpo da mulher, basilarmente, da negra, torna-se mais ainda presente dentro da sociedade. Como enfatiza Ribeiro (2018), “visto que seus corpos já vêm sendo violentamente desumanizados historicamente, ‘ultrassexualizados’, vistos como objeto sexual” (RIBEIRO, 2018, p. 117). Ou seja, as mulheres negras são violadas desde a época da colonização e, desde então, elas são sempre silenciadas sobre essa forma de opressão.

Há também a história de Custódia, que não é agredida pelo companheiro, mas sim pela a sogra. Contudo, ela não deixa de também ser silenciada diante da maldade da mulher:

Custódia apanhava da sogra que gritava como se fosse Tonho o agressor. Ele nada percebia. No outro dia, Custódia não se levantou de dor. À tarde, pariu uma menina morta. Dona Santina pegou a Bíblia e orou. Enterrou a criança no fundo do barraco. Lembrou, porém, que naquela área os tratores passariam assim que eles saíssem de lá. Desenterrou, embrulhou o defuntinho em jornais e saiu. Custódia viu tudo. Tonho roncava, de dentro dele saía o hálito de cachaça. Tudo isto acontecera havia uma semana somente. Custódia não entendia por que Dona Santina fizera aquilo. Bem que falavam que Dona Santina, apesar da Bíblia, era muito má (...). (EVARISTO, 2017, p. 84)

No episódio relatado acima, Custódia, ao apanhar de sua sogra, sem nenhum motivo, acaba perdendo o bebê que estava esperando. O marido, Tonho, vivia bêbado e não teve conhecimento do que aconteceu. A mulher também não contava para ele das crueldades de Dona Santinha, pois era mandado por ela. Assim, Custódia, silencia-se: “[...] Havia sido uma violência, mas tinha medo de falar alguma coisa.” (EVARISTO, 2017, p. 82).

Os filhos de Custódia são vítimas do pai, quando o homem silencia os seus sonhos:

Os meninos eram inventivos em tudo. Criavam seus brinquedos. Tinham sonhos lindos! Inventavam doces e picolés. Pegavam a banana e enfiavam num pedaço de pau. Chupavam picolé de banana. Tonho bebia também os sonhos dos meninos. Sonhos tão pobres mas que ele não podia realizar. Uma semana ou outra, em vez de beber, eram doces e biscoitos que ele levava para casa. Então ficava de garganta seca, engolindo o ódio que tinha da vida. Eram os piores dias. Pelo menos bêbado, as coisas não eram tão cruas assim. (EVARISTO, 2017, p. 83)

Aqui temos uma metáfora, em que o pai apaga os sonhos dos filhos, por mais simples que fossem, para ele era quase impossível de realizá-los. Por isso, ele encontrava na bebida um escape para os problemas e esquecia um pouco da vida miserável que tinha. Logo, é compreensível que as crianças, crescendo nesse meio, aos poucos acabem deixando de sonhar e passassem a seguir os caminhos do pai, além de que podem ser facilmente influenciados pelas atitudes da avó.

À vista disso, um ciclo passa a ser repetido, os meninos se casam, têm uma vida regrada, cheia de miséria, bebem e agridem esposa e filhas(os). Silenciando essas vozes que de alguma forma precisam ser ouvidas.

Em *Becos da Memória* o silêncio é marca resultante de um passado conturbado. Desse modo, silenciar, às vezes, para esses indivíduos pode ser um pedido de socorro. Isto é, quando os personagens aqui mostrados falham na comunicação, não externam suas dores, eles são marcados pelo silêncio. Para Le Breton (1997), “o silêncio está carregado de intenções quando a palavra esperada não surge; é sinônimo de segredo se um facto permanece na sombra, fora das investigações (...)” (LE BRETON, 1997, p. 76).

Assim, Ferreira (2018) expõe sobre o silêncio que:

Há silêncios na dúvida, na solidão, na angústia, na introspecção, na origem e no fim das coisas, no excesso, no olhar, na repressão, na inefabilidade de Deus, no infinito do universo, nas imposições, na contemplação, na raiva, no embaraço, no assombro, na ameaça, na expectativa, na desilusão, na natureza e em tantos outros locais, sentimentos e demais possibilidades onde existe linguagem. (FERREIRA, 2018, p. 54)

O autor afirma que há várias formas de silêncio que podem ser compreendidos e ter significado, no entanto, existe um silêncio que não pode ser aceito, que é aquele usado como meio de calar as humanidades. O silêncio deve proporcionar uma linguagem carregada de sentido, para que assim seja construído discursos repletos de resistência.

No romance de Evaristo, o silêncio que se faz presente é visto como um meio de censura. Mosquera (2017), mostra-nos como ocorria no período escravagista:

Los documentos existentes en los archivos no contienen, casi siempre, la voz de los esclavizados porque ellos no tenían acceso al monopolio de la escritura, y además no podían comparecer en juicio por sí mismos; razón por la cual fueron silenciados en

dichas memorias. Esto dificulta el conocimiento de ciertas concepciones y percepciones que ellos tenían de la realidad sociocultural, la manera como expresaban y manifestaban su inconformismo, de cómo percibían el lugar que ocupaban en la sociedad, sus deseos, ambiciones y sueños; especialmente cuando eran sospechosos y peligrosos para expresarlos. (MOSQUERA, 2017, p. 268)

Não conceder oportunidades ao negro, principalmente no período da escravidão, tirava deles as chances de contar os fatos pelas suas perspectivas. Não oportunizar acesso à escrita e à leitura impedia-os de se rebelarem contra o sistema. Dessa forma, privar esses indivíduos era mais cômodo para que a desigualdade a qual viviam não fosse totalmente exposta.

Ainda sobre o silêncio, Ferreira (2018), reitera:

[...] a história é permeada por silêncios que precisam ser desvendados, por pessoas e fatos que foram subjugados ao esquecimento ou...aos porões da história e que precisam ser resgatados e trazidos ao presente, para que a memória dos vencidos também ganhe voz em meio ao silêncio que lhes foi imposto, comunicando um tempo que não pode ser abafado. (FERREIRA, 2018, p. 128)

A partir dessa perspectiva, Maria-Nova, em *Becos da Memória*, entende que manter esse silêncio que censura as verdades de seu povo é algo que precisa ser rompido, por isso, ela vê na escrita um mecanismo de luta e resistência contra aqueles que só mostram o que lhes convém.

Cito:

Um dia, agora ela já sabia qual seria a sua ferramenta, a escrita. Um dia, ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios, os silêncios, o grito abafado que existiam, que era de cada um e de todos. Maria-Nova um dia escreveria a fala de seu povo. (EVARISTO, 2017, p. 177)

A narradora-personagem entende que somente pela escrita ela poderia contar a todos as dores e silenciamentos que seu povo vive. Escrever é seu principal ato de resistência e a história pode enfim ser contada pela visão dos que foram vencidos. As memórias individuais e coletivas de Maria-Nova não podiam ser guardadas, a sociedade precisava conhecer sobre as vidas que continuavam sendo esquecidas.

Portanto, mediante o que foi exposto, o passado não pode continuar a ser repetido, é necessário prosseguir lutando para que os direitos dos afrodescendentes sejam efetivados, que os discursos de igualdades sejam colocados em prática e que a voz desses sujeitos seja ouvida, pois de acordo com Le Breton (1997), “a palavra é o único antídoto para as múltiplas formas de totalitarismo que procuram reduzir a sociedade ao silêncio, para impor uma mão de ferro sobre a circulação colectiva do sentido, neutralizando qualquer pensamento.” (LE BRETON, 1997, p. 16).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo, trata de temas que são imprescindíveis diante da atual conjuntura de nossa sociedade. Racismo, preconceitos, escravização e identidade são temas cruciais para poder compreender a história de um povo tão marginalizado e sofrido.

Conceição é pontual quando traz para a obra personagens que vivem cotidianamente assombrados pelos traumas e feridas que ainda perpetuam dentro do convívio social ao qual estamos inseridos. Percebe-se que mesmo após tantos anos passados, as dores presentes na vida dos afrodescendentes são muito parecidas com as sofridas há séculos.

Os personagens são retratos em um meio corrompido pela falta de sensibilidade e empatia ao próximo. A favela, a qual é tida como “lar”, é reflexo do descaso do governo e da soberba daqueles que detém o poder. Esse ambiente é tratado como entre-lugar de memórias que vai entrando nas feridas, traumas e resistências para ir debulhando as ressignificações das lembranças.

A memória, presente no romance, tem papel primordial, pois é por meio dela que Maria-Nova consegue conhecer e contar futuramente a história de seu povo por outra perspectiva. Halbwachs (1990), mostra que o trabalho de rememoração assume o caráter de uma reconstrução do passado, pois é fruto de um esforço consciente do sujeito, no presente, que busca, em meio ao emaranhado de informações gravadas na mente, percorrer a trilha que lhe conduz às lembranças desejadas.

Nesse viés é importante salientar que durante esse processo de rememoração, as memórias individuais e coletivas, como já destacadas anteriormente, são fundamentais durante esse percurso de construção, uma vez que elas permitem que fatos marcantes não sejam esquecidos.

Durante a escuta das histórias vividas pelos personagens que Maria-Nova constrói parte de sua identidade. Ao se permitir conhecer as narrações dos moradores da favela, a menina sabe que são relatos que remontam o tempo da escravização e ela incorpora essas vivências às suas próprias, tornando-as parte da construção de si mesma.

Assim, é possível compreender a importância que o negro teve durante a construção do país, tendo em vista que esse é um povo repleto de carga cultural significativa e que influenciou grande parte da cultura da sociedade que estamos inseridos. Por isso, faz-se importante conhecer sempre mais sobre o legado que esses indivíduos trazem, assim como Maria-Nova se permite.

Conceição Evaristo, em sua narrativa, tem o objetivo de romper com a visão de inferiorização do negro, bem como o preconceito, racismo e desigualdade social em que esses sujeitos são inseridos. Ela traz denúncias sociais, a começar pelo o espaço ocupado pelos personagens, a favela, onde é retratada a maioria das histórias ouvidas pela narradora-personagem.

A favela é tida como lar para os personagens, apesar da miséria que viviam, ali era o lugar que eles achavam que poderiam ser felizes e sobreviver em meio a tantas injustiças. Contudo, são pegos de surpresa com o plano de desfavelamento, a partir daí muitos traumas serão trazidos à tona, pois a lembrança de um passado escravocrata será revivida.

Os becos da favela de Maria-Nova são palco para muitas histórias de injustiças sociais, violência, preconceito, miséria e desigualdades. As pessoas que ali viviam, passam a vida em busca de uma condição melhor, de um espaço e de reconhecimento. Todos carregam lutas e dores de uma vida toda. Tentam a cada dia sobreviver com o mínimo que lhes são oferecidos.

À luz do exposto, é vivenciando as dores de seu povo que Maria-Nova busca na educação um mecanismo de transformar não só a sua vida, mas a vida de seu povo. É ouvindo as alegrias e tristezas deles que ela poderia ajudá-los a mudar o rumo de suas histórias. A escrita é a única arma que ela pode usar, por isso um dia ela escreveria, “passaria para o papel o que estava escrito, cravado e gravado no seu corpo, na sua alma, na sua mente.” (EVARISTO, 2017, p. 151).

Evaristo narra em sua obra os meios de calar a voz negra diante de tantos descasos da sociedade, um desses é a tentativa de silenciamento dessas pessoas, por meio da violência física, sexual, da marginalização e da falta de oportunidades. Essas práticas são tidas desde o período de colonização, em que o colonizador tentava a todo custo, silenciar as dores dos negros e escravos, para isso práticas de violência eram usadas a fim de coibir qualquer tipo de rebeldia e manifestação dos colonizados.

A autora mostra o corpo da mulher negra como objetificação sexual, por meio das personagens Cidinha-Cidoca e Dora, muitas vezes tratadas como prêmios pelos homens que as tinham. Esse tratamento é uma das marcas deixadas pelos colonizadores que viam a mulher somente de duas maneiras: para satisfazer seus desejos íntimos e para cuidar do trabalho em suas casas.

Nesse sentido, todos os meios de calar as mulheres e homens são formas de silenciamento que, conforme Olandi (2007), é um silenciamento que não é estar em silêncio, mas pôr em silêncio. Isto é, são obrigados a silenciar diante de tudo que lhes ferem, sendo subordinados séculos após séculos. Logo, Conceição Evaristo, por meio das narrativas

contadas, mostra que é preciso romper esse silêncio e persistir lutando por seus direitos, dado que poder se posicionar é poder exercer seu direito de cidadão.

Portanto, ao longo da análise do romance aqui apresentado, depreende-se a importância do estudo das Humanidades, pois mediante o conhecimento da História do povo negro, é possível refletir sobre temáticas tão imprescindíveis para a sociedade. O estudo permite a valorização do humano e a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Nessa conjuntura, Conceição Evaristo, em *Becos da Memória*, mostra uma literatura carregada de solidariedade e empatia ao próximo. Através de sua escrita, ela proporciona um universo de reflexões a respeito do papel afrodescendente na construção identitária do país. Além do mais, a autora permite a fala de pessoas discriminadas, subalternizadas e marginalizadas – falas que ecoam para além das favelas que moram, mas que muitas vezes são silenciadas.

A obra evaristiana nos permite fazer leituras sobre os personagens que são expostos na narrativa, apresentando a trajetória de cada um, uma vez que essa é carregada de traumas e dificuldades. Isto posto, é válido destacar que cada possível leitura passa por momentos que estão ligados à escravização, racismo e marginalização e que tudo isso contribui de forma significativa na contemporaneidade para a construção das identidades.

Sendo assim, é crucial refletir sobre a sociedade brasileira, assim como sobre os valores e as ideologias que são pregados por muitos, associando o negro somente a suas capacidades físicas, espirituais e sexuais. Pois é sabido que, devido a pensamentos como esses, o colonialismo silenciou na população afrodescendente muito da sua ancestralidade e cultura, colocando-a, por vezes, no lugar de julgamentos, abrindo uma ferida que dificilmente cura, pois sangra constantemente porque nunca foi devidamente tratada.

Por fim, mediante tudo o que foi exposto, espera-se que esta pesquisa possa contribuir, de alguma forma, para a reflexão sobre uma sociedade mais justa e igualitária. Que as memórias individuais e coletivas permitam a compreensão do processo identitário do país. E que a literatura seja sempre vista como papel humanizador e denunciador de tantas injustiças sociais cometidas aos longos dos anos.

REFERÊNCIAS

ACHARD, P.; DAVALON, J.; DURAND, J. L. **Papel da memória.** Tradução e introdução: José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.

ALMEIDA, S. L. de. **Racismo estrutural.** São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2021.

AZEVÊDO, K. T. S. de. **Pobreza, marginalização e segregação socioespacial:** uma visão teórica das periferias urbanas. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Geografia e Território: Planejamento Urbano, Rural e Ambiental) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2012.

BANZO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/banzo/>. Acesso em: 20 set. 2021.

BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual.** Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. **Identidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política.** São Paulo: Brasiliense, 1987. Obras escolhidas.

BERND, Z. **A persistência da memória:** romances da anterioridade e seus modos de transmissão intergeracional. 1ª ed.

BORDENAVE, J. E. D. **O que é participação.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

BOSI, E. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. 19 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

CAMPOS, M. C. C.; DUARTE, E. de A. Conceição Evaristo. In: DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil:** antologia crítica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. V. 2: Consolidação.

CANDAU, J. **Memória e identidade.** Trad. Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CASTEL, R.; WANDERLEY, L. E. W.; PAUGAM, S.; BELFIORE-WANDERLEY, M. **Desigualdade e a Questão Social.** EDUC - Editora da PUCSP, 1ª ed, 2013.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de Símbolos:** mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 17ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

COSER, S. Conceição Evaristo: circuitos transnacionais, entrelaçamentos diaspóricos. **Literafro: o portal da literatura afro-brasileira.** Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/29-critica-de-autores-feminios/193-conceicao-evaristo-circuitos-transnacionais-entrelacamentos-diasporicos-critica>. Acesso em: 19 mai. 2021.

COSER, S. Dores negras, culturas híbridas: Conceição Evaristo e Gayl Jones. In: SILVA, Denise Almeida; EVARISTO, Conceição (Org.). **Literatura, história, etnicidade e educação: Estudos nos contextos afro-brasileiro, africano e da diáspora africana**. Frederico Westphalen: URI, 2011. P. 297-312.

CRUZ, J. C. **Uma análise da personagem narradora em Becos da memória, de Conceição Evaristo**. Dissertação (Mestrado em Literaturas de Língua Portuguesa). Pontifícia Universidade Católica De Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

DAVIS, M. **Planeta favela**. São Paulo: Boitempo, 2006.

DU BOIS, W. E. B. Sobre Nossas Lutas Espirituais. In: DU BOIS, Willian E. B. **As Almas da Gente Negra**. Tradução de Heloísa Toller Gomes. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999 [1903]. p. 51-62.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 3. ED. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

_____. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

_____. Conceição Evaristo por Conceição Evaristo (depoimento). **I Colóquio de Escritoras Mineiras**. Minas Gerais, maio de 2009. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafrro/data1/autores/43/dadosatualizados3.pdf>. Acesso em: 05 mai. 2021.

_____. **Nossa Escrivência**. Maricá/RJ. 2015, Disponível em: <http://nossaescrevencia.blogspot.com/>. Acesso em: 06 jun. 2021.

_____. **Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo / organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes; ilustrações Goya Lopes**. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FANON, F. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2008.

FAVELA. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/favela/>. Acesso em: 06 set. 2021.

FERREIRA, A. C. **Escrivências, as lembranças afrofemininas como um lugar da memória afro-brasileira**: Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Geni Guimarães. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2013.

FERREIRA, Y. N. **O silêncio incessante em narrativas de Luiz Vilela/Yvonélio Nery Ferreira**. 1. ed. – Curitiba: Appris, 2018.

FERREIRA, R. da S.; RAMOS, C. P. Memória da cidade: O espaço como elemento formador da narrativa em *Becos da Memória*. **Associação Brasileira de Leitura Comparada**. Disponível em: <https://abralic.org.br/anais-artigos/?id=2645>. Acesso em: 05 fev. 2022.

FONSECA, M. N. S. Construindo uma colcha de memórias. In: EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GILROY, P. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. Tradução: Cid Knipel Moreira. São Paulo: Editora 34. Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centros de Estudos Afro-Asiáticos, 2012 (2ª Edição).

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

_____. **A memória coletiva**. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

HALL, S. Identidade Cultural e Diáspora. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Brasília, n. 24, p.68-75, fev. 1996.

_____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Tradução de Adelaine La Guardia Resende... [et al]. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. **Cultura e Representação**. Organização e Revisão Técnica: Arthur Ituassu. Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO: Apicuri, 2016.

HAMPATÉ-BÁ, A. Tradição Viva. In: **Introdução à Cultura Africana**. Lisboa: Edições 70, 1977.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Tradução Jess Oliveira. 1. Ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LAGO, L. A. C. do. **Da escravidão ao trabalho livre**. Companhia das Letras; 1ª ed., 2014.

LE BRETON, D. **Do Silêncio**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 1996.

LE MOS, M. T. T. B. As estratégias da memória e a construção da identidade. **Revista Latinidade**, Rio de Janeiro, RJ, v. 1, n. 1, p.1-11, 2015. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/latinidade/article/view/17996> Acesso em: 10 set. 2021.

LIMA, J. D. de. Conceição Evaristo: ‘minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra’. **Nexo Jornal**, 2017. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99>. Acesso em 07 jun. 2021.

LÖWY, M. **Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses** “Sobre o conceito de história. Tradução: Wanda Nogueira Caldeira Brant, Jeanne Marie Gagnebin, Marcos Lutz Müller. São Paulo: Boitempo, 2005.

MARINGOLO, C. C. B. **Ponciá Vicêncio e Becos da Memória de Conceição Evaristo: construindo histórias por meio de retalhos de memórias.** Dissertação (Mestrado em Letras), Unesp, Araraquara, 2014.

MEDINA, C.A. **A favela e o demagogo.** São Paulo: Martins Editora. 1964.

MICHEL, M. H. **Metodologia e Pesquisa Científica em Ciências Sociais: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos.** 3 ed. São Paulo: Atlas, 2015.

MICHAEL, P. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941> Acesso em: 10 set. 2021.

MIGNOLO, W. **Histórias locais / projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

MOSQUERA, Sergio Antônio. **La trata negreira y la esclavización: Uma perspectiva histórico -psicológica.** Apidama ediciones. Bogotá, marzo de 2017.

NASCIMENTO, A. do. **O Brasil na mira do Pan-africanismo.** Salvador: EDUFBA, 2002.

NASCIMENTO, A. do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado.** Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra S/A, 1978.

ODA, A. M. G. R. Escravidão e nostalgia no Brasil. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 11, n. 4, p. 735-761, dezembro 2008.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio no movimento dos sentidos.** – 6ª ed. – Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2007. E-book.

OLIVEIRA, L. H. S. de. “Escrivivência” em Becos da memória, de Conceição Evaristo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 2009.

PALMEIRA, F. S; SOUZA, F. S. Representações de Gênero e Afrodescendência na obra de Conceição Evaristo. In: **Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, 4., 2008, Salvador, Anais... Salvador: Faculdade de Comunicação/UFBA, 2008.

PASCALE, Ademir. Conceição Evaristo. **Conexão Literatura**, 2017: 5-10. Disponível em: <http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/2017/06/conceicao-evaristo-destaque-da-nova.html?m=1>. Acesso em: 06 jun. 2021.

PEREIRA, E. de A. **Malungos na escola – Questões sobre as culturas afrodescendentes e educação.** São Paulo: Edições Paulinas, 2007. (Acompanhado de entrevista com a escritora).

PYNSKY, J. **A escravidão no Brasil.** 21. ed. – São Paulo: Contexto, 2010.

POLLAK, M. **Memória e Identidade social.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5. n. 10, 1992.

RIBEIRO, D. **Quem tem medo do feminismo negro?** 1. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SELIGMAN-SILVA, M. **História, memória, literatura:** o testemunho na Era das Catástrofes. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

SCHIMIDT, M. A. C. Breve história da literatura negra. **Usina das Letras**. Bahia, abril de 2005. Disponível em: <http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=36006&cat=Artigos&vinda=S>. Acesso em 08 ago. 2021.

SCHMIDT, S. P. Sobre favelas e musseques. **Ipotesi**. Juiz de Fora, v. 14, n. 2, julho./dezembro de 2010. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/04/17-Sobre-favelas-e-musseques.pdf>. Acesso em: 02 set. 2021.

SILVA, M. M. O. **As Mulheres de “Becos da Memória”:** reflexões sobre gênero e raça no ambiente da favela. Universidade Federal do Espírito Santo, II Congresso Nacional Africanidades e Brasilidades, ago. 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/thamiristeixeira,+Marcia+Maria+Oliveira+Silva.pdf>. Acesso em 04 set. 2021.

SUBUTZKI, G. S. **Favelas e Villas Miseria:** um diálogo sobre os espaços urbanos marginais. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

VICINIESCKI, B. **Conceição Evaristo e suas contribuições como escritora e pesquisadora.** Anais do I CONEIL. Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <http://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/72057>. Acesso em: 26 jun. 2021.

ZERO, M. A. Participação, marginalidade e marginalização social. **Revista Nucleus**, v.2, n.1, abr./out. 2004. Disponível em: <http://www.nucleus.feituverava.com.br/index.php/nucleus/article/view/421#:~:text=PARTICIPA%C3%87%C3%83O%2C%20MARGINALIDADE%20E%20MARGINALIZA%C3%87%C3%83O%20SOCIAL,Maria%20Aparecida%20Zero&text=Espec%C3%ADfica%20a%20necessidade%20da%20forma%C3%A7%C3%A3o,irregularmente%20classificados%20de%20marginalidade%20social>. Acesso em: 17 set. 2021.